

**TRÊS RETÁBULOS DA “SALA DA CAPELA DE DELÃES” DO MUSEU DE SANTA MARIA DE LAMAS: MEMÓRIA, SOB FORMA DE TALHA DOURADA, DA DEMOLIDA IGREJA PAROQUIAL DO DIVINO SALVADOR DE DELÃES (VILA NOVA DE FAMALICÃO)**

*O contributo do estudo destes três Retábulos de séc. XVIII e linguagem Rocaille (“Rococó”), para o levantamento de parte da História da Arte e memória patrimonial Delaense. Bem como, dos próprios hábitos colecionistas de Henrique Amorim (1902-1977), sendo, à luz da investigação atual, um caso raro em termos de conhecimento histórico de parte do seu legado até incorporação no Museu.*

**- Parte I: Subsídios e procedimentos de investigação.**

José Carlos de Castro Amorim\*

**Resumo**

Existe na coleção de Arte Sacra de *Henrique Amorim* (1902-1977) e por conseguinte no acervo do *Museu de Santa Maria de Lamas*, numa área expositiva denominada de “*Sala da Capela de Delães*”, um curioso segmento de três estruturas retabulares completas – não obstante ligeiras marcas ou pormenores de estropiamento subtil decorrente do seu processo de desmontagem, ainda no espaço de origem, sequente acomodação, transporte até



*St.ª M.ª de Lamas*, incorporação e ensablagem, já no contexto expositivo do Museu – cujo conhecimento do seu pretense legado existencial será possível de traçar.

Através da análise cuidada de fontes escritas e imagéticas publicadas ou arquivadas, associadas a pequenos registos de “tradição oral” e/ou “memória popular” delaense, percebemos que estes três Retábulos de Talha dourada advieram da demolida “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”. Uma Igreja Matriz inicialmente datável entre 1745 e 1746 – com a aurora do seu processo construtivo aferida a partir de documento provisional de 21 de janeiro de 1745 e respetiva conclusão, licença para bênção e abertura inscrita a 30 de novembro de 1746 - adaptada nos anos, décadas e séculos subsequentes, mas extinta e substituída no século XX por nova edificação. Numa empreitada restrita à década de 1960, cuja “Primeira Pedra” do Altar-mor e parte significativa do devido edificado foi lançada simbolicamente a 15 de maio de 1960 e os respetivos trabalhos prolongados até 8 de setembro de 1963.

\*Historiador de Arte Licenciado em História da Arte e Mestre em História da Arte Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Técnico Superior de História da Arte no Museu de Santa Maria de Lamas.



Fig. 01 Perspetiva interior da “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas com destaque, ao centro e através de retângulo de sinalização, para aquele que seria o Retábulo e Altar-mor de Talha dourada da segunda metade do século XVIII – sobretudo enquadrável no terceiro quartel da centúria - da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” (incorporado no Museu de Lamas em 1960, numa datação posterior a 22 de abril desse mesmo ano). © José C. Amorim.

Durante cerca de duzentos e catorze anos aproximadamente, a “Igreja Velha” do *Divino Salvador de Delães*, e por conseguinte o seu Retábulo e Altar-mor acompanhado pelos dois Retábulos e Altares laterais hoje, e desde a sua trasladação adaptados ao ofício museológico no espólio de *Henrique Amorim*, corresponderam às ânsias e diretivas de culto de uma Vila e Paróquia pertencentes ao território concelhio e comarca de *Vila Nova de Famalicão* (até ao século XIX alocada à comarca de *Barcelos*), e à *Arquidiocese de Braga*.

Todavia, segundo as informações disponíveis, sobretudo veiculadas nas páginas de periódicos coevos e da esfera nortenha, minhota e famalicense, com superior efetividade em maio de 1960 mas decursiva

de processos reflexivos, projetos e debates ideológicos vigentes não só nos meses, como nas décadas anteriores que consideravam cada vez mais exíguo o espaço da “Igreja Velha” face às necessidades da população – em franco progresso, crescimento demográfico e de fiéis - a comunidade delaense iniciou, por vontade popular e eclesiástica, a construção da nova e atual Igreja Paroquial. A antiguidade do desejo da Paróquia e Vila de *Delães*, extensível à própria Arquidiocese é aliás notória, tanto na edição de 7 de setembro de 1946 do semanário católico “*Notícias de Famalicão*”, como em diferentes registos jornalísticos de 1959 ou dos primeiros meses de 1960, antecessores do início das primeiras diligências de demolição e empreitada de construção faseada do novo Templo.



Fig. 02 Registo fotográfico de autoria desconhecida proveniente de arquivo particular, incluído num Boletim editado pela Junta de Freguesia de Delães - sem referência ao respetivo ano de publicação. Esta fotografia contempla a envolvência e arquitetura exterior da antiga e setecentista (de séc. XVIII), “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, Matriz da qual advieram para o Museu de Lamas, após 22 de abril de 1960, os seus três retábulos interiores. Pelo instantâneo captado e informação suplementar, viver-se-ia diante da dita “Igreja Velha” um momento festivo no decurso da década de 1930. © Ext. JUNTA DE FREGUESIA DE DELÃES - Guia turístico / Boletim da Junta de Freguesia de Delães. Delães: Junta de Freguesia de Delães, (s/d), p. 11.



Fig. 03 Documento imagético enquadrável entre 1962 e 1964, difusor de pormenores do Retábulo e Altar-mor proveniente da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” (após incorporação, sucedida, decerto, a partir de 22 de abril de 1960, na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas). Este apontamento fotográfico enaltece, entre diferentes “concheados” e “rocalhas”, um dos “mascarões” característicos desta Retabulística de linguagem estilística Rocaille (Rococó). A fotografia em causa, corresponde à passagem do estuioso da Talha portuguesa Robert Smith (1912-1975) por Santa Maria de Lamas, no desenrolar do seu levantamento da Talha dourada portuguesa. Como descritivo de catalogação, o Arquivo digital da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian identifica esta fotografia da seguinte forma: “Museu de Santa Maria de Lamas, Santa Maria da Feira, Portugal / Retábulo de Famalicão: pormenor, ca. 1760-75, século 18. / Fotógrafo: Robert Chester Smith (1912-1975). / Data de produção da fotografia original: 1962-1964. / [CFT008.0072.ic]”. © Ext. <https://www.flickr.com/photos/biblar-te/9618940833/in/photostream/> - 14/05/2020, 23 h 03 m.

Inaugurada ao culto a 8 de setembro de 1963 com toda a “pompa e circunstância”, a “Igreja Nova” em causa foi erigida no mesmo lugar da predecessora,

demolindo-a na sua arquitetura e despojando-se da Talha dourada interior - razão pela qual o seu conjunto retabular foi transacionado e desde aí exposto no *Museu de Lamas*. Neste processo decisório, operacionalização, acompanhamento e angariação de fundos para tamanho levantamento local evidenciam-se, entre diversas entidades de relevo, o pároco titular deste período, *Francisco Alves Pimenta*, as Comissões fabriqueiras subsequentes, instaladas e ativas de 1960 a 1963. E, entre dádivas, diligências, vendas (como a dos Retábulos adquiridos por *Henrique Amorim*), contribuições estatais, autárquicas, arquidiocesanas e donativos da população, salta à vista o empenho e contributo fundamental do industrial de referência e filantropo *Augusto Correia de Abreu* (1890-1966).

Quanto à tríade de Retábulo-mor e dois Retábulos laterais com traçado e pormenores decorativos de linguagem estilística correspondentes entre si, próprios de um certo *Rocaille* (em português, *Rococó*) do Norte de Portugal (do Entre Douro e Minho), sob variante regional minhota; do ponto de vista cronológico, embora sem comprovativo arquivístico ou tabeliônico aferido até à data, seriam enquadráveis na extensão da segunda metade de setecentos, fundamentalmente no terceiro quartel do século XVIII. Incorporados no denso museu lamacense após 22 de abril de 1960 – data na qual se fez publicar o anúncio de disponibilidade de venda desta Retabulística delaense nas páginas do semanário “*Notícias de Famalicão*”, sob crivo do próprio pároco em exercício, *Francisco Alves Pimenta* - seriam os únicos desse espaço religioso prévio. Aliás, este número de três Retábulos com Altar da antiga, setecentista e demolida “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*” está inscrito documentalmente, pelo menos desde 1758,



Figs. 04, 05 & 06 Percepção de correspondência estilística e identificação inequívoca de pormenores decorativos do Retábulo e Altar-mor da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de linguagem Rocaille (Rococó), proveniente da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” e exposto, sensivelmente desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, no Museu de Lamas. Através de análise cuidada e contraponto efetuado entre estrutura retabular in situ (na “Sala da Capela de Delães” do Museu), e uma fotografia prévia a 22 de abril de 1960, correspondente a um matrimónio ocorrido no interior da Capela-mor da antiga “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, vislumbramos o pároco, os nubentes e uma criança na “cabeceira” deste Templo junto ao Retábulo e Altar-mor hoje, e desde 1960, incorporado no Museu de Lamas. Não existindo um registo global do Retábulo em causa, neste documento imagético a percepção de que estamos diante do mesmo Retábulo e Altar-mor da “Sala da Capela de Delães”, mas patente no seu espaço de origem, advém, à esquerda, de um pequeno pormenor decorativo único que a fotografia perpetua. Especificamente de um “mascarão” típico do “Rococó”, mas bastante singular e restrito na sua forma ao conjunto de Retabulística delaense, passível de o demarcar e identificar com margem de erro praticamente nula. À esquerda, figuras 04 e 05, alusivas à perpectiva geral e ao pormenor de um “mascarão” característico do Retábulo e Altar-mor setecentista, no seu contexto expositivo e função museológica atual. À direita, figura 06, Fotografia de autoria não referenciada, proveniente da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Ausente de referência cronológica exata, este documento e fonte imagética será sempre enquadrável no século XX, num momento anterior a 22 de abril de 1960, precedente, portanto, à demolição da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. © José C. Amorim.

nas “Memórias Paroquiais de Delães e Vermoim”, permanecendo nessa mesma quantificação séculos depois, num manuscrito não editado e redigido a 10 de fevereiro de 1955 pelo historiador famalicense Vasco de Carvalho (1888-1961). Também grande parte dos testemunhos derivados da já referida “tradição oral” e/ou “memória popular” dos delaenses que vivenciaram o culto in situ na “Igreja Velha”, em consonância com os parágrafos vigentes nas “Memórias Paroquiais” e no escrito de Vasco de Carvalho, confirmam essa numeração de apenas três estruturas retabulares munidas de Altar,

como as únicas no recheio desse Templo até à ocorrência do seu desmembramento e demolição.

Diligências de destruição para sequente edificação cuja imprensa local, sobretudo diferentes números do Semanário católico regionalista “Notícias de Famalicão” do ano de 1960, permitem balizar com maior incidência entre meados / segunda metade de abril (na qual se verifica a existência do anúncio de disponibilidade de venda da Retabulística interior) e o decurso dos meses de maio, junho e julho. Sem esquecer que a transição entre abril, maio e junho terá sido crucial nesta tríade

“despojamento - demolição - construção”, pois antes da própria visita do Arcebispo Primaz em exercício, para inaugurar a renovada Residência Paroquial e lançar, a 15 de maio, a “Primeira Pedra” do futuro Altar-mor e restante corpo da “Igreja Nova”, subentende-se que uma parte significativa do Templo precedente já estaria despojada de património móvel e a sua estrutura imobiliária desmembrada em certa medida. Dando-se conta de que nesse mesmo dia 15 de maio de 1960, apesar da falta de clareza total e inequívoca dos registos de periódicos aferidos, a sua nova Capela-Mor, por si só maior do que a dita “Igreja Velha”, já estaria levantada ou delimitada mas longe de todo e qualquer acabamento, que só se verificaria anos mais tarde com a devida inauguração ao culto a 8 de setembro de 1963. Data apenas de 8 de julho de 1960 a primeira menção escrita, num artigo publicado no semanário “*Notícias de Famalicão*”, que confirma a demolição total da “Igreja Velha” e sublinha o uso provisório da Capela-mor da nova Igreja como núcleo de culto e cerimonial local, mesmo durante a construção do espaço remanescente da futura “Igreja Nova”.

Se as três estruturas de Retabulística em Talha dourada arroladas desde 1758 nas “*Memórias Paroquiais*” seriam exatamente as mesmas, sem remodelação, permuta integral ou intervenção na sua gramática, que chegaram séculos depois ao *Museu de Lamas*, não possuímos, até agora, fundamentos suficientes para o afirmar peremptoriamente. Mas é legítima a suposição executada, sobretudo pelo hiato cronológico que o seu programa plástico Rococó sugere, o terceiro quartel do século XVIII no qual figura o ano de 1758. Contudo, até obtermos evidências que plassem irrefutavelmente o(s) ano(s) de produção e acabamento

destes elementos, sobretudo “riscos” (termo para desenhos de projeto), ou contratos de execução caso subsistam, não podemos deixar de equacionar que este conjunto retabular chegado a *Santa Maria de Lamas* deveras no ano de 1960, após 22 de abril, poderia advir, não só, da construção inicial da “*Igreja Velha*” de *Delães*, de 1745 / 1746 ou de uma data próxima; de um qualquer melhoramento decorrente até 1758. Ou, por fim, de uma cronologia e intervenção posterior às “*Memórias Paroquiais*” de 1758, balizada desde aí até cerca de 1775, o término do terceiro quartel do século. Período de maior vigência deste estilo no território minhoto, sem descurar a hipótese de extensão deste marco cronológico até ao próprio final de setecentos (às últimas décadas ou anos do século XVIII).

Resultante da primeira fase construtiva do edifício do *Museu de Lamas*, concluída numa data anterior a 5 de março de 1959 (pois integra a listagem de espólio e edificado que nesse mesmo dia, através de escritura oficial, foram doados pelo próprio *Henrique Amorim* em benefício da *Casa do Povo de Santa Maria de Lamas*), a Sala que viria a adaptar-se e albergar os três Retábulos da “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*” possuía um desígnio primitivo, permutado com a devida ensablagem da Talha dourada em causa.

Veiculada nalguma imprensa lamacense e documentação de época através do termo “*Capela Funda*”, antecessor do albergue das estruturas dela-enses, subentende-se que esta área previamente existente, repleta, desde 1959, de fragmentos e Retábulos de Talha dourada e Imaginária de proveniências distintas entre si, obteve renovada dinâmica expositiva e mesmo nominal a partir de 1960. Ganhando desde aí e numa data decorrente de 22 de abril desse ano, o “topónimo” de “*Sala da Capela de Delães*” que prevalece nos dias de hoje. Cuja interpretação errática, desmistificada

pelas considerações disruptivas do estudo atual, de que seria um espaço de cristalização deslocalizada do recheio total, ao nível da Talha dourada, de uma Capela privativa permutada de *Delães* para *Santa Maria de Lamas*, permaneceu durante décadas na “memória popular” de transeuntes e visitantes. Ou de que toda a Talha que preenche a globalidade deste perímetro proviria da Igreja Paroquial delaense.

## Palavras-chave

Talha dourada; Rococó; “Igreja Velha” do Divino Salvador de Delães; Colecionismo; Museu de Lamas.

## Introdução

### (Estado da Arte, objetivos, condicionantes, considerações metodológicas e agradecimentos)

Aos Delaenses e à cristalização da memória do seu edificado extinto e património artístico trasladado.

Ao *Museu de Santa Maria de Lamas*, cujo conhecimento profundo das particularidades históricas e artísticas do profuso acervo que o preenche sedimentará, cada vez mais, o seu propósito de referência da cultura e museologia local, concelhia e nacional!

“(…) *É meu desejo que todo o espólio do museu seja respeitado (...)*”

*Henrique Alves Amorim (1902-1977)\**

\*Excerto escrito e explícito da vontade firmada pelo Fundador e Colecionador do *Museu de Santa Maria de Lamas* no seu próprio *Testamento de 12 de fevereiro de 1977*.

Exercer a responsabilidade patrimonial perante o acervo do *Museu de Santa Maria de Lamas* (apelidado também de “*Museu da Cortiça*”<sup>1</sup>, vulgo *Museu de Lamas* e abreviado para MSML), é uma obrigação que o próprio Fundador perpetua e clarifica no seu testamento<sup>2</sup>.

Levando a entidade que dele beneficia – a *Casa do Povo de Santa Maria de Lamas*<sup>3</sup> - a preservar, conhecer e difundir, desde a doação efetuada a 5 de março de

---

1 Designio popular, fomentado pela própria comunidade envolvente e público-alvo, sobretudo a partir dos anos 60 ou 70 do século XX, bastante redutor perante a multiplicidade do acervo exposto e arquivado no MSML. Que resulta, na sua essência, da faceta empresarial do Colecionador e Fundador deste espaço museológico - um dos vultos mais importantes da História da Indústria transformadora de cortiça na região e no país. Associado à peculiaridade de uma das áreas expositivas deste Museu (atualmente restrita na circulação e visionamento do público, devido à intervenção e readaptação profunda que recebe), denominada pelo próprio *Henrique Amorim* como “*Pavilhão de/da Cortiça*” (*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, 1978, p. 8.) – também conhecida pelo termo “*Sala da Cortiça*”. Que se distingue e caracteriza pela “luz própria” que possui; pé direito elevado; amplitude da sua área. E essencialmente tributo que prestou, durante décadas, à Indústria corticeira, sua Arqueologia Industrial e matéria-prima, a Cortiça. Invocando-a pelo seu “cariz fabril”, mas demonstrando que as suas potencialidades são vastas. Usando-a, inclusive, como suporte artístico para assinalar a nacionalidade portuguesa. Em exclusivo, alguns capítulos da sua narrativa histórica/heróica; parte do seu património edificado ou esculpido. E ainda, a etnografia, os hábitos, a religião, algumas profissões e tradições populares locais e nacionais (DIAS & GONÇALVES, 1979, pp. 25-26.; CLETO & FARO, 2000, pp. 21 – 22. & BOTELHO & FERREIRA, 2005, p. 19.).

2 “*Testamento cerrado de Henrique Alves Amorim*”, reproduzido e publicado na íntegra em fevereiro de 1978 – cerca de um ano após a morte deste vulto – no trigésimo nono número, do quarto ano do periódico local “*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*”. No conteúdo desta “fonte primária”, redigida e oficializada a 12 de fevereiro de 1977 (oito dias antes da sua morte), a par da estrutura testamental que reforça as vontades *post mortem* (após a morte), deste Homem, subsiste uma descrição global, sob o seu olhar, do acervo e áreas constituintes do *Museu de Lamas*. Assim como, de grande parte do património legado à população e localidade santamariana – vd. *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, 1978, pp. 8-9.

3 Instituição local fundada em grande parte por iniciativa de *Henrique Amorim*, no ano de 1958 (nos dias de hoje e após 1974/1977, uma associação particular sem fins lucrativos em pleno processo de transição para fundação, distante, por isso, de grande parte da “personalidade jurídica”, alguns propósitos existenciais e funcionalidades que obtivera durante o período do *Estado Novo*). Esta realização foi devidamente apoiada pelo grande defensor do “Corporativismo e das Casas do Povo” do *Estado Novo*. O seu amigo e conterrâneo lamacense, *Henrique Veiga de Macedo* (1914-2005), sem dúvida uma personalidade fulcral na instigação, aconselhamento e auxílio da própria obra benemérita que *Henrique Amorim* legou à sua localidade (*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, 1978, p. 5.).



Fig. 07 Henrique Amorim (1902-1977) numa visita oficial, de dignitários locais, regionais e nacionais, captado em plena exposição oral e circulação no interior do Museu de Lamas, na terceira sala do Piso superior deste edifício – a “Sala dos Evangelistas” - junto ao varandim contemplativo e à escadaria de acesso para a sala que, numa datação posterior a 22 de abril de 1960, incorporou os três Retábulos provindos da dita “Igreja Velha” de Delães. Em virtude da ensablagem da Retabulística delaense, o espaço expositivo que acolhe as suas três estruturas de Talha dourada no Museu de Lamas veria a sua designação alterada de “Capela funda” para “Sala da Capela de Delães”. Fotografia de autoria desconhecida, cronologicamente votada ao intervalo que medeia 1959 e o primeiro mês de 1977. © Arquivo imagético do Museu de Lamas.

1959<sup>4</sup>, um mirífico espólio incorporado nas dependências de uma arquitetura orgânica. Construída de raiz apenas e só para este efeito, crescente no número de salas de acordo com a frequência, linha cronológica e volume de aquisições das coleções integradas.

Iniciado, de forma simbólica, através das suas primeiras quatro / cinco salas (vd. figs. 07 e 08) e finalizado na numeração colossal de dezasseis áreas constituintes, o edificado do *Museu de Lamas* evidencia-se no interior do Parque que o acolhe, desde logo pela sua estrutura *sui generis* e envolveria expositiva externa (na qual suspeitamos inclusive, através de contraponto fotográfico mas ainda sem base documental, científica ou peritagem laboratorial capaz de o comprovar inequivocamente, subsistem alguns elementos pétreos, sobretudo pináculos, derivados, tal como os três Retábulos em estudo, da demolição da antiga “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”).

---

4 Em 5 de março, numa atitude reflexiva do seu perfil filantrópico e de apreço pelo desenvolvimento cultural de *Santa Maria de Lamas* e população constituinte, o Fundador do Museu procedeu à doação do edifício e respetivo espólio histórico, artístico, científico, etnográfico e industrial para a Casa do Povo desta localidade (*União. Mensário de Santa Maria de Lamas, 1978, p. 7.*). Em virtude do término da sua primeira fase construtiva, nesta doação patrimonial firmada em 1959, do ponto de vista da sua arquitetura e acervo exposto, o MSML abarcava apenas “o pavilhão onde existia a Casa de Numismática, a Capela alta, a Galeria dos Arcos com o teto em pinturas e a Capela funda” (*União. Mensário de Santa Maria de Lamas, 1978, p. 8.*). Áreas posteriormente “rebatizadas”, ainda durante a vida do próprio *Henrique Amorim*, para os termos: “Sala 0 – Receção”; “Sala 1 – Sala de Nossa Senhora do Ó” (correspondentes à antiga “Casa de Numismática”); “Sala 2 – Sala da Capela” (anterior “Capela Alta”); “Sala 3 – Sala dos Evangelistas” (resultante da “Galeria dos arcos com o teto em pinturas”); e, por último, a “Sala 16 – Sala da Capela de Delães” (alusiva à “Capela Funda” – designio que antecede a remontagem neste espaço, a partir de 1960, da Retabulística setecentista (séc. XVIII), proveniente da antiga e demolida “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”). Sendo essas denominações renovadas, perpetuadas e difundidas até ao momento atual, obtendo maior regularidade a partir do processo interventivo que o Museu recebe desde 2004. Embora não exista uma escritura de doação similar à de 1959, atualizada em virtude das fases construtivas - e subsequente cessação das mesmas - que se seguiram a esta cronologia (1968 e 1977), todo o património anexado ao MSML a partir daí e até à morte do seu Fundador, beneficiou naturalmente de inclusão direta na tutela dos bens patrimoniais da Casa do Povo de *Santa Maria de Lamas*. Referido como “seu”, em vida, mas sempre ao dispor da fruição cultural da comunidade, todo este acervo foi “oferecido” em 1959 e nos anos subsecutivos, por única e exclusiva vontade do próprio Colecionador (*União. Mensário de Santa Maria de Lamas, 1974, p. 1.*). Uma atitude de filantropia declarada, cujo teor do próprio Testamento pessoal de 1977 reforça na sua plenitude.

Ausente de autoria de planta, este complexo, bastante peculiar no contexto museológico nacional, denota na sua estética um certo influxo cívico, religioso e dos valores morais e plásticos da sua época de incremento, o regime político, ditatorial, social e cultural do *Estado Novo* português (1926-1974). Aliás, muitos desses padrões doutrinários, associados a pressupostos estéticos e construtivos cívicos e mesmo cristãos em voga, foram do agrado de *H. Amorim* que os plasmou de forma explícita no seu Museu (DIAS & GONÇALVES, 1979, pp. 23-26. ; SANTOS, 1997, p. 94. ; BOTELHO & FERREIRA, 2005, pp. 15-19. ; COELHO, 2005, pp. 9-13. ; BAPTISTA, 2008, p. 46.).

É essa mesma arquitetura e miscelânea decorativa que, associada ao método de incorporação, ensablagem e exposição de objetos do acervo perpetrada, sugerem um certo ilusionismo na perceção, à primeira vista, tanto da fachada como de certos ambientes interiores do Museu. Ou seja, de assimilação de algumas funcionalidades que objetivamente nunca foram as suas. Aliás, uma característica especialmente válida no entendimento primário de duas salas deste espaço, a “*Sala da Capela*” e a “*Sala da Capela de Delães*” (vd. fig. 01). Nas quais, apesar do seu aspeto unitário de “Capela ou Igreja”, nunca se verificou tal propósito e ofício. Conservando, em maior número, Talha dourada e esculturas de Imaginária de proveniências distintas entre si, organizadas ceno-graficamente segundo o intuito de réplica visual da escatologia corrente de uma estrutura religiosa, despojadas da sua funcionalidade prévia no decurso da retirada dos seus locais de origem e trasladação para o espaço museológico lamacense. Mas cuja coexistência global dos seus elementos, na sua larga maioria e à luz do conhecimento atual, não advém de recintos precedentes e só se verifica em virtude da aquisição efetuada por *Henrique Amorim*.

Exceção feita aos três Retábulos identificados neste estudo como os únicos oriundos de um só Templo passível de reconhecimento, da antiga e demolida “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*” (vd. figs. 02 a 06).

De construção faseada (tendo como marcos cronológicos fundacionais os anos / períodos cronográficos balizados de 1950 a 1953<sup>5</sup>; 1953 a 1959<sup>6</sup>; 1959 a 1968<sup>7</sup> e 1968 a 1977), este Museu e respetivo acervo de declarada singularidade no contexto da Museologia portuguesa ao tempo do *Estado Novo*, deriva e obedece em exclusivo ao ensejo utilitário de incremento no território de St.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> de Lamas, por vontade acérrima do seu Fundador, de um espaço cultural e colecionista amplo e aberto à comunidade. Finalizado apenas em 1977, com o inesperado falecimento do seu mentor, este complexo exprime não só pela arquitetura, mas sobretudo pelo seu espólio, o resultado de vinte e sete anos (de 1950 a 1977<sup>8</sup>), de

5 1950 a 1953: Cronologia de superior pesquisa, recolha e aquisição por parte de *Henrique Amorim*, dos elementos da vasta e valiosa *Coleção de Arte Sacra portuguesa do Museu de Lamas* - um dos seus segmentos expositivos mais significativos (BOTELHO & FERREIRA, 2005, pp. 15-19.).

6 1953 a 1959: Período que marca o início (MOREIRA, 1984, p. 8.) e o fim dos trabalhos construtivos da primeira configuração expositiva e arquitetónica do edifício do MSML (à época, restrito apenas às primeiras quatro salas do seu Piso superior e à “*Sala da Capela de Delães*” do Museu atual - neste hiato temporal ainda sob “topónimo” “*Capela funda*” – englobando a própria zona de entrada/receção deste complexo (*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, 1978, p. 7.).

7 1968: Como poderá comprovar a inscrição visível no solo do pórtico de entrada nas dependências exteriores do *Museu de Lamas* - que associa o nome do fundador, “*Henrique Amorim*”, à referência cronológica “1968” - será datável deste ano o devido corolário da segunda fase construtiva deste edificado museológico (CLETO & FARO, 2000, pp. 21–22. ; *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, 1978, p. 7.). Assim sendo, em 1968, o Museu terá “inaugurado” grande parte da sua planimetria final de dezasseis salas, distribuídas por dois patamares e “*preenchidas por mais de mil e setecentas peças*” (COELHO, 2005, p. 9.). Toda esta panóplia expositiva acabaria por continuar a crescer, de forma pontual, e a “moldar-se” entre 1968 e a própria morte de *Henrique Amorim*, nove anos mais tarde, sucedida em 1977 (*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, 1978, p. 7.).

8 A década de 1950 marca o início da recolha dos primeiros “fragmentos” artísticos, científicos e etnográficos da coleção de *Henrique Amorim* (CASA DO POVO DE SANTA MARIA DE LAMAS, 1985, pp. 14-16.). E o ano de 1977, a sua morte, já referida neste estudo; inesperada e ocorrida na localidade de *Santa Maria de Lamas* pelas 11 h 45 m do dia 20 de fevereiro. Antes mesmo deste vulto completar 75 anos de idade, que sucederia a 25 de maio (*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, 1977, pp. 1-7.).

uma larga e corrente atividade de recolha ininterrupta de diferentes segmentos artísticos, históricos, identitários e científicos.

Fomentada pela prosperidade económica que o cariz de Industrial corticeiro de referência e vanguarda propiciou a *Henrique Amorim*<sup>9</sup> - figura crucial para o histórico de modernidade e hegemonia da Indústria transformadora de Cortiça na região, no país e no mundo. Esta característica da sua “*Psique*”, quase uma adição feroz pelo ato de colecionar<sup>10</sup>, revelou-se

---

9 Reconhecido pelo legado industrial, filantrópico e colecionista em prol de *Santa Maria de Lamas* e do concelho de *Santa Maria da Feira* (SANTOS, 1997, p. 97.), foi um dos onze filhos de *António Alves de Amorim* (1832-1922) e *Ana Pinto Alves* (1867-1926), nascido a 25 de maio de 1902. Um benfeitor nato, cujo percurso profissional iniciado precocemente pelo seu cariz modernista, visionário, capacidade acima da média e posterior abastança, está ligado ao fomento de uma das grandes potências rolheiras portuguesas do século XX, a “*Amorim & Irmãos, Lda.*”. Esta unidade fabril mantém-se em laboração diária nos dias de hoje, sendo fundada e oficializada previamente, por iniciativa de *Henrique Amorim* - acompanhado de alguns dos seus irmãos - no dia 11 de março de 1922. Obtendo residência definitiva em *Santa Maria de Lamas*, terra natal de sua mãe, entre 1908 / 1909, H.A. foi detentor de um perfil muito próprio, distinto de grande parte dos seus irmãos. Condecorado pela *Presidência da República Portuguesa* no ano de 1952 (com as insígnias de *Oficial da Ordem de Instrução Pública*), a par da vertente empresarial, demarcou-se pela dedicação à sua freguesia e respetivos conterrâneos. Tributando-lhes, não obstante todo o acervo, estrutura arquitetónica e malha envolvente do *Museu de Santa Maria de Lamas*, uma séria alargada de equipamentos, valências e recursos multidisciplinares de utilidade pública (DIAS & GONÇALVES, 1979, pp. 19-22.). Para complemento da perceção biográfica acerca de *Henrique Amorim*, sobre “o Industrial”, “o Filantropo” e “o Colecionador” vide (veja): SANTOS, 1997, pp. 33–93. & AMORIM, 2018, pp. 131-155.

10 “(...) O caso do *Museu de Santa Maria de Lamas* (...) reflecte o particular das actividades culturais do Comendador *Henrique Amorim*, postas ao serviço da sua terra (...) só depois de intensos meses de pesquisas, mesmo anos, e feliz acerto de compras, foi possível a *Henrique Amorim* uma tal selecção de valores (...) Onde quer que haja o fragmento de uma pedra valiosa em risco de se perder ou o vestígio dum resto do passado susceptível de dano, Ele não perde a ocasião de juntar tudo às suas vastas antighalhas postas naquele museu todo feito do seu capital (...)” - cf. *História da Indústria em Portugal*, 1961, (s/p).. De modo a aprofundar o conhecimento genérico acerca de parte do investimento realizado por *Henrique Amorim* na sua adição colecionista, e consequentemente nas estruturas/espacos do Museu, vide (veja) o “*Relatório de Contas*” publicado por sua iniciativa, em dezembro de 1974, no quinto número do primeiro ano do jornal local “*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*”: “(...) *Henrique Amorim Relatório de Contas* (...) *Museu / 1.ª parte* – 15.675.294 \$ (...) *Museu / Cerâmica* – 800.000\$ (...) *Museu / Cortiça* – 5.500.000\$ (...) *Museu / Oceanográfico* – 600.000 \$ (...)” – cf. *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, 1974, p. 7..

como meio alternativo de asserção de gosto, erudição, cultura, personalidade<sup>11</sup>, estatuto<sup>12</sup> ou extravagância<sup>13</sup>.

11 "(...) O colecionismo, como um hábito tão antigo quanto a própria existência humana, encontraria na exposição dos objetos uma forma de reafirmar o poder e a distinção do proprietário diante de olhos externos, o que retroalimentava significados e valorizava o conjunto da coleção (...)” – cf. UZEDA, Helena Cunha de - «Os espaços nas exposições museológicas: atualizando percepções e significações» in *Museologia e Patrimônio*. Vol. 11, n.º 1. Rio de Janeiro: 2018, p. 67.

12 Assente num desejo explícito de projetar e legar toda a obra benemérita à comunidade, na qual o complexo de arquivo, cura e exposição das coleções de *Henrique Amorim* assume um “papel de relevância”. Mas dotando essas valências de pormenores iconográficos capazes de sublinhar em vida e perpetuar na posteridade o seu estatuto de mentor concetual, comprador, promotor, financiador e filantropo. Esta característica, veiculativa de um certo “culto da personalidade” expandiu-se não só pelo território e edificado externo ao Museu (através de registos escultóricos de corpo inteiro datados de 1970 e 1972 e bustos de retratística, um deles de 1959 e outro, sobre o próprio túmulo de *Henrique Amorim*, de 1977, modelados por/sob orientação de *Henrique Araújo Moreira* (1890-1979)), mas inclusive na repetição ostensiva do seu monograma “HA” – figurativo das iniciais de *Henrique Amorim* – que embora subsista externamente, está também “assemblado”, gravado ou pintado com maior frequência no percurso interno. Patente não só em diferentes pormenores decorativos de tetos, vitrines ou paredes, como nas mais diversas porções de sanefas e fragmentos retabulares de Talha dourada espalhados pela sua coleção. Tais características prolongam-se ainda na definição de uma das salas da planimetria do Piso superior deste edificado museológico. Denominada de “*Galeria do Fundador*” e estruturada por sua ordem e pensamento, preconiza a garantia de tributo pessoal, um certo “epitáfio simbólico e iconográfico” à figura, biografia e realizações deste vulto. Patrimonialmente evidencia a presença de alguns objetos próprios, uma condecoração, registos fotográficos sobre cerâmica e porcelana de momentos diversos da vivência, crescimento e contexto familiar de *Henrique Amorim*; o Esboço / Molde final de gesso para o seu busto de retratística de 1959. E, por fim, uma “mostra” de trinta e um retratos pessoais, circunscritos na sua excelsa maioria aos anos 1960 e sempre acompanhados por pequenas cartas manuscritas firmadas pelo próprio (enaltecendo investimentos e realizações em benefício de *Santa Maria de Lamas*, cuja edificação originária a encomenda dos respetivos retratos), pintados a óleo sobre madeira por *António Leite de Azevedo* (CASA DO POVO DE SANTA MARIA DE LAMAS, 1985, p. 20.; TWARDOWSKY, 1994, (s/p).; BOTELHO & FERREIRA, 2005, p. 19.). Um pintor bracarense de séc. XX cuja informação biográfica ou documental escasseia, responsável não só pela retratística pintada do Fundador, mas inclusive por outros aspetos, intervenções de ornato e preenchimento decorativo para complemento de alguns ambientes cenográficos do próprio *Museu de Lamas* na sua composição pristina. Segundo fontes escritas, parcas ou até imprecisas, a conceção de pelo menos três “cópias” de séc. XX (de 1959 a 1968), a óleo sobre madeira de pinturas originais e seculares de *Doménikos Theothókopoulos* - “*El Greco*” (1541-1614), incrustadas no teto da atual “*Sala dos Presépios*”, a quarta do piso superior do MSML, terá a sua autoria (CASA DO POVO DE SANTA MARIA DE LAMAS, 1985, p. 19.).

13 Na linha de históricos exemplos de Museus / Casas-Museus (que, nalguns casos, sobretudo portugueses, o próprio *Henrique Amorim* poderá ter observado edificados, cenografias ou espólios e, quiçá, recolhido influências acessórias), de colecionadores lusos e internacionais, precedentes ou seus contemporâneos. Entre outros, os casos de *Abílio Manuel Guerra Junqueiro* (1850-1923) - “*Casa-Museu Guerra Junqueiro*” (Porto); *José de Mascarenhas Relvas* (1858-1929) - “*Casa dos Patudos* - *Museu de Alpiarça*”; *Anastácio Gonçalves* (1888-1965) - “*Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves*” (Lisboa); *Fernando de Castro* (1889-1946) - “*Casa-Museu Fernando de Castro*” (situada no Porto, denotando-se algumas semelhanças em termos de segmentos de acervo e ambiência expositiva com o próprio *Museu de Lamas*, cronologicamente posterior à coleção de *Fernando de Castro*); *António de Medeiros e Almeida* (1895-1986) - “*Casa-Museu Medeiros e Almeida*” (Lisboa); *Sir John Soane* (1753-1837) - “*Sir John Soane’s Museum*” (“*Museu Sir John Soane*” - Londres, Inglaterra); *Frederick Stibbert* (1838-1906) - “*Museu Stibbert*” (Florença, Itália); ou *Enrique de Aguilera y Gamboa*, XVII.º *Marqués de Cerralbo* (1845-1922) - “*Museu Cerralbo*” (Madrid, Espanha).

Suprindo, de forma alternativa, o desgosto que este Homem possuía pela ausência pessoal de estudos avançados.

Tamanha dedicação à obra museológica e o seu apurado sentido filantrópico beneficiário da localidade e população lamacense, levaram-no até, a partir dos anos 1960, a retirar-se de forma parcial da maioria das responsabilidades e funções administrativas industriais que possuía desde 1916 – assumidas nos seus catorze anos de idade. Tal saída faseada, não obstante o acompanhamento direto de todo esse processo de transição e delegação de competências no cerne do seu grupo empresarial, propiciou a *Henrique Amorim* o cumprimento, a contar dos alvares da década de 1960 à contiguidade da sua morte, ocorrida a 20 de fevereiro de 1977, do desígnio de se dedicar, quase na plenitude do tempo, à manifesta obra benemérita que legou (vd. fig. 08).



Fig. 08 *Henrique Amorim* (1902-1977) numa visita oficial, de dignitários locais, regionais e nacionais, captado em plena exposição oral e circulação no interior do *Museu de Lamas*, na quarta sala do Piso superior deste edificado – a “*Sala dos Presépios*”. Fotografia de autoria desconhecida, cronologicamente votada ao intervalo que medeia 1959 e o primeiro mês de 1977. © Arquivo imagético do *Museu de Lamas*.



### Igreja Velha

Na memória colectiva dos Delaenses ainda perdura a imagem da Igreja Velha, demolida em 1960 para construção da nova Igreja. Os magníficos altares em talha dourada, podem ser apreciados no Museu de Sta. Maria de Lamas.

Fig. 09 Digitalização parcial de uma das páginas do Boletim editado pela Junta de Freguesia de Delães, cujas referências acerca do ano de publicação não nos foram possíveis de apurar até à data. A par do parágrafo que sustenta a informação de que a Talha dourada da “Igreja Velha” – “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” – transitou para o Museu de Lamas, esta página veicula um registo fotográfico precedente a 22 de abril de 1960, representativo do interior, nave única e Capela-mor desse Templo delaense, antes do seu despojamento e demolição. Apesar do foco incidir no matrimónio em curso, o enquadramento capta, com distância acentuada, alguns pormenores do Retábulo-mor e de um dos dois Retábulos laterais da extinta, no formato original setecentista (séc. XVIII), Matriz de Delães. © Ext. JUNTA DE FREGUESIA DE DELÃES - Guia turístico / Boletim da Junta de Freguesia de Delães. Delães: Junta de Freguesia de Delães, (s/d), p. 15.

É esta obra, na vertente cultural e patrimonial que recebe, decerto num momento próximo mas posterior ao anúncio de venda publicado no semanário católico “Notícias de Famalicão” a 22 de abril de 1960<sup>14</sup>, os três Retábulos provenientes da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” (vd. fig. 09). Simbolismo da atenção que este vulto evidenciava perante a ocorrência

de despojamentos de diversas obras de arte em espaços religiosos nacionais, salvando-as da destruição plena e zelando pela continuidade da sua preservação estética – característica que alguns autores ou artigos coevos à sua vivência sublinhavam na abordagem aos seus propósitos colecionistas<sup>15</sup> - embora enquadradas num contexto profundamente díspar do original. Sonegando, por vezes, a memória intrínseca do seu legado, local e monumento de origem.

Numa análise generalizada, são raros os espaços e ambientes figurativos do *Museu de Lamas* nos quais o Fundador quis referenciar pistas ou pormenores alusivos a qualquer tipo de proveniência dos objetos adquiridos, expostos e organizados segundo os gostos e padrões museológicos que preconizava. Descuido, incúria, desinteresse ou mera opção pessoal do Colecionador? Não sabemos, de todo, a resposta inequívoca a esta questão. Possuímos apenas conhecimento vago, sem fundo documental firme, que seria do interesse de *Henrique Amorim* arquivar, ensamblar e expor no Museu – na sua visão pessoal um espaço de “Arquivo de fragmentos de Arte” e não um memorial estático aos locais de procedência do espólio reunido – o maior número de objetos e artefactos possível. Dando-lhes novo propósito e respondendo às suas aspirações cenográficas.

Nesta ausência declarada, intencional até, de arrolamentos capazes de inscrever dados de origem, fontes ou parágrafos de sapiência exata sobre todas as particularidades do acervo, a grande exceção salta

15 “(...) Onde quer que haja (...) o vestígio dum resto do passado susceptível de dano, ele não perde ocasião de juntar tudo às suas vastas antiqualhas postas naquele museu todo feito do seu capital e do seu esforço, a fim de salvar, quantas vezes, mais uma raridade artística que sem a sua intervenção se perderia inexoravelmente (...)” – cf. *História da Indústria em Portugal*, 1961, (s/p).

14 Cf. *Notícias de Famalicão*. Semanário católico regionalista. Ano VI (XXV). Vila Nova de Famalicão: Sexta feira, 22 de abril de 1960, p. 3.



Fig. 10 Perspetiva interior, captada na década de 1970 – anterior ao procedimento de estudo, intervenção de reorganização museológica e museográfica, conservação e restauro que este edificado e acervo recebem desde 2004 - de uma das paredes laterais da “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas. Com destaque, através de retângulos de sinalização, para aqueles que seriam os dois Retábulos laterais de Talha dourada da segunda metade do século XVIII – sobretudo enquadráveis no terceiro quartel da centúria - da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” (remontados no Museu de Lamas em 1960, numa datação posterior a 22 de abril desse mesmo ano). Registo fotográfico de autoria desconhecida, difundido numa Coleção de postais do Museu de Santa Maria de Lamas editada na década de 1970. © Arquivo imagético do Museu de Lamas.

à vista no caso da décima sexta sala da planimetria final deste complexo museológico, a “Sala da Capela de Delães” (vd. fig. 10). Mas nem aí o Fundador e Colecionador foi claro na mensagem que veiculou. Muito menos no cuidado de legar documentação de sua autoria ou posse, inexistente como na grande maioria do Património do *Museu de Lamas*.

Permutando-lhe o desígnio precedente de “Capela Funda” para “Sala da Capela de Delães” com a chegada da Retabulística delaense (vd. figs. 04 a 06 e 10) após 22 de abril de 1960, *Henrique Amorim* e quem lhe seguiu no procedimento de cura deste espaço museológico transmite, durante décadas e perante locais ou transeuntes, uma mensagem errática

numa parte significativa da sua substância, cuja atual investigação científica e leitura de dados aferidos começa a desmistificar. Ou seja, a ideia de que todo o património de Talha dourada patente no interior da “Sala da Capela de Delães” do *Museu de Santa Maria de Lamas* proviria apenas e só de uma Capela particular famalicense (da Vila de *Delães*), ou de que a globalidade dos fragmentos e dezenas de elementos de Retabulística da sala corresponderiam meramente ao recheio da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”<sup>16</sup>, encontra no procedimento atual de estudo histórico-artístico e respetivas referências escritas ou imagéticas passíveis de analisar, um momento de profunda clarificação.

Está correta em certa medida a tese de que todos os Retábulos de Talha dourada da “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” (vd. fig. 11) transitaram do Templo setecentista demolido – em virtude de substituição por nova Igreja na década de 1960 – para a anterior “Capela Funda” e a partir daí “Sala da Capela de Delães” do Museu. Todavia, essa Igreja de matriz original setecentista – dita “Igreja Velha” na gíria local inscrita nalguns documentos do século XX – alojava somente três estruturas retabulares de Talha no interior da sua nave única (vd. fig. 09). E são unicamente esses três Retábulos *Rocaille* (*Rococó*), com gramática estrutural e decorativa da segunda metade do século XVIII (enquadráveis, sobretudo, no terceiro quartel de setecentos), que, no universo de dezenas de fragmentos e conjuntos de Talha distribuídos pela totalidade da planta e alçado da “Sala da Capela de Delães”, provêm

---

16 Cf. CASA DO POVO DE SANTA MARIA DE LAMAS - *Guia do Museu de Santa Maria de Lamas*. Santa Maria de Lamas: Casa do Povo de Santa Maria de Lamas, 1985, p. 24.

de *Delães* e da sua derrubada Igreja Paroquial. Tudo o resto, à semelhança da norma corrente na maioria das salas deste Museu, deriva de geografias distintas e coexiste somente a partir do momento da sua compra e incorporação no recinto lamacense por afeição, diretiva e suporte de *Henrique Amorim*.

Por forma a esclarecer o leitor e possível visitante do património *in loco*, este estudo, baseado na metodologia costumária da História da Arte e nas fontes escritas e imagéticas inauditas até à data mas plausíveis, tem início através de um descritivo geral da “Sala da Capela de Delães” do *Museu de Lamas*. Focando-se de seguida nos três Retábulos delaenses do seu interior.

Embora não contemple uma análise exaustiva do ponto de vista histórico e artístico a cada um destes Retábulos – tipologia de escrito que, em virtude do avanço das peritagens e pesquisas tabeliônicas, notariais e arquivísticas complementares, sobretudo de desenhos de “risco”, contratos de execução dos Retábulos e similares, figurará uma versão de continuidade deste artigo, a futura “Parte II” a publicar – as conclusões e conteúdos fundamentais desta investigação estão plasmados no segundo capítulo redigido. Capaz de determinar uma resenha histórica do local de origem da Retabulística em análise, a “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” erigida e existente desde 1745 / 1746 a 1960 (vd. figs. 02, 09 e 11). E de comparar, datar, descrever e identificar de forma concisa, mas superficial nesta fase, a substância do respetivo Retábulo e Altar-Mor e dos dois Retábulos laterais munidos de Altar setecentistas, que desde 1960, numa data posterior a 22 de abril, resistem na profusa e preenchida esfera expositiva da décima sexta sala deste Museu (vd. figs. 01, 03, 04 a 06 e 10). Reformados na sua finalidade, meramente exibicional a

partir do instante da sua agregação museológica, mas cujo propósito mecenático, funcional e existencial prévio esteve ligado à “vida útil” do comutado monumento de culto delaense e devidas opções paroquiais e comunitárias daquela Vila do território concelhio de *Vila Nova de Famalicão*.

Através da articulação e contraponto direto entre os três objetos de estudo e o fundo documental histórico compilado (escrito e fotográfico), ignoto por parte da equipa técnica do Museu de Lamas até à aurora do atual procedimento de investigação e pouco ou nada tratado no meio científico, o estabelecimento de afinidades/correspondências foi possível de consolidar. Bem como, a tentativa de aferir, em parte, os alvares do interesse mercantil e da conseqüente trasladação do conjunto retabular de *Delães* para *Santa Maria de Lamas*. Nesse domínio, esta abordagem contempla o “ponto de partida” de toda uma operação cujo entendimento pormenorizado dos seus trâmites carecerá, entre muitos outros aspetos, da afinçada e futura continuidade desta pesquisa.

Não obstante a declarada importância, associada a diversas fontes, que o juízo do peculiar anúncio publicado a 22 de abril de 1960 no semanário regional “*Notícias de Famalicão*” teve, dando conta da disponibilidade comercial dos três Retábulos delaenses por arrojado do próprio pároco local em atividade. Daí em diante a conjuntura, motivações reais e respetivas diligências que levaram *Henrique Amorim* a conhecer o teor deste comunicado jornalístico e a devida chegada a *Delães* da sua proposta permanecem incógnitas. Assim como, toda a logística indissociável do negócio, transporte e remontagem / ensablagem dos três Retábulos no museu lamacense. E se, porventura, nesta ou noutra operação de “mercado de arte” o Fundador juntou à Retabulística



Fig. 11 Pormenor fotográfico de autoria desconhecida, proveniente de arquivo particular e incluído num Boletim editado pela Junta de Freguesia de Delães - sem referência ao respetivo ano de publicação. Esta imagem contempla a envoltória e arquitetura exterior da antiga e setecentista (de séc. XVIII), “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, Matriz da qual advieram para o Museu de Lamas, após 22 de abril de 1960, os seus três retábulos interiores. Pelo instantâneo captado e informação suplementar, viver-se-ia diante da dita “Igreja Velha” um momento festivo no decurso da década de 1930. © Ext. JUNTA DE FREGUESIA DE DELÃES - Guia turístico / Boletim da Junta de Freguesia de Delães. Delães: Junta de Freguesia de Delães, (s/d), (s/p) – Capa / página de rosto.

em causa diferentes despojos estruturais e artísticos resultantes da demolição da “Igreja Velha”, dispondo-os por diferentes áreas do espaço interior ou, quiçá, envolvência exterior do *Museu de Santa Maria de Lamas*. Premissas sobre as quais paira a incerteza e só o futuro deste estudo, alicerçado numa metodologia de procura e análise rigorosa poderá (ou não), decifrar. Além do mais, assente nos fundamentos arquivísticos passíveis de escarpelizar (caso subsistam), o conhecimento do estímulo, mecenato, autoria, descritivo e método setecentista de execução dos três Retábulos, a sua pretensa resiliência desde aí até 1960 no cerne da nave única da “Igreja Velha” do *Divino Salvador de Delães*, anexo ao entendimento extremado do seu percurso “pré e pós-venda” a partir de 22 de abril desse mesmo ano, instam as prioridades do labor adicional que os resultados desta publicação exigem.

Da mais elementar justiça e neste prólogo que antecede o volume principal do artigo deferido, é a ocorrência de alguns agradecimentos escritos pela profícua colaboração e partilha desenvolvida no âmbito desta investigação. Em virtude do contributo preconizado para a “conquista” de grande parte das fontes documentais (redigidas e imagéticas), inéditas e apreciadas ao ínfimo pormenor, a par de entidades autárquicas ligadas ao município de *Vila Nova de Famalicão*, da *Junta de Freguesia de Delães*, do Pároco e “Comissão económica - Fábrica da Igreja” da Paróquia de *Delães*. Esta pesquisa e ensaio científico procedente, está especialmente conectado ao aporte, partilha e disseminação de títulos, digitalizações e referências por parte da *Biblioteca Municipal de Famalicão* – *Biblioteca Camilo Castelo Branco*, sob representação do *Dr. Hilário Pereira*. Tal como, do arquivo “*Famalicão ID*” (organismo do Município famalicense), na pessoa do

*Dr. Paulo Correia*. Incansável no estabelecimento de “pontes de contacto” e responsável pela expedição de registos fotográficos, descritivos remotos e artigos de imprensa regional – nos quais incluímos a primeira menção ao anúncio de venda dos três Retábulos em estudo - clarificadores e subsidiários de uma parte significativa das conclusões difundidas neste escrito.

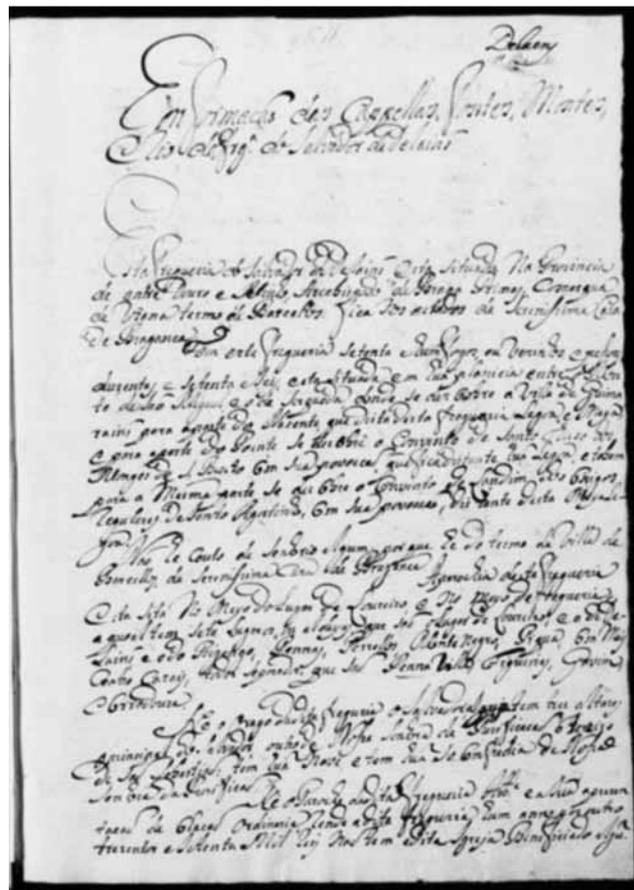


Fig. 12 Primeira página, a Tinta repassada, das “Memórias Paroquiais de Delães e Vermoim” de 1758. Fonte primária proveniente do Tomo 13.º do “*Dicionário Geográfico de Portugal*” conservada e disponibilizada, sob digitalização / microfilme, nos recursos do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Como referências, este documento está identificado pelos códigos “*Memórias Paroquiais 1722 / 1832*”, “*Delães, Vermoim 1758 / 1758*” e *PT/TT/MPRQ/13/11*. © Ext. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Delães, Vermoim 1758/1758, Memórias Paroquiais 1722/1832*, vol. 13, n.º 11, pp. 61 a 64.

Por fim, no arrolamento destes agradecimentos prevalece a inevitável necessidade de relevar a larga cooperação de um cidadão delense, o Sr. José Pereira. No seu voluntarismo assinalável, este habitante da Vila de Delães arrogou-se capital para a reconhecimento de certas fontes conservadas e a ocorrência de variados contactos com entidades diversificadas, personalidades e residentes da própria geografia de Delães. Sobretudo os mais anciãos, no sentido de apurar a “tradição oral” e/ou “memória popular” que prevalece nesta comunidade, no que concerne à caracterização do interior da extinta “Igreja Velha”. Nomeadamente na observância, sustentada pela “anamnese local”, da quantidade, gramática e tipologias dos seus Retábulos interiores adstritos ao culto paroquial até meados de abril de 1960. Confirmando a primazia da numeração de apenas três elementos deste género que a documentação prévia estabelecia, no mínimo, desde as “Memórias Paroquiais” de 1758. O Sr. José Pereira merece ainda um derradeiro sublinhado pelo repto, bem sucedido, que lançou à população local – e os referentes cidadãos responsivos também – no sentido de encetarem pesquisas em plenos álbuns familiares mais longínquos. Semelhante indagação visou propiciar a hipotética cedência de fotografias de efemérides pessoais ou sacramentos ministrados e vivenciados no interior da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Cujá captação pudesse indicar não só a totalidade, como alguns pormenores do Retábulo-mor ou dos dois Retábulos laterais, antes mesmo da sua conversão geográfica e utilitária para Santa Maria de Lamas. Associados ao rol de documentos e fontes primárias (vd. fig. 12) discernidas não só no seguimento das colaborações do Sr. José Pereira como do arquivo “Famalicão ID” e Biblioteca Municipal de Famalicão – Biblioteca Camilo Castelo Branco, os suportes imagéticos gentilmente cedidos avocaram índices de importância considerável para o subsídio das conclusões disruptivas contidas nas alíneas grafadas no seguimento desta investigação.

Devido à larga confiança demonstrada neste procedimento de estudo, pesquisa e produção de conteúdos histórico-artísticos, é justa a respeitosa menção, de gratidão e tributo, ao Museu de Lamas, à componente editorial da Revista Villa da Feira - Terra de Santa Maria, à Liga dos Amigos da Feira, ao Dr. Celestino Portela e ao Dr. Anthero Monteiro.

Sem esquecer, por fim, a paciência, disponibilidade e perícia do Sr. António Madureira, responsável pela paginação e identidade gráfica deste artigo.

### **Cap. I – “Sala da Capela de Delães” do Museu de St.ª M.ª de Lamas - Propósito, Acervo e Clarificação da sua cenografia expositiva**

#### **Descritivo geral da Sala que alberga, entre a miríade de Talha dourada de proveniências distintas que a preenchem, os três Retábulos setecentistas (séc. XVIII), oriundos da antiga e estudo, pesquisa “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”**

*“(…) O Catolicismo, que usa a arte como meio de propaganda junto dos crentes, encontra na Talha uma magnífica expressão artística, que teve grande peso na manifestação da religiosidade Ibérica, ainda que de maneiras distintas (...) Ao longo dos séculos XVII e XVIII, a arte da talha sofre um grande desenvolvimento no nosso país. Reflexo da prosperidade ocasionada pelo ouro do Brasil, e respondendo aos critérios estéticos da época, as encomendas para retábulos - e outras obras de talha - sucedem-se, obedecendo a um único objectivo: a glorificação de Deus (...) Rapidamente este gosto pelas Igrejas forradas a ouro se propaga, permanecendo inalterável até finais do século XVIII (...)”*

Natália Marinho Ferreira-Alves<sup>17</sup>

17 Cf. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – *A Arte da Talha no Porto na Época Barroca (Artistas e Clientela. Materiais e Técnica)*. Documentos e Memórias para a História do Porto, Vol. I. Porto: Arquivo Histórico / Câmara Municipal do Porto, 1989, p. 39.

“(…) Henrique Amorim Relatório de Contas (...) Museu / 1.<sup>a</sup> parte – 15.675.294 \$ (...) Museu / Cerâmica – 800.000\$ (...) Museu / Cortiça – 5.500.000\$ (...) Museu / Oceanográfico – 600.000 \$ (...)”

Cf. *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, 1974, p. 7.

“(…) O Museu de Santa Maria de Lamas é um túmulo de antiguidades perdidas de diferentes épocas e regiões (...)”

Karin Twardowsky<sup>18</sup>

Nesta Sala, hoje reconhecida pelo termo “*Sala da Capela de Delães*”, subsiste uma certa estrutura organizativa de espaço sacro figurativo. Tal como na “*Sala da Capela*”<sup>19</sup> - a segunda do piso superior deste Museu – nesta que é a décima sexta área expositiva, usando elementos retirados às suas geografias pristinas, a disposição preconizada por *Henrique Amorim* (1902-1977) evoca em grande medida uma nova ambiência de “Capela” ilusória. Reinterpretando o Património religioso português reunido e atribuindo-lhe funcionalidade distinta da original, na sua cenografia, ao nível da Talha dourada esta sala conjuga um exemplar

18 Cf. TWARDOWSKY, Karin – «O Museu de Santa Maria de Lamas» in *Jornal Actual*. (s/l): maio de 1994, (s/p).

19 Nalguns ambientes, pela disposição e reinterpretação do acervo, o intuito de dotar o *Museu de Lamas* de espaços ilusórios prevaleceu, inclusive na própria arquitetura de fachada definida. É o caso da cenografia da “*Sala da Capela*”, na qual existe uma dicotomia de “Ouro sobre Azul”, verificada entre teto, Talha dourada e Azulejaria que preenchem a área, figurativa de “Capela barroca”. Capela que nunca o foi, resultou da imaginação de *Henrique Amorim* que, de 1953 a 1959, remontou num espaço e acima de painéis azulejares de séc. XX (1957), e imitação barroca – verificada na prevalência do azul - retábulos e fragmentos de talha de estilos distintos, caixotões e esculturas de imaginária dispersa de sécs. XVII e XVIII. Em termos cenográficos, organizou e assemblou estes elementos diversos por forma a reproduzir as estruturas de hipotético “Retábulo e Altar-mor”, “Retábulos e altares laterais”, “Coro-alto” e “Púlpito”.

de “Retábulo e Altar-mor”, diversos “Retábulos e Altares laterais”, um pretensu “Coro-alto” e “Sanefas”. Aliás, a própria amplitude decorativa do teto caracteriza-se pelo conjunto uniforme de pinturas de caixotão com linguagem plástica equivalente e iconografias Cristológica e Mariana. No geral, o recinto da “*Sala da Capela de Delães*” circunscreve, desde o seu estabelecimento, uma combinação morfológica e artística diversa na sua origem, mas passível de reproduzir uma “Capela / Igreja” que nunca o foi.

Durante algumas décadas, a informação veiculada associava a totalidade da Talha dourada incorporada neste perímetro ao pretensu “recheio” de uma Capela, talvez de esfera privada, situada em solo famalicense, correspondente à Vila de *Delães*. Porém esta informação sempre se revelou imprecisa e, à luz do conhecimento historiográfico e estético atual, foi devidamente revogada. Ou seja, essa suposição, decorrente decerto do desígnio que a sala conservou, revelou-se imprecisa. Através de “registos de memória popular” e fontes (parcas, de certa forma), variáveis entre documentação escrita e imagética – sobretudo fotográfica – conseguimos perceber a prevalência, no interior desta câmara, de Retábulos de Talha dourada delacense. No entanto, ao contrário do que se estabelecia, a arte presente na “*Sala da Capela de Delães*” não deriva de uma Capela trasladada na sua totalidade para o espaço lamacense. Nem tampouco toda a sua Talha provém sequer de *Delães*.

Embora auxilie o domínio cognitivo corrente de que a Talha da “*Sala da Capela de Delães*”, pese embora o desígnio ilusório não proviria, no seu todo, de uma Capela privativa mas sim da comutada Igreja paroquial delacense, o imaginário local de que esta parcela do *Museu de Lamas*, na sua integralidade, arquivaria e cristalizaria somente pormenores e Retabulística de



Fig. 13 Perspetiva interior da “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas com destaque, ao centro e através de retângulo de sinalização, para aquele que seria o Retábulo e Altar-mor de Talha dourada da segunda metade do século XVIII – sobretudo enquadrável no terceiro quartel da centúria - da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” (incorporado no Museu de Lamas em 1960, numa datação posterior a 22 de abril desse mesmo ano). © José C. Amorim.

Delães - algo que não se verifica - teve inclusive um curioso fundamento escrito aferido no teor de uma publicação estabelecida em 1985 e editada pela tutela deste complexo museológico. Um Guia primitivo de visita ao próprio Museu, genericamente carecedor de base científica mas que durante décadas, de forma errónea e desprovido de base histórica e documental

inequívoca, estabelecia como proveniência geral de toda a Talha dourada desta divisória expositiva a “Igreja de Delães (Famalicão)”<sup>20</sup>. Efetivamente, em virtude

20 “(...) Sala 16 (...) As talhas são oriundas da Igreja de Delães (Famalicão) (...)” – cf. CASA DO POVO DE SANTA MARIA DE LAMAS - Guia do Museu de Santa Maria de Lamas. Santa Maria de Lamas: Casa do Povo de Santa Maria de Lamas, 1985, p. 24.



Fig. 14 Perspetiva interior da “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas com destaque, por entre Talha dourada e Imaginária de proveniências distintas da sua e através de retângulo de sinalização, para aquele que seria um dos dois Retábulos laterais do Conjunto de Talha dourada da segunda metade do século XVIII – sobretudo enquadrável no terceiro quartel da centúria - da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” (incorporado no Museu de Lamas em 1960, numa datação posterior a 22 de abril desse mesmo ano). © José C. Amorim.

do trato, interpretação e análise cuidada das fontes identificadas à data, o perímetro expositivo da “Sala da Capela de Delães” agrega a partir de 1960 (após 22 de abril), e à *posteriori* da sua edificação original de 1959, a plenitude dos Retábulos de séc. XVIII que a Igreja Paroquial delaense albergou até ao instante do seu derrube. Todavia, essa Retabulística de *Delães*

estaria restrita à quantificação de três estruturas – com Retábulo e Altar-mor e dois Retábulos e Altares laterais (vd. figs. 13 e 14) – cuja aquisição e transferência para *Santa Maria de Lamas* conceberam a ensablagem destas estruturas num universo de coexistência com Talha de origens dispares entre si.

Esta sala é, de facto, um caso excepcional no contexto colecionista de *Henrique Amorim* pois é das poucas, senão a única, na qual remanesce a possibilidade de perceber, traçar o rasto e sinalizar a origem exata de apenas três dos seus Retábulos de Talha dourada. Aqueles que, mutuamente e documentados nesta quantidade desde as “*Memórias Paroquiais de Delães e Vermoim*” de 1758<sup>21</sup> (vd. fig. 12) – anteriores a 1758, de 1758 ou, no caso de apesar de corresponderem

à numeração aferida no descritivo das “*Memórias Paroquiais*” resultarem de intervenções posteriores a 1758, pelo estilo artístico do programa plástico que denotam, serão sempre delimitáveis na segunda metade, mormente no terceiro quartel do século XVIII, num hiato que se dilatará, pese embora diferentes variáveis, até 1775 sobretudo - instituía a Retabulística da vetusta e desmantelada “*Igreja Paroquial do Divino Salvador*

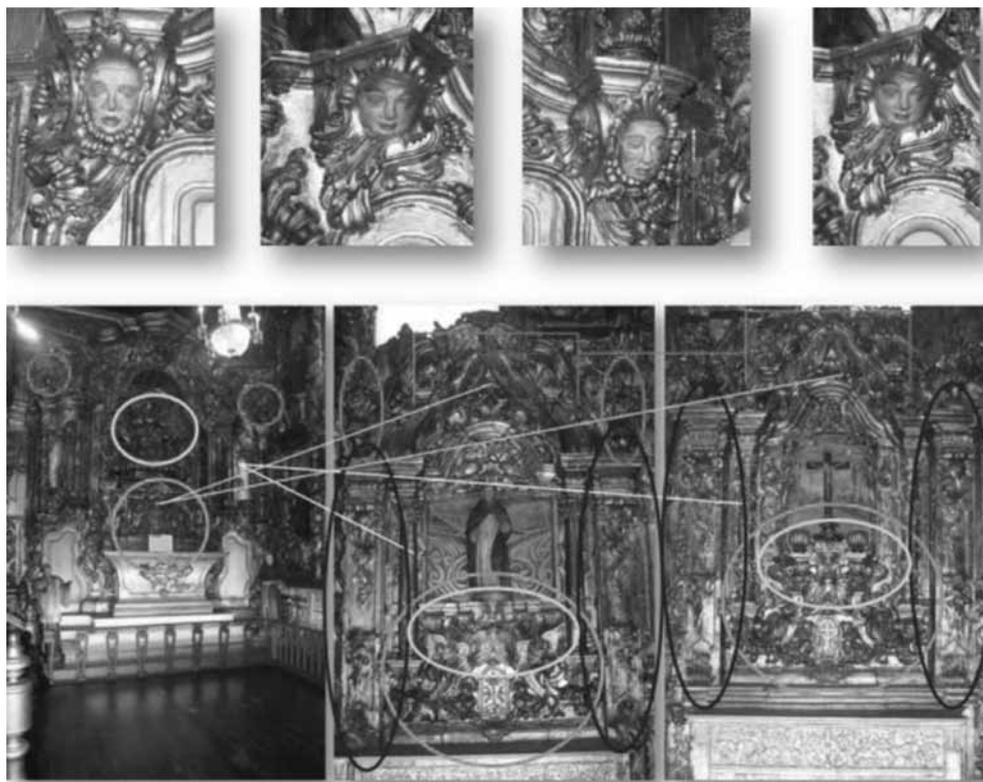


Fig. 15 Esquema demonstrativo de correspondência estilística e identificação inequívoca de pormenores decorativos do Retábulo e Altar-mor e dos dois Retábulos laterais da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de linguagem Rocaille (Rococó), provenientes da demolida “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*” (os únicos desse Templo prévio). E expostos, sensivelmente desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, na “*Sala da Capela de Delães*” do Museu de Lamas. © José C. Amorim.

21. Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Delães, Vermoim 1758/1758, Memórias Paroquiais 1722/1832*, vol. 13, n.º 11, pp. 61 a 64.: “(...) A Freguesia do Salvador de Delães (...) na província de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga (...) He Orago da dita freguesia o Salvador (...) Tem trez altares, o principal do Salvador, outro de Nossa Senhora da Purificação, o terceiro de São Sebastião. Tem uma nave e tem (...) Comfradia de Nossa Senhora da Purificação (...)”

de Delães”<sup>22</sup> (localidade do Concelho e comarca de Vila Nova de Famalicão, até ao século XIX alocada à comarca de Barcelos<sup>23</sup> e Paróquia da Arquidiocese de Braga).

Uma Igreja Paroquial erigida no século XVIII, entre 1745 e 1746<sup>24</sup>, ligeiramente intervencionada do ponto de vista arquitetónico em diferentes séculos e momentos da sua história<sup>25</sup>, mas que resistiu ativa até 1960 (vd. fig. 16). Momento cronológico no qual, devido ao confinamento da sua superfície perante as necessidades crescentes do culto preconizado pela população local, por iniciativa civil, filantrópica e religiosa, procedeu-se à demolição faseada desta

---

22 “(...) Igreja Velha / Na memória colectiva dos Delaenses ainda perdura a imagem da Igreja Velha, demolida em 1960 para construção da nova Igreja. Os magníficos altares em talha dourada, podem ser apreciados no Museu de Sta. Maria de Lamas (...)” - cf. JUNTA DE FREGUESIA DE DELAËS - Guia turístico / Boletim da Junta de Freguesia de Delães. Delães: Junta de Freguesia de Delães, (s/d), p. 15.

23 Delães é uma freguesia do Alto Minho, da comarca e concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito e Arquidiocese de Braga. Esta atual comarca nem sempre foi a mesma pois em 1839 existem registos de pertença à comarca de Barcelos, e só em 1852 prevalece documentação que prova a inserção plena na comarca de V.N. Famalicão.

24 Cf. Arquivo Distrital de Braga, Registo de provisão a favor dos moradores da freguesia do Salvador de Delães, deste arcebispado, para poder demolir a igreja da sua freguesia e edificá-la de novo 1745-01-21, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0119/025147. & Arquivo Distrital de Braga, Registo de provisão de licença a favor do Pároco da freguesia do Salvador de Delães, para na forma do Ritual Romano benzer a igreja da sua freguesia 1746-11-30, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0145/031827.

25 Cf. Arquivo Distrital de Braga, Provisão para que na igreja do Salvador de Delães se possa erigir a Confraria de Nossa Senhora das Candeias 1748-10-29, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0071/013918. ; Arquivo Distrital de Braga, Provisão a favor de João Batista de Azevedo, Abade da paroquial igreja do Salvador de Delães, para poder benzer o adro da sua igreja 1748-01-22, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0171/038701. ; Arquivo Distrital de Braga, Provisão a favor de João Batista de Azevedo, Abade da paroquial igreja do Salvador de Delães, para colocar o Santíssimo na sua igreja, e estabelecer um legado de 24 missas em cada ano pela alma de Violante Rodrigues 1757-07-30, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0114/024071. ; Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Delães, Vermoim 1758/1758, Memórias Paroquiais 1722/1832, vol. 13, n.º 11, pp. 61 a 64. ; Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças - Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Arrolamento dos bens culturais da freguesia de Delães, distrito de Braga, concelho de Vila Nova de Famalicão, constando de: Igreja Matriz de Delães; Capela de São Miguel, 1911-08-28 a 1928-01-26, Liv. 18, fl. 78-82, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ARROL/014. & Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças - Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Entrega de bens à corporação encarregada do culto católico, ao abrigo do Decreto n.º 11887, de 6 de Julho de 1926, na freguesia de Delães, concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga, 1926-07-06, 1927-11-21 a 1928-12-27, Proc. 11887, L. 13, Fl. 379, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ADMIN/066.

Matriz (sobretudo a partir de meados de abril, mas com maior efetividade nos meses de maio e junho de 1960, sendo que apenas a 8 de julho o Semanário "Notícias de Famalicão" inscreve, pela primeira vez, um relato jornalístico capaz de atestar o seu desmembramento absoluto (*Notícias de Famalicão* (08/07/1960), p. 2.)). Para, na mesma localização geográfica, se edificar um novo Templo finalizado na íntegra e inaugurado ao ofício religioso a 8 de setembro de 1963<sup>26</sup>. Distinto pelas declaradas linhas arquitetónicas modernistas, amplitude e capacidade superior face à precedente “Igreja Velha”<sup>27</sup> setecentista.

Dessa dita “Igreja Velha”, permutaram para o novo espaço de culto diversas alfaias litúrgicas, os sinos da sua Torre, paramentaria, joalheria, ourivesaria, prataria, relojoaria, mobiliário e, com distinta relevância, esculturas de Imaginária de variadas iconografias reminiscentes de devoções delaenses arroladas ao longo dos séculos.

---

26 Cf. “Jornal de Riba d’ Ave de 31 de agosto de 1963” – Artigo de periódico desprovido de referenciação de série, volume ou número: “(...) Um dos dias mais brilhantes para a História da progressiva e donairosa freguesia de Delães, o próximo dia 8 de Setembro, data aprazada para a solene inauguração da sua nova e sumptuosa Igreja Paroquial, do Bairro Augusto Correia (...) o principal obreiro das coisas grandes e progressivas da paróquia (...) até de muitas outras espalhadas pelo concelho (...) Constituída (...) há uma dúzia de anos o verdadeiro problema para a freguesia o facto do seu templo, além de antiquado, pois a sua construção tinha mais de duzentos anos, ser demasiado pequeno para as cerimónias de culto atendendo ao aumento (...) crescente da sua população, resultante do seu manifesto progresso. Não foi, porém, em vão que o pároco Padre Francisco Alves Pimenta, aliado aos restantes membros que então constituíam a Comissão fabriqueira Srs. Francisco da Silva Araújo e João Dias Sampaio que há cerca de quatro anos lançaram a ideia da construção do novo templo. A obra iniciou-se em Janeiro de 1960 e foi a actual e bem dinâmica Comissão fabriqueira constituída pelo Pároco e Srs. José Ribeiro e António Ribeiro de Carvalho lhe deram o impulso derradeiro, graças às valiosas ofertas que se verificaram, de entre as quais justo é destacar a do Sr. Augusto Correia, de 500 contos, à contribuição de toda a população com a organização de cortejos, sorteios, etc. (...) Na verdade a jornada do próximo dia 8 de Setembro ficaria incompleta, a população de Delães vai testemunhar ao Sr. Augusto Correia a sua profunda gratidão, ao mesmo tempo que descerrará no largo da Igreja um bronze que ficará a perpetuar para sempre o obreiro principal, não só daquela obra mas de muitas outras (...) espalhadas pela freguesia (...)”

27 Termo pelo qual a extinta e setecentista “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” ficou conhecida e referida na gíria local (delaense e famalicense), após a sua demolição e permuta pelo novo edificado - cf. JUNTA DE FREGUESIA DE DELAËS - Guia turístico / Boletim da Junta de Freguesia de Delães. Delães: Junta de Freguesia de Delães, (s/d), p. 15.: “(...) Igreja Velha / Na memória colectiva dos Delaenses ainda perdura a imagem da Igreja Velha, demolida em 1960 para construção da nova Igreja. Os magníficos altares em talha dourada, podem ser apreciados no Museu de Sta. Maria de Lamas (...)”



Fig. 16 Registo imagético da envolvência, Cruzeiro Pétreo e Fachada exterior da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Fotografia de 1955, arquivada no fundo fotográfico e documental da Biblioteca Municipal de Famalicão – Biblioteca Camilo Castelo Branco (difundida “em rede”, pelo arquivo “Famalicão ID”), antecessora do desmembramento e substituição do Templo de matriz original setecentista (de séc. XVIII), realizada por Vasco de Carvalho (1888-1961), conservada num álbum não editado (de levantamento do Património religioso distribuído, à época, no território concelhio de Vila Nova de Famalicão), e acompanhada não só por perspetiva complementar da arquitetura exterior, como também por dois manuscritos de arrolamento e descrição do património móvel e ambiência interior e exterior da dita “Igreja Velha” delaense. © Ext. CARVALHO, Vasco - [Listagem de freguesias de V.N. Famalicão com anotações de V.C.] [Manuscrito] / Vasco de Carvalho. – 1955. – [102] f. pautadas ; 27 x 21 cm. Folhas soltas sem encadernação. - A listagem indica se a freguesia foi visitada e se já se encontra pronto o recenseamento. BMCCB/FL VC 101.

Por exemplo, nos manuscritos das “*Memórias Paroquiais*” de 1758 e pela “*Relação de Bens*” inventariados a 28 de agosto de 1911 – com atualização de 1926, 1927 e 1928<sup>28</sup> - em plena anuência da “*Lei Republicana de separação do Estado das Igrejas*” de 20 de abril de 1911<sup>29</sup>.

---

28 Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Delães, Veruim 1758/1758, Memórias Paroquiais 1722/1832*, vol. 13, n.º 11, pp. 61 a 64. ; Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças - *Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Arrolamento dos bens culturais da freguesia de Delães, distrito de Braga, concelho de Vila Nova de Famalicão, constando de: Igreja Matriz de Delães; Capela de São Miguel, 1911-08-28 a 1928-01-26*, Liv. 18, fl. 78-82, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ARROL/014. & Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças – *Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Entrega de bens à corporação encarregada do culto católico, ao abrigo do Decreto n.º 11887, de 6 de Julho de 1926, na freguesia de Delães, concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga, 1926-07-06, 1927-11-21 a 1928-12-27*, Proc. 11887, L. 13, Fl. 379, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ADMIN/066.

29 Com o advento republicano proclamado a 5 de outubro de 1910, a orgânica legislativa da *Primeira República Portuguesa* abarcou um conjunto de matrizes legais anticlericalistas – separadora de poderes entre “Igreja” e “Estado”. Deste modo, no decurso e entrada em vigor da “*Lei de Separação entre Igreja e Estado*” (oficializada num Decreto de 20 de abril de 1911, por iniciativa de Afonso Costa (1871–1937), o cariz laico do republicanismo focou o seu intuito de distinção de duas esferas, a política e a religiosa. Libertou o Estado da tutela de qualquer incumbência face às confissões religiosas mas interveio ao nível do seu património, exigindo a realização de arrolamentos / inventários de bens, ou similares que desde 28 de agosto de 1911 a 1928 escalpelizou a Paróquia e “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”. Como principais artigos desta legislação evidenciam-se: “(...) Artigo 1º A República reconhece e garante a plena liberdade de consciência a todos os cidadãos portugueses e ainda aos estrangeiros que habitarem o território Português (...) Artigo 2º A partir da publicação do presente decreto com força de lei a religião católica apostólica romana deixa de ser a religião do Estado e todas as igrejas ou confissões religiosas são igualmente autorizadas (...) Artigo 4º A República não reconhece, não sustenta, nem subsidia culto algum; e por isso, a partir do dia 1 de Julho próximo futuro, serão suprimidas nos orçamentos do Estado, dos corpos administrativos locais e de quaisquer estabelecimentos públicos todas as despesas relativas ao exercício dos cultos (...) Artigo 62º Todas as catedrais, igrejas e capelas, bens imobiliários e mobiliários, que têm sido ou se destinavam a ser aplicados ao culto público da religião católica e à sustentação dos ministros dessa religião e doutros funcionários, empregados e serventuários dela, incluindo as respectivas benfeitorias e até os edifícios novos que substituíram os antigos, são declarados, salvo o caso de propriedade bem determinada de uma pessoa particular ou de uma corporação com personalidade jurídica, pertença e propriedade do Estado e dos corpos administrativos, e devem ser, como tais, arrolados e inventariados, mas sem necessidade de avaliação nem de imposição de selos, entregando-se os mobiliários de valor, cujo extravio se recear, provisoriamente, à guarda das juntas de paróquia ou remetendo-se para os depósitos públicos ou para os museus (...) Artigo 63º O arrolamento e inventário a que se refere o artigo anterior serão feitos administrativamente, de paróquia em paróquia, por uma Comissão concelha de inventário, composta do administrador do concelho ou do bairro e do escrivão da fazenda, que poderão fazer-se representar por empregados seus, sob sua responsabilidade, servindo o primeiro de presidente e o segundo de secretário, e por um homem bom de cada paróquia, membro da respectiva junta, e indicado pela câmara municipal para o serviço dessa paróquia (...) Artigo 89º As catedrais, igrejas e capelas que têm servido ao exercício público do culto católico, assim como os objectos mobiliários que as guarnecem, serão, na medida do estritamente necessário, cedidos gratuitamente e a título precário pelo Estado ou pelo corpo administrativo local que deles for proprietário, à corporação que nos termos do artigo 17º e seguintes for encarregada do respectivo culto (...)” – cf. MIRANDA, Jorge – *Sobre a Lei de Separação do Estado da Igreja de 1911*. (s/l): Instituto de Ciências Jurídico-políticas / Centro de Investigação de Direito Público, (s/d), pp. 1-17.

No que diz respeito à Talha dourada, sobretudo a Retabulística setecentista do interior (datável da segunda metade da centúria, fundamentalmente do terceiro quartel do séc. XVIII) – o seu Retábulo e Altar-mor de maior dimensão e os dois Retábulos com altares laterais de escala inferior mas equivalentes entre si em particularidades de traçado ou estrutura, ornato e iconografia que se repetem, tais como fórmulas contracurvadas e alguma correspondência / réplica de motivos antropomórficos (“mascarões”), fitomórficos, vegetalistas, cartelas assimétricas, festões, “rocalhas”, “concheados”, “flamejantes”, tipologias de estípites, peanhas, pilastras, mísulas, volutas, nichos, sacrários, trono ou camarim (vd. figs. 04 a 06, 15 e 17) – foi despojada de Imaginária e comercializada, por iniciativa paroquial (emitida nas breves linhas do escrito jornalístico de 22 de abril de 1960<sup>30</sup>). Discernindo na figura do Colecionador compulsivo *Henrique Amorim* o comprador ideal, e a liquidez derivada da operação negocial em causa revertida, na sua totalidade, para as iniciativas e apuros monetários de benemerência e proatividade comunitária, investidos na empreitada coletiva da “Igreja Nova”<sup>31</sup>.

Retornando ao histórico geral da sala do Museu à qual nos reportamos, a sua superfície foi concluída até 5 de março de 1959, numa fase prévia à demolição global / extração da Talha da Igreja delaense e na sua terminologia primitiva assumiu o desígnio de “*Capela Funda*” (pois deriva da primeira fase construtiva do *Museu*

---

30 “(...) *Vendem-se três altares, talha e estilo D. João V, muito lindos e em bom estado. Informa o Pároco de Delães* (...)” - cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Ano VI (XXV). Vila Nova de Famalicão: Sexta feira, 22 de abril de 1960, p. 3.

31 Cf. “*Jornal de Riba d’ Ave* de 31 de agosto de 1963” – Artigo de periódico ausente de referência de série, volume ou número: “(...) Não foi, porém, em vão que o pároco Padre Francisco Alves Pimenta, aliado aos restantes membros que então constituíam a Comissão fabriqueira Srs. Francisco da Silva Araújo e João Dias Sampaio que há cerca de quatro anos lançaram a ideia da construção do novo templo. A obra iniciou-se em Janeiro de 1960 e foi a actual e bem dinâmica Comissão fabriqueira constituída pelo Pároco e Srs. José Ribeiro e António Ribeiro de Carvalho lhe deram o impulso derradeiro, graças às valiosas ofertas que se verificaram, de entre as quais justo é destacar a do Sr. Augusto Correia, de 500 contos, à contribuição de toda a população com a organização de cortejos, sorteios, etc. (...)”



Fig. 17 Esquema demonstrativo de correspondência estilística e identificação inequívoca de pormenores decorativos – tais como fórmulas contracurvadas, motivos antropomórficos (“mascarões”), fitomórficos, vegetalistas, cartelas assimétricas, festões, “rocalhas”, “concheados”, “flamejantes”, tipologias de estípites, peanhas, pilastras, mísulas, volutas, nichos, sacrários, trono ou camarim - do Retábulo e Altar-mor e dos dois Retábulos laterais da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de linguagem Rocaille (Rococó), oriundos da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Os únicos desse Templo prévio, expostos, sensivelmente desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas. © José C. Amorim.

e integra a doação inicial preconizada pelo Fundador em benefício da Casa do Povo de St.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> de Lamas<sup>32</sup>). É o encerramento do processo de compra, receção e ensablagem dos três Retábulos de estilo e linguagem Rocaille (Rococó<sup>33</sup>) do Entre Douro e Minho que despoleta

---

32 Em virtude do término da sua primeira fase construtiva, nesta doação patrimonial firmada a 5 de março de 1959, do ponto de vista da sua arquitetura e acervo exposto, a planimetria do Museu de Lamas restringia-se apenas ao “pavilhão onde existia a Casa de Numismática, a Capela alta, a Galeria dos Arcos com o tecto em pinturas e a Capela funda” (União. Mensário de Santa Maria de Lamas, 1978, p. 8.). Áreas temáticas posteriormente “rebatizadas”, ainda durante a vida do próprio Henrique Amorim, pelos termos: “Sala 0 – Receção”; “Sala 1 – Sala de Nossa Senhora do Ó” (correspondentes à antiga “Casa de Numismática”); “Sala 2 – Sala da Capela” (anterior “Capela Alta”); “Sala 3 – Sala dos Evangelistas” (resultante da “Galeria dos arcos com o tecto em pinturas”). E, por último, a “Sala 16 – Sala da Capela de Delães” (alusiva à “Capela Funda” – designio que antecede a incorporação neste espaço, a partir de 1960, de Retabulística do terceiro quartel do século XVIII, provinda da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”).

33 “(...) Rococó. Designação pejorativa que caricaturiza o termo francês rocaille, motivo decorativo mais repetidamente utilizado pelos artistas deste período (...) Situado entre o Barroco e o Neoclassicismo. A sua definição estilística (...) nem sempre foi coincidente. Com frequência o rococó é considerado apenas como um Barroco final, uma degenerência sem autonomia (...) Vivendo em exclusivo da sobrecarga de esfuziantes e engenhosas formas decorativas às quais se atribuem qualidades insólitas e até grotescas. Ora a historiografia da Arte Alemã, primeiro, e alguns estudos de natureza estética posteriormente (...) consagram o Barroco e o rococó como duas categorias diferentes e antagónicas. O Barroco expressou-se em obras grandiosas (...) buscou as suas fontes expressivas na tradição clássica. A este programa opôs o rococó uma arte de escala reduzida, propiciando valores intimistas, refinados e até sensuais, onde uma decoração que roça o onírico substitui progressivamente a historicidade prestigiante das regras clássicas. Iniciado em França, este movimento estendeu-se progressivamente a toda a Europa (...) A sua recepção não produziu uma uniformidade de critérios (...) O rococó conheceu, sobretudo expressões regionalistas diversificadas (...) A difusão da nova linguagem faz-se a partir de reportórios elaborados em França e Alemanha (...) Através da gravura artística e de imagens devocionais, profusamente distribuídas em festas e romarias. Mas a fixação de modelos não assumiu aspectos dogmáticos (...) o processo do rococó em Portugal seguiu genericamente as coordenadas (...) Contudo pode afirmar-se que o reconhecimento da existência de uma Arte rococó em Portugal constitui um processo, distante, ainda hoje, de uma resolução teórica que a legitime. No discurso historiográfico nacional o rococó vem evoluindo desde uma obstinada declaração de impossibilidade para uma crescente aceitação. Que, no entanto, ao assentar apenas em critérios cronológicos pode conduzir à acentuação da sua fragilidade discursiva (...) Será no domínio da estética, na formulação de conceitos e noções operatórias que o rococó português se definirá com precisão e se autonomizará face ao imperialismo Barroco (...) Dissolvidas com frequência na cómoda designação de tardobarroco, as formas do rococó permanecem em grande parte desconhecidas, com excepção de alguns aspectos relacionados com a arquitectura, a talha ou as denominadas artes decorativas (...) O carácter fragmentário do discurso rococó impossibilita a indicação de uma data ou uma obra precisas que assinalem o seu arranque (...)” – cf. PEREIRA, José Fernandes & PEREIRA, Paulo – Dicionário da Arte Barroca em Portugal. (s/l): Editorial Presença, 1989, p. 416.

a permuta de terminologia identificativa desta sala. Fruindo do tal designio renovado de “Sala da Capela de Delães”. Em parte impreciso, decorrente da receção desta Talha ocorrida decerto numa datação posterior a 22 de abril de 1960, mas que a “Cultura popular” lamacense e a envolveria histórica do Museu eternizou, levando por vezes ao erro de observância quanto à universalidade do espaço.

Complementada por esculturas de Imaginária diversa - de datação variável no decurso dos sécs. XVII, XVIII ou XIX e proveniências distintas entre si e os próprios Retábulos, Altares, Nichos e Peanhas que as acolhem - a Talha dourada presente nesta divisão do Museu de Lamas, tanto os três registos delaenses como os demais de geografias dissemelhantes, salvo uma estrutura / fragmentos retabulares de *Estilo Nacional*<sup>34</sup> (de séc. XVII), e alguns pormenores avulsos de *Barroco*

---

34 Estruturas de Talha esteticamente demarcadas pelo ênfase, a par da sucessão de arcos de volta perfeita no seu tímpano, dedicado à presença, em número variado, de um dos pormenores mais identificativos deste estilo, a coluna de fuste espiralado, designada de “Salomónica” ou “Pseudo-salomónica” – cf. SMITH, Robert – *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1963, pp. 69 e 70.: “(...) a talha dourada portuguesa sofreu uma profunda transformação. A revolução que se operou, divorciando-a em grande parte da espanhola e dando-lhe carácter nacional, foi o produto, como vimos, de uma longa transição (...) A revolução efectuou-se pela acção de dois elementos indispensáveis – a coluna de fuste em espiral, chamado «salomónico», e o remate de arcos concêntricos, que, combinados, deram ao retábulo português uma nova estrutura, mais escultural do que arquitectónica, dinâmica em vez de estática, emprestando-lhe sentido de movimento e efeito de unidade, e, juntos com folhas de acanto em alto relevo, esses elementos produziram a primeira manifestação inteiramente barroca na história da arte portuguesa (...) São relativamente poucos os elementos que constituíram o estilo nacional (...) como motivo mais característico, coloca-se a coluna de fuste espiral (...) de ordem coríntia ou compósita, consta geralmente de cinco espiras, cobertas de parras de uva, com os seus cachos e folhas (...) Como este é, por conseguinte, o verdadeiro tipo da coluna salomónica, as versões Ibéricas de Seiscentos têm de ser denominadas colunas «pseudo-salomónicas», porque lhes falta a diferenciação do terço inferior. Em Portugal enriqueceram-se os fustes espirais com relevos de pássaros, identificados como fénices, ou seja símbolos da ressurreição, e pequenos anjos, os «meninos» dos velhos contratos, fazendo a colheita eucarística. Nos retábulos e altares-mores típicos do novo estilo, as colunas pseudo-salomónicas ladeiam um grande camarim aberto (...) tribuna. Cada coluna recebe um arco de meio ponto, composto das mesmas espiras que o seu fuste, de modo que o mesmo tipo de decoração corre várias vezes em volta da tribuna, interrompido somente pelo entablamento, e os arcos concêntricos são unidos por peças de madeira entalhada, dispostos como os raios de uma roda (...) A folha de acanto aparece na decoração do estilo nacional de diferentes maneiras (...)”

Joanino<sup>35</sup> (vigente entre a 2.<sup>a</sup> metade do séc. XVII e a desenvoltura do séc. XVIII), enquadram-se na variante final do *Barroco lusitano*<sup>36</sup>. Ou seja, na produção artística do *Rococó* - termo aporuguesado viente, *ab initio*, do desígnio francês *Rocaille*, na sua génese um título de

35 Como estilo de plasticismo predominante face ao antecessor (que não foi, de todo, descontinuado com o aflorar do gosto renovado, restou coevo em determinadas geografias e ocasiões), o *Barroco Joanino* beneficia do emprego de um rol diversificado de ornamentos, arrolados da seguinte forma por Robert Smith: "(...) início de um movimento barroco que, em Portugal floresceu no reinado de D. João V. Durante aquela época áurea de quase meio século (1706-1750), criou-se e desenvolveu-se um novo tipo de retábulo dramático. Com um vocabulário de ornatos bem diferente da linguagem ornamental do estilo nacional (...) vocabulário em que predominam conchas, feixes de plumas, palmas, volutas entrelaçadas, grinaldas e festões de flores, especialmente de rosas, margaridas, girassóis, e frisos verticais de folhinhos e botões de plantas. No aparato do estilo figura uma diversidade de baldaquinos e sanefas, de cortinas e panos, de fragmentos de arcos e outros motivos arquitectónicos, uma vez mais restaurados de maneira vantajosa. São geralmente acompanhados de figuras angélicas e alegóricas, que, empregadas anteriormente de modo acidental, ganharam depois uma importância capital. Mantêm-se a coluna espiral, como baluarte principal do retábulo, modificando-se os seus ornatos na luz do novo gosto romano. Assim desaparece, gradualmente, a parra da uva, para dar lugar a grinaldas de flores, ainda que ficassem, na maioria dos casos, as espirais iguais do fuste pseudo-salomónico (...). A linguagem ornamental foi transmitida por várias vias de comunicação. Em primeiro lugar, como sempre, no passado, por meio de gravuras e de livros ilustrados (...)" - cf. SMITH, Robert - Ob. cit. (1963), pp. 95 e 96.

36 Apesar deste enquadramento associado, em parte, ao *Tardo-barroco*, na História da Arte Portuguesa as abordagens ao *Rococó* dividem-se a partir da dicotomia estilística e cronológica, veiculativa de interpretações que o classificam apenas e só como uma última variante, excessiva, do *Barroco*, sem autonomia própria. E outros estudiosos que encontram neste movimento características capazes de o diferenciar como estilo autónomo e, por isso mesmo, coexistente com o próprio *Tardo-barroco* - cf. PEREIRA, José Fernandes & PEREIRA, Paulo - Ob. cit. (1989), p. 416.: "(...) Contudo pode afirmar-se que o reconhecimento da existência de uma Arte rococó em Portugal constitui um processo, distante, ainda hoje, de uma resolução teórica que a legítima. No discurso historiográfico nacional o rococó vem evoluindo desde uma obstinada declaração de impossibilidade para uma crescente aceitação. Que, no entanto, ao assentar apenas em critérios cronológicos pode conduzir à acentuação da sua fragilidade discursiva (...) Será no domínio da estética, na formulação de conceitos e noções operatórias que o rococó português se definirá com precisão e se autonomizará face ao imperialismo Barroco (...) Dissolvidas com frequência na cómoda designação de *tardobarroco*, as formas do rococó permanecem em grande parte desconhecidas, com excepção de alguns aspectos relacionados com a arquitectura, a talha ou as denominadas artes decorativas (...) O carácter fragmentário do discurso rococó impossibilita a indicação de uma data ou uma obra precisas que assinalem o seu arranque (...) / "(...) No período entre c. 1746 e c. 1787 coexistem no nosso país duas opções estéticas, iniciadas simultaneamente, uma próxima do barroco romano setecentista (o *tardobarroco*) e outra de origem franco-alemã (o *rococó*). Acresce o facto de se registar uma enorme liberdade interpretativa, tão cara aos ideais iluministas, que está na origem de interessantes manifestações de miscigenação entre as duas estéticas dominantes (...) A semelhança do que ocorreu nas fases anteriores, também neste período houve a consciência de que um novo ciclo suplantava o anterior. De entre as inúmeras situações possíveis de referenciar, apontam-se alguns exemplos mais explícitos em que a expressão ao moderno surge como elemento diferenciador das normas estéticas anteriores: Nos apontamentos respeitantes ao retábulo da capela-mor que se pretendia mandar fazer em 1754 na igreja de São Nicolau do Porto é declarado: «toda a mais obra levará seus lisos para se poder imitar pedraria mas levando sempre seus ornatos de boa talha moderna». Nas Memórias Paroquiais de 1758, o Pároco de Sines descreve pormenorizadamente os altares então existentes na igreja matriz, diferenciando dois tipos de situações distintas: uma, associada ao passado, em que especifica com seu retábulo de talha antiga, dourada, outra, ligada ao presente, em que refere um retábulo de talha moderna com os altos dourados e os lisos de pedra fíngida. No ajuste da feitura de cinco retábulos (o mor, dois colaterais e dois laterais) para a igreja matriz de Lagoa, celebrado a 22 de Dezembro de 1770 declara-se que sejam feitos de pinho de Flandres, ao moderno. Em 1775, na escritura notarial respeitante à obra da tribuna do altar mor do santuário de Nossa Senhora das Necessidades, na freguesia de São João de Barqueiros no termo de vila de Barcelos, declara-se, entre outras cláusulas, que será no estilo moderno (...) As datas apontadas como limites cronológicos (1746 e 1787) correspondem a momentos determinantes que marcaram na cultura artística nacional, respectivamente o princípio e o fim deste período. Como é natural, houve muitas entidades e artistas que se mantiveram temporariamente alheios às inovações e como tal rejeitaram-nas no todo ou em parte, assumindo uma postura mais conservadora (...)» - cf. LAMEIRA, Francisco - «O retábulo em Portugal: o *Tardobarroco* e o *Rococó* (c. 1746 - c. 1787)» in *Promontória*. Ano 4, n.º 4. (s/l): 2006, pp. 353 e 355.

conotação pejorativa<sup>37</sup>, atribuído às “Rocalhas”<sup>38</sup>, uma tipologia de ornato frequente no vocabulário plástico estabelecido pelos artistas imiscuídos / imbuídos no espírito deste movimento estético - votado à segunda metade do séc. XVIII<sup>39</sup>, sobretudo ao desenvolvimento do terceiro quartel de setecentos<sup>40</sup>. O que não invalida a sua prevalência nas proximidades do final do século<sup>41</sup>.

## Cap. II - Três Retábulos da “Sala da Capela de Delães” do Museu de St.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> de Lamas: Memória, sob forma de Talha dourada, da demolida Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães (V. N. de Famalicão)

### Breve descritivo da Retabulística delaense, respetivo espaço religioso de origem, sua extinção e posterior chegada à coleção de Henrique Amorim. Abordagem cronológica ao processo de transladação desde Delães até Santa Maria de Lamas; fundamento de identificação exata e levantamento histórico-artístico dos três Retábulos de séc. XVIII e vocabulário Rococó.

37 "(...) Rococó. Designação pejorativa que caricaturiza o termo francês *rocaille*, motivo decorativo mais repetidamente utilizado pelos artistas deste período (...) Situado entre o Barroco e o Neoclassicismo (...)” - cf. PEREIRA, José Fernandes & PEREIRA, Paulo - Ob. cit. (1989), p. 416.

38 Ornato evidente e regular em porções distintas dos três Retábulos delaenses: "(...) As rocalhas ou os concheados assimétricos surgem como o grande signo formal do rococó. Philippe Minguet citando P. Francastel afirma: «le coquillage, à cause de sa forme, de son orifice, du lieu où il séjourne, évoque le domaine intime féminin; il devient substitut symbolique et mythique en quelque sorte de la femme». São também empregues toda a espécie de flores, linhas sinuosas, formas auriculares, etc. (...)” - cf. LAMEIRA, Francisco - Ob. cit. (2006), p.366.

39 Hiato cronológico extensível à segunda metade, sem esquecer o predomínio do terceiro quartel do séc. XVIII, como espaço preferencial de difusão deste estilo e respetivo vocabulário, passível de subsidiar na bibliografia e autores nacionais e internacionais votados à abordagem do *Rococó lusitano*: "(...) A fase final da talha setecentista coincidiu com o florescimento do estilo rococó. Durante o meio século decorrido entre 1750 e 1800 (...)” - cf. SMITH, Robert - Ob. cit. (1963), p. 129. / "(...) Se bem que os artistas portugueses se encontrem a nível de discurso numa dimensão periférica, eles tentam, todavia, expressar o ideário pós-tridentino de acordo com os critérios estéticos vigentes na Europa, introduzindo durante o reinado de D. João V (1706-1750) o chamado “gosto moderno” do barroco romano, e aderindo na segunda metade do século XVIII às influências francesa e alemã de um rococó requintado (...)” - cf.

Ferreira-Alves, Natália Marinho - «Pintura, Talha e Escultura (séculos XVII e XVIII) no Norte de Portugal» in *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. I Série, vol. 2. Porto: 2003, p. 735.

40 "(...) Por fim, aproximadamente de 1750 até ao início da década de 70 de Setecentos, assistir-se-á à afirmação do rococó (...)” - cf. FERREIRA-ALVES - Ob. cit. (2003), p. 741.

41 Prolongamento temporal do *Rococó* português às cercanias das derradeiras décadas de setecentos (séc. XVIII), sustentado através de parágrafos de especialistas, tais como: "(...) No período entre c. 1746 e c. 1787 coexistem no nosso país duas opções estéticas, iniciadas simultaneamente, uma próxima do barroco romano setecentista (o *tardobarroco*) e outra de origem franco-alemã (o *rococó*) (...) As datas apontadas como limites cronológicos (1746 e 1787) correspondem a momentos determinantes que marcaram na cultura artística nacional, respectivamente o princípio e o fim deste período (...)” - cf. LAMEIRA, Francisco - Ob. cit. (2006), pp.353 e 355.

“(…) A Freguezia do Salvador de Delains (...) na província de Entre Douro e Minho, Arcebispado de Braga (...) He Orago da dita freguezia o Salvador (...) Tem trez altares, o principal do Salvador, outro de Nossa Senhora da Purificação, o terceiro de São Sebastião. Tem uma nave e tem (...) Comfradia de Nossa Senhora da Purificação (...)”

Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Delães, Vermoim 1758/1758, Memórias Paroquiais 1722/1832*, vol. 13, n.º 11, pp. 61 a 64.

“(…) Vendem-se três altares, talha e estilo D. João V, muito lindos e em bom estado. Informa o Pároco de Delães (...)”

Cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Ano VI (XXV). Vila Nova de Famalicão: Sexta feira, 22 de abril de 1960, p. 3.

Na grande maioria do espólio de Arte Sacra, tal como noutras tipologias expositivas do *Museu de Lamas (St.ª M.ª de Lamas, St.ª M.ª da Feira, Aveiro)*, a possibilidade de conhecimento inequívoco da proveniência de determinado núcleo de três peças artísticas, especificamente de um conjunto retabular, caso dos três Retábulos provindos de Delães em estudo é, à luz do entendimento atual deste acervo e do procedimento colecionista de *Henrique Amorim (1902-1977)*<sup>42</sup> algo deveras excepcional. Votado ao

42 “(...) O caso do Museu de Santa Maria de Lamas, rico de santuária e obra de talha, reflecte o particular das actividades culturais do comendador Henrique Amorim, postas ao serviço da sua terra. Imagens, púlpitos, coros, entalhamento, etc., das mais variadas épocas e das mais variadas escolas, espalham-se em combinações curiosas por todo o Museu, dispostas à mais perfeita observação (...) Onde quer que haja (...) o vestígio dum resto do passado susceptível de dano, ele não perde ocasião de juntar tudo às suas vastas antiquilhas postas naquele museu todo feito do seu capital e do seu esforço, a fim de salvar, quantas vezes, mais uma raridade artística que sem a sua intervenção se perderia inexoravelmente (...)” – cf. *História da Indústria em Portugal*, 1961, (s/p).

“coleccionismo compulsivo”, o Fundador do Museu ao longo de toda a atividade de recolha preconizada – estabelecida sensivelmente de 1950 a 1977 - privilegiou a quantidade de objetos em detrimento do arquivo e difusão de qualquer descritivo concreto ou memorial pormenorizado das funcionalidades e precedência dos bens adquiridos e expostos. Histórica e maioritariamente referida como transacionada num hiato cronológico de 1950 a 1953<sup>43</sup>,

43 Recolhida, na sua totalidade, ao longo do território nacional e em volume superior – embora subsistam exceções como é o caso da Retabulística analisada nesta investigação - no intervalo de 1950 a 1953. Documentalmente, este marco cronológico estabelecido de 1950 a 1953 é referenciado na abordagem historiográfica da ocupação colecionista de *Henrique Amorim* em o período de capital pesquisa, recolha e compra dos elementos desta vasta coleção de Arte Sacra portuguesa - um dos segmentos expositivos mais valiosos do Museu (BOTELHO & FERREIRA, 2005, pp. 15-19.), distribuídos por diferentes “sub-coleções” que se disseminam por diversas áreas, linguagens, ou divisórias temporais passíveis de estabelecer na História da Arte e da Religião, imbuídas de pressupostos de declarada influência estética ou litúrgica na produção artística. Deste modo, na sua globalidade, a Talha dourada, a Imaginária, a Pintura, as Estampas (com “água-forte”, Xilogravura e/ou Litografia de iconografia religiosa); os Missais, os *Ex-votos*, a Paramentaria, as Alfaias e os Objetos de uso litúrgico que integram este espólio, provêm de produção portuguesa (ou sob tutela / influxo colonial), e foram adquiridos, salvo exceções, diretamente em espaços religiosos intervencionados / extintos / expropriados de bens artísticos; hastas públicas; “Residências, Igrejas / Capelas particulares” ou Antiquários. Sobre tudo no *Porto, Póvoa de Varzim, Viana do Castelo, Braga, Viseu e Vila Nova de Famalicão* (CASA DO POVO DE SANTA MARIA DE LAMAS, 1985, pp. 14–16. ; CLETO & FARO, 2000, pp. 21–22. & MONCADA, 2005, p. 33.). Embora sem escritos passíveis de subsidiar inequivocamente esta corrente de pensamento sobre a adição colecionista de *Henrique Amorim*, a par das vertentes acima descritas, será viável supor que este vulto, após informação de “instâncias superiores” ou amizades bem posicionadas (no “mercado de arte” e antiquários inclusive), terá obtido alguns Retábulos ou fragmentos de Talha dourada, esculturas de Imaginária, Pintura, Alfaias litúrgicas ou outro tipo de objetos de matriz artística cristã, nos despojos de várias dezenas de intervenções orquestradas nalguns monumentos do património religioso português. Sob liderança, em primeira linha, das diretivas da DGEMN – *Direção-Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais*, organismo público e governamental cuja doutrina de Conservação do Património sinalizava a arte da Talha, Imaginária e similares de sécs. XVII ou XVIII por exemplo, como “excrecências”. Terminologia depreciativa pela qual, nas páginas do seu Boletim de lançamento datado de 1935, a própria *Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais* classificou os acrescentos posteriores alocados em monumentos *Medievais, Manuelinos* ou *Renascentistas* (na sua génese caracterizados por formas e programas decorativos pétreos). Justificando, deste modo, a sua retirada (critério inscrito no seguinte excerto literário que clarifica uma parte significativa do entendimento, gestão e didática patrimonial da época): “(...) restaurar e conservar com verdadeira devoção patriótica os nossos monumentos (...) de modo a integrar o monumento na sua beleza primitiva expurgando-o de excrecências posteriores (...)” – cf. *Boletim da DGEMN – Igreja de Leça do Bailio*. N.º1. Lisboa: setembro de 1935, (s/p).



Fig. 18 Retábulo e Altar setecentista, enquadrado na segunda metade do séc. XVIII, sobretudo no terceiro quartel da centúria, de formato e linguagem Rocaille (“Rococó”). Considerando o contraponto estabelecido perante as fontes escritas e fotográficas identificadas neste estudo, seria o “Retábulo e Altar-mor” do conjunto das três estruturas retabulares da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Incorporado na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas desde 1960 – numa datação posterior a 22 de abril desse mesmo ano. © José C. Amorim.

a coleção de Arte Sacra<sup>44</sup> do *Museu de Lamas*, originária de diferentes geografias nacionais e aplicada, em diversas variantes, no perímetro expositivo das divisórias arquitetónicas resultantes da primeira de múltiplas fases construtivas deste complexo museológico – concluída até cinco de março de 1959 - encontra na especificidade da abordagem à Retabulística deliaense algumas particularidades.

Desde logo, estes três Retábulos de programa plástico Rococó (vd. figs. 18, 19 e 20), identificados como os únicos provenientes de *Delães* na “*Sala da Capela de Delães*” do *Museu de Lamas*, pela possível compra e comutação geográfica operada no ano de 1960 – a partir de vinte e dois de abril, cronologia na qual o pároco deliaense em exercício, *Francisco Alves Pimenta*, fez publicar no

---

44 Sobre a estima desmesurada de *Henrique Amorim* pela Arte Sacra é importante reter que esta manifestação poderia representar uma certa reflexologia e enquadramento programático dos poucos estudos que beneficiou (ministrados, numa maioria considerável, em plena esfera doméstica e familiar). Pelas carências educativas que *Santa Maria de Lamas* detinha (solucionadas a partir dos anos 1940, 1950 e 1960, pelo próprio), *Henrique Amorim* frequentou apenas os quatro anos de “instrução primária” numa freguesia vizinha, *Mozelos*. E, para dar continuidade à sua educação escolar, militou durante um ano as valências de um estabelecimento educativo situado em *Espinho*. Entrevistado, porventura nos anos 1970, pelo Jornal local “*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*”, numa abordagem ao seu percurso educativo, o próprio Fundador do Museu acrescentou que a experiência escolar Espinhense foi importante para assimilar conhecimentos, sobretudo na disciplina de “Inglês” – auxiliando-o futuramente na atividade negocial. Após cessar esse ano de estudos e consequente ingresso precoce, no limiar dos catorze anos de idade, na dinâmica de labor doméstico e corticeiro da sua Família, um dos seus irmãos que seria Padre – *Manuel Amorim* (SANTOS, 1997, p. 45.) - “obrigava-o a continuar a desenvolver temas, ou responder a questionários integrados na sua tipologia de formação”, maioritariamente religiosa. Talvez seja esta reminiscência ao estudo, embora caseiro, da doutrina e educação de matriz religiosa que levou, anos mais tarde, à compulsão que este Homem nutriu pela compra, em número muito significativo, de fragmentos, objetos e expressões de culto e Arte sacra portuguesa. Essencialmente depois de se tornar uma abastada referência no panorama industrial português dos anos 1920, 1930, 1940, 1950, 1960 e mesmo 1970. Embora não seja a única, pois como mencionamos anteriormente, na sua atitude colecionista *Henrique Amorim* tentou reproduzir na medida de estudo “autodidata” e afirmação de conhecimento próprio, o gosto pela diversidade de acervo preconizada nos anais da História por espíritos humanistas seculares, a sua Coleção de Arte Sacra é, sem dúvida, uma das maiores a propósito de número e multiplicidade tipológica e cronológica de todo o espólio exibido e arquivado. Esta ligação telúrica ao culto religioso – sob a forma do rito católico, apostólico, romano, em linha com os bons costumes, diretrizes familiares e práticas da própria época de vivência, decorrida num regime social e político, ele próprio, baseado nos pilares “Deus, Pátria e Família” – permitiu-lhe despertar não só para o lado catequético mas inclusive para a beleza e profusão nacional da Arte Sacra.

semanário católico “*Notícias de Famalicão*” o anúncio de disponibilidade de venda da Retabulística<sup>45</sup> (vd. fig. 68) - demonstram que o historial de aquisição de património religioso por parte de *Henrique Amorim* não foi tão linear quanto se pensaria. Transpondo a tal barreira de 1953 e, inclusive, o ano de 1959<sup>46</sup> (no qual conclui a primeira fase do seu edificado museológico).

É certamente com a chegada dos três Retábulos deliaenses no desenrolar de 1960, após vinte e dois de abril, que a própria sala acolhedora, preexistente antes de cinco de março de 1959 e identificada na imprensa de época pelo termo “*Capela funda*”<sup>47</sup>, passa ao desígnio renovado de “*Sala da Capela de Delães*”. Impreciso na mensagem veiculada<sup>48</sup>, mas vigente até à contemporaneidade.

Segundo documentação histórica, escrita e imagética - parca até ao momento nalguns segmentos, mas plausível - e pequenos registos de “tradição oral” e/ou “memória popular”, estes três Retábulos de Talha dourada advieram da demolida “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*” (vd. figs. 21 a 25).

---

45 Cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Ano VI (XXV). Vila Nova de Famalicão: Sexta feira, 22 de abril de 1960, p. 3.

46 Algo que se verifica não só neste caso, mas inclusive noutro momento colecionista, decerto posterior, associado à pretensa data de recolha de alguns elementos de Arte sacra de origens díspares entre si - um retábulo e diversas sanefas de grande escala e linguagem *Rocaille* (*Rococó*) - distribuídos ao longo do perímetro do Piso inferior do Museu, associados a objetos e sub-coleções de teor distinto na sua totalidade, praticamente desde a edificação deste patamar. Integrada na segunda fase construtiva do complexo lamacense, estabelecida de 1959 a 1968.

47 Cf. *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*, 1978, p. 8.

48 Errática não só na “memória popular” e “tradição oral” de locais e transeuntes, mas inclusive da parte da tutela do próprio Museu que numa publicação, editada no ano de 1985, de um Guia de visita ao espaço e sem documentação complementar, afirmava que a totalidade do recheio de Talha dourada ensablado na “*Sala da Capela de Delães*” proviria da antiga Igreja paroquial deliaense: “(...) *Sala 16* (...) *As talhas são oriundas da Igreja de Delães (Famalicão)* (...)” - cf. CASA DO POVO DE ST.ª M.ª DE LAMAS – *Ob. cit.* (1985), p. 24.. Tese que os conteúdos do estudo e pesquisa atual desmistificam – através de fontes históricas (escritas e imagéticas), e o estabelecimento das devidas correspondências estéticas entre estruturas retabulares, comparadas à documentação aferida - pois de facto a “*Sala da Capela de Delães*” contém a totalidade da Retabulística da antiga e demolida “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”, quantitativamente restrita desde a sua génese a três elementos apenas. O seu Retábulo e Altar-mor e os dois Retábulos e altares laterais, associados a dezenas de fragmentos de Talha dourada de origens díspares das suas, aquando da integração nesta sala do *Museu de Lamas*.



Figs. 19 & 20 Retábulos setecentistas, enquadrados na segunda metade do séc. XVIII, sobretudo no terceiro quartel da centúria, de formato e linguagem Rocaille (“Rococó”). Considerando o contraponto estabelecido perante as fontes escritas e fotográficas deste estudo, seriam os dois “Retábulos e altares laterais” do conjunto das três estruturas retabulares da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Incorporados na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas desde 1960 – numa datação posterior a 22 de abril desse mesmo ano. O Retábulo correspondente à fig. 20, à direita, talvez na ocorrência do desmembramento para transporte de Delães até Santa Maria de Lamas, ou no procedimento da devida ensablagem na sala que o acolhe, denota um certo estropiamento de porções significativas da sua pretensa estrutura original, quando comparado com a abrangência do seu similar, reproduzido à esquerda pela fig. 19. © José C. Amorim.



Fig. 21 Registo imagético de parte da envolência e totalidade da Fachada exterior da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Fotografia de 1955, arquivada no fundo fotográfico e documental da Biblioteca Municipal de Famalicão – Biblioteca Camilo Castelo Branco (difundida “em rede”, pelo arquivo “Famalicão ID”), antecessora do derrube e substituição do Templo de matriz original setecentista (de séc. XVIII), realizada por Vasco de Carvalho (1888-1961), conservada num álbum não editado (de levantamento do Património religioso distribuído, à época, no território concelhio de Vila Nova de Famalicão), e acompanhada não só por perspetiva complementar da arquitetura exterior, como também por dois manuscritos de arrolamento e descrição do património móvel e ambiência interior e exterior da dita “Igreja Velha” delaense. © Ext. CARVALHO, Vasco - [Listagem de freguesias de V.N. Famalicão com anotações de V.C.] [Manuscrito] / Vasco de Carvalho. – 1955. – [102] f. pautadas ; 27 x 21 cm. Folhas soltas sem encadernação. - A listagem indica se a freguesia foi visitada e se já se encontra pronto o recenseamento. BMCCB/FL VC 101.

de cronologia setecentista, erigida de raiz entre 1745 e 1746<sup>49</sup>, mas com pormenores visíveis de determinadas atualizações estruturais e artísticas desenvolvidas nas décadas e séculos subsequentes até à ocorrência da sua demolição em 1960 - passível de datar a partir de abril desse mesmo ano<sup>50</sup>, em virtude do anúncio de venda da sua Retabulação publicado

49 A Igreja paroquial de Delães que vigorou até à substituição operada na década de 1960 e albergou até essa data os Retábulos posteriormente adquiridos por *Henrique Amorim*, tendo por base fontes primárias e escritos de arquivo resultará, também ela, de uma permuta de espaço de culto e arquitetura ocorrida em pleno séc. XVIII. Está datado de 21 de janeiro de 1745 um Registo sob tutela do Arquivo Distrital de Braga, “provisionando o direito aos moradores da Freguesia do Salvador de Delães, do arcebispado de Braga para que pudessem demolir a Igreja da sua freguesia e edificá-la de novo” – cf. Arquivo Distrital de Braga, Registo de provisão a favor dos moradores da freguesia do Salvador de Delães, deste arcebispado, para poder demolir a igreja da sua freguesia e edificá-la de novo 1745-01-21, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0119/025147.. Indiciando que a empreitada de construção da nova Matriz setecentista terá decorrido durante cerca de um ano e dez meses, também o Arquivo Distrital de Braga conserva um Registo de 30 de novembro de 1746, que “provisiona licença ao Pároco da freguesia de São Salvador de Delães, para na forma do Ritual Romano benzer a Igreja da sua freguesia” – cf. Arquivo Distrital de Braga, Registo de provisão de licença a favor do Pároco da freguesia do Salvador de Delães, para na forma do Ritual Romano benzer a igreja da sua freguesia 1746-11-30, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0145/031827.

50 O marco cronológico sugerido será passível de sustentar, em parte, pela referência à publicação do anúncio jornalístico de vinte e dois de abril de 1960 (*Notícias de Famalicão* (22/04/1960), p.2.), estabelecendo a disponibilidade de venda dos três Retábulos munidos de altar, comprovando em certa medida a ocorrência de diligências concretas para a substituição da “Igreja Velha” do *Divino Salvador de Delães* pela “Igreja Nova”. Contudo, o arquivo documental aferido até à data permite-nos perceber a existência de maior efetividade nos procedimentos, empreitada e diretivas de demolição da dita “Igreja Velha” nos meses seguintes, de maio e junho sobretudo. Através de visita a Delães preconizada a quinze de maio de 1960 pelo Arcebispo Primaz em exercício, *D. António Martins Júnior* (1881-1963), a imprensa regional faz eco do “lançamento simbólico da Primeira Pedra” do Altar-mor e restante edificado da futura “Igreja Nova”. Esta cerimónia ocorre talvez com parte da “Igreja Velha” praticável, tanto na envolvimento interna como externa, porventura beneficiária de alguns trabalhos de remoção e construção inicial já executados, especificamente ao nível da Capela-mor, cuja delimitação espacial, estabelecimento prévio e elevação “embrionária” das suas paredes estaria já executada. Tal deslocação do Arcebispo Primaz à Paróquia de Delães deveu-se não só ao lançamento da fase complementar e mais importante da construção do novo Templo, mas inclusive para a inauguração da obra local que a antecedeu, a renovada Residência Paroquial (carência que a imprensa de época relata, à semelhança das referências à exiguidade da antiga e setecentista “Igreja Paroquial do Divino Salvador”, perante as imposições populacionais e clericais desta localidade) - “(...) DELAËS RECEBEU FESTIVAMENTE O SR. ARCEBISPO PRIMAZ (...) Delães não tem descurado o problema espiritual e caminha também na vanguarda, graças ao apostolado, à acção constante e ao espírito de sacrifício do seu pároco, Rev. Padre Francisco Pimenta. E Delães necessitava de uma residência condigna, duma sede para os escuteiros e sobretudo – e esta é a grande aspiração da freguesia – duma igreja nova. E o pároco soube congregar à sua volta todos os paroquianos (...) e é justo destacar e sem desprimor para os demais a acção constante (...) do sr. Augusto Correia de Abreu, o benfeitor número um de Delães. Todos corresponderam (...) No largo fronteiro à igreja paroquial enorme multidão (...) receberam entre hinos e flores o Sr. D. António Bento Martins Júnior (...) Organizou-se então um cortejo para à igreja paroquial, onde após breve oração sua Ex.ª Rev.ma se paramentou, dirigindo-se para a futura capela onde iria benzer e lançar a primeira pedra do altar-mor (...) ALOCUÇÃO DO SENHOR ARCEBISPO (...) uma palavra também de confiança pelo acto que vamos realizar que significa o poder de Deus. E a bênção de Deus que aqui vai ser lançada transformará este lugar em lugar de oração com Deus, onde vos podereis recolher (...) BÊNÇÃO DA PRIMEIRA PEDRA (...) «No dia 15 de Maio de 1960, Sua Ex.ª Rev.ma o Sr. Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior, sendo o pároco o Rev. Padre Francisco Alves Pimenta, lançou a primeira pedra do Altar-Mor desta Igreja, estando presentes as autoridades eclesiásticas e civis do distrito (...)» Benzida a primeira pedra e cantadas as ladainhas, implorando a protecção do céu para o nosso altar, o prelado rezou a oração conveniente. Foi assim assinado o «Auto de Fundação» (...) Introduzido o «Auto de Fundação» num recipiente de vidro, juntamente com moedas actuais, foi lacrado e colocado no orifício da primeira pedra do altar-mor. Cantado o último salmo foi a nova capela-mor benzida pelo Sr. Arcebispo Primaz (...) Na despedida, o ilustre benemérito delaeense sr. Augusto Correia de Abreu disse ao Sr. Arcebispo Primaz que, daqui por dois anos o iria buscar novamente a Braga, mas para inaugurar definitivamente a Igreja de Delães (...)” - cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista. Vila Nova de Famalicão*: sexta feira, 20 de maio de 1960, pp. 1 e 3.. “(...) DELAËS INAUGURA A NOVA RESIDÊNCIA E LANÇA A PRIMEIRA PEDRA DA FUTURA IGREJA / Delães – 3.000 habitantes, forte núcleo industrial do norte, carecia de uma igreja capaz de atender às necessidades cada vez maiores da sua população, em constante aumento. A ideia andava no ar de há muito, mas a prudência e calma do actual pároco, Sr. Pe. Francisco Alves Pimenta fez com que não desse o passo definitivo sem certeza plena de êxito absoluto quanto ao empreendimento. E o momento chegou há dias quando foi lançada a primeira pedra do novo edifício do culto, tendo-se aproveitado o ensejo para a inauguração da nova residência paroquial. As autoridades da freguesia e muitas outras individualidades de representação foram esperar Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz à entrada da freguesia (...) No largo fronteiro à Igreja paroquial enorme multidão; e as associações religiosas, escuteiros, crianças da catequese, etc., receberam, entre hinos e flores o Sr. D. António Bento Martins Júnior (...) O Sr. Arcebispo Primaz dirigiu-se aos fiéis para lhes chamar a atenção para o feliz acontecimento que lhes ia verificar-se e, seguidamente, o Sr. Cônego Veloso leu o auto de Fundações, que foi metido num recipiente de vidro com moedas actuais, lacrado e posto no orifício da primeira pedra da capela-mor. Terminada a cerimónia, S. Ex.cia Rev.ma cortou a fita simbólica, à entrada da nova residência (...) No átrio, ao cimo da escadaria principal, e na presença do prelado e convidados foi então prestada uma significativa homenagem a todos os benfeitores, destacando-se com toda a justiça, o Sr. Augusto Correia de Abreu (...) Na despedida, o ilustre benemérito delaeense Sr. Augusto Correia de Abreu disse ao Sr. Arcebispo Primaz que, daqui por dois anos o iria buscar novamente a Igreja de Delães (...)” - cf. *Diário do Minho*. (s/l): segunda feira, 30 de maio de 1960, (s/p).. Na proximidade dos últimos dias do mês de maio – com repercussões nalguns periódicos regionais, dos quais se destaca “O Comércio do Porto” de oito de junho de 1960 – comprovando o desenvolvimento, nesse mesmo hiato cronológico, de uma percentagem significativa dos procedimentos de demolição da “Igreja Velha” ocorre a descoberta, numa das sepulturas internas da sua Capela-mor, de um corpo incorrupto. Trasladado para o cemitério local a trinta e um de maio de 1960, o féretro de *Maria Thereza de Azevedo Carvalho*, benfeitora local e jazente na antiga “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” de 1879 a 1960, passou a figurar na religiosidade popular delaeense como “Santa” – embora sem crivo da Santa Sé – permanecendo, nos dias de hoje, em “Capela própria” / Mausoléu aberto ao público no Cemitério Paroquial – “(...) UM CADÁVER ENTERRADO NA IGREJA DE DELAËS HÁ 81 ANOS está perfeitamente incorrupto / RIBA D’ AVE, 6 – O facto que vamos narrar é o assunto de todas as conversas – não só da freguesia de Delães, onde ocorreu, mas também em toda esta vasta região (...) como a Igreja paroquial de Delães era bastante pequena, e portanto insuficiente para as necessidades espirituais da freguesia, está a proceder-se à sua demolição e, simultaneamente, à construção de um templo maior. Como no interior da referida igreja existiam 39 sepulturas, já muito antigas, foi resolvido, pelo pároco e pela Junta de Freguesia, que se procedesse a escavações para recolha de todos os ossos, que a seguir seriam trasladados para o cemitério paroquial. Após serem revolvidas 38 sepulturas, na última, a sepultura n.º 1, que faz parte das três que se encontram na capela-mor, as quais eram destinadas aos padres que faleciam na freguesia, apareceu um caixão de chumbo, intacto e em perfeito estado de conservação, enquanto que nas restantes sepulturas apenas se encontraram fragmentos de ossos. Foi dado conhecimento deste achado ao pároco da freguesia e membros da Junta que, na presença de muitas pessoas, mandaram proceder à abertura do referido caixão (...) no interior do chumbo (...) um outro caixão de madeira, também bem conservado, e dentro deste um cadáver intacto que não apresenta o menor sinal de decomposição e cujas roupas e calçado se encontram em bom estado (...) Depois de consultados os livros da igreja foi ouvida a pessoa mais idosa desta região, que é o Sr. Fortunato Pinto Carneiro, residente na freguesia da Carreira, Famalicão, e que conta 103 anos (...) que dá provas de uma extraordinária memória, deu informações exactas (...) Ficou assim provado que o cadáver encontrado intacto e que por autorização do delegado de Saúde do concelho foi exposto ao público no jazigo dos actuais proprietários da Quinta de Gavim, no cemitério paroquial de Delães, é da Sr.ª D. Teresa de Azevedo Carvalho, natural de Delães, que faleceu com 81 anos de idade, precisamente também há 81 anos (...) este acontecimento invulgar tem atraído ao cemitério de Delães milhares de pessoas (...)” - cf. *O Comércio do Porto*. Porto: quarta feira, 8 de junho de 1960, (s/p).



Fig. 22 Fotografia de autoria não referenciada, proveniente da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Desprovido de referência cronológica exata, este documento e fonte imagética será sempre enquadrável no século XX, num momento anterior a 22 de abril de 1960, precedente, portanto, à demolição da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. Neste registo memorial de um matrimónio ocorrido no interior da Capela-mor da antiga “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, vislumbramos o pároco, os nubentes e uma criança na “cabeceira” deste Templo junto ao Retábulo e Altar-mor hoje, e desde 1960, remontado no Museu de Lamas. Não prevalecendo um registo global do Retábulo em causa, nesta imagem a percepção de que estamos diante do mesmo Retábulo e Altar-mor da “Sala da Capela de Delães”, mas ensablado e ativo no seu espaço de origem, advém, à esquerda, de um pequeno pormenor decorativo único que a fotografia contempla. Especificamente de um “mascarão” típico do Rococó (destacado por retângulo de sinalização), mas bastante singular e restrito na sua forma ao conjunto de Retabulística delaense, passível de o demarcar e identificar com margem de erro praticamente nula. © José C. Amorim.



Figs. 23 & 24 Fotografias de autoria não referenciada, provenientes da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Ausentes de referências cronológicas exatas, estas fontes imagéticas serão sempre enquadráveis no século XX, num momento anterior a 22 de abril de 1960, prévio, portanto, à demolição da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. Nestes enquadramentos, correspondentes a um matrimónio ocorrido no interior da antiga “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, contemplamos o pároco, os nubentes e diversos familiares na nave única deste Templo junto a um dos seus dois Retábulos e Altares laterais hoje, e desde 1960, incorporados no Museu de Lamas. A correspondência direta, capaz de identificar com margem de erro praticamente nula de que o Retábulo observável como fundo das cenas captadas (destacado por retângulo de sinalização), é um dos que se encontra desde 1960 na “Sala da Capela de Delães” do museu lamacense, advém da percepção de pormenores estruturais e estilísticos únicos. Tais como, o formato e posicionamento de nichos, o trono eucarístico, as colunas / pilastras ou a tipologia de castiçal embutido. Elementos nos quais impera uma profusa gramática decorativa de motivos contracurvados, concheados, fitomórficos e flamejantes típicos do Rococó ao “gosto minhoto”, bastante distintivos e presentes nos três Retábulos delaenses. © José C. Amorim.



Fig. 25 Fotografia de autoria desconhecida, proveniente da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Ausente de referência cronológica precisa, este documento e fonte imagética será sempre enquadrável no século XX, num momento prévio a 22 de abril de 1960, anterior, portanto, à demolição da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. Neste enquadramento, alusivo à continuidade do matrimónio ocorrido no interior da antiga “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, vigente nas figs. 23 e 24, contemplamos o pároco, os nubentes e diversos familiares na nave única deste Templo junto a um dos seus dois Retábulos e Altares laterais hoje, e desde 1960, ensamblados no Museu de Lamas. A correspondência direta, capaz de identificar com margem de erro praticamente nula de que o Retábulo observável como fundo das cenas captadas (destacado por retângulo de sinalização), é um dos que se encontra desde 1960 na “Sala da Capela de Delães” do museu lamacense, advém da perceção de um certo pormenor estrutural e estilístico distinto. Especificamente, o formato e posicionamento de um nicho, no qual subsiste uma Imagem do “Primeiro martírio de São Sebastião” – que não acompanhou o Retábulo em causa na sua viagem para Santa Maria de Lamas. Enquadrado por uma profusa gramática decorativa de motivos contracurvados, concheados, fitomórficos e flamejantes típicos do Rococó ao “gosto minhoto”, bastante singulares e presentes nos três Retábulos delaenses. © José C. Amorim.

num periódico local, mas com superior incidência no desenrolar dos meses de maio e junho (vd. figs. 26 e 27). Sendo que apenas a 8 de julho, prevalece no Semanário católico regionalista “*Notícias de Famalicão*” um artigo capaz de aferir, pela primeira vez e de forma irrefutável, a demolição total da antiga Igreja (*Notícias de Famalicão* (08/07/1960), p. 2.)).

Já que desde meados de abril e pela matéria reproduzida na imprensa de época - nem sempre clara sobre esta temática (*Diário do Minho* (30/05/1960), (s/p). ; *O Comércio do Porto* (08/06/1960, (s/p). ; As edições de 22/01; 19/02; 22/04 (p. 3); 06/05 (p. 1 - capa) e 20/05 (pp. 1-3) do ano de 1960 do *Notícias de Famalicão* ) - os procedimentos de desmembramento da Igreja Paroquial foram graduais e coincidentes com edificações de parcelas do futuro templo. Caso, por exemplo, da sua renovada Capela-mor cujas paredes e extensão, embora num estado profundamente "embrionário", já se encontrariam erigidas e delimitadas aquando da cerimónia presidida no dia 15 de maio de 1960 pelo Arcebispo Primaz em exercício, *D. António Martins Júnior* (1881-1963). Na qual benzeu, assinou, levantou com solenidade o auto de fundações e lançou a “Primeira Pedra” do sequente Altar-mor e espaço remanescente da “Igreja Nova” de Delães que viria a inaugurar anos mais tarde, a 8 de setembro de 1963.

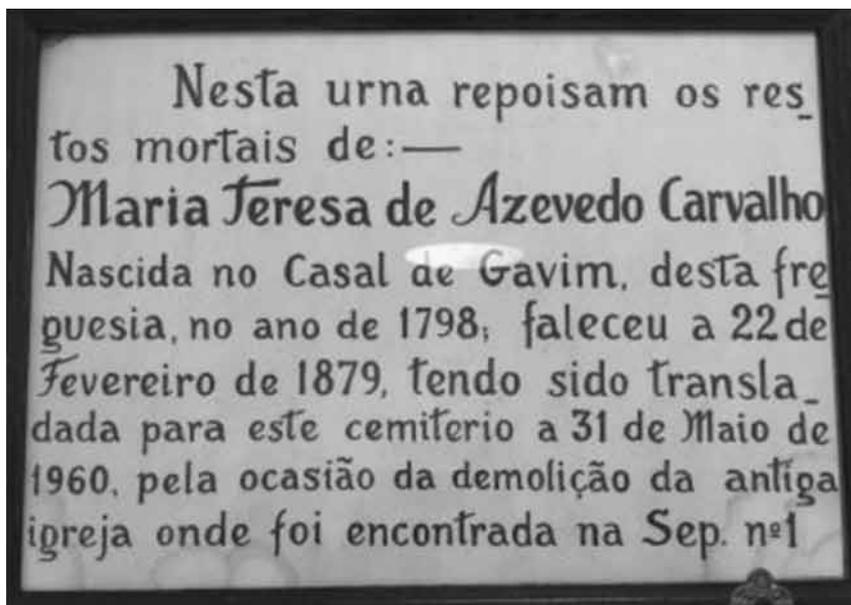
Denominada / conhecida na gíria delaense do século XX pelo termo “Igreja velha”<sup>51</sup>, este edifício no seu fundamento setecentista (séc. XVIII), sob vontade e tutela do “*Abade do Salvador de Delães*” (assim referido nas fontes de época), *João Baptista de Azevedo*<sup>52</sup>, substituíra uma “Abadia” precedente<sup>53</sup>. A durabilidade desta construção de cerca de 1745 / 1746 sita no lugar de *Loureiro* da freguesia de *Delães* - uma Vila e Paróquia pertencentes ao território concelhio e comarca de *Vila Nova de Famalicão* (até ao séc. XIX, nomeadamente 1852, da comarca de *Barcelos*),

---

51 Cf. JUNTA DE FREGUESIA DE DELÃES - *Guia turístico / Boletim da Junta de Freguesia de Delães*. Delães: Junta de Freguesia de Delães, (s/d), p. 15.

52 Com datação exata de vinte e dois de janeiro de 1752 subsiste uma provisão, patente no *Arquivo Distrital de Braga*, em benefício do padre titular à época, o *Abade do Salvador de Delães João Baptista de Azevedo*, permitindo a “*bênção do adro da sua igreja*” – cf. *Arquivo Distrital de Braga, Provisão a favor de João Batista de Azevedo, Abade da paroquial igreja do Salvador de Delães, para poder benzer o adro da sua igreja 1748-01-22*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0171/038701.

53 Datada de 1724 preserva-se uma referência escrita que corresponderá à “*Abadia de Delães*” – posterior à separação da Igreja Matriz local do espaço arquitetónico da “*Capela de São Miguel do Monte*”, coexistentes geograficamente na história do culto e liturgia delaense durante largos períodos. Este é um vestígio prévio à edificação do formato da “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*” que vigorou desde 1745 / 1746 ao derrube, séculos depois, operacionalizado no ano de 1960 – em favor da Igreja local coetânea (inaugurada a oito de setembro de 1963), e subsidiária da permuta territorial da sua Retabulística para *Santa Maria de Lamas*. Esta fonte arquivística menciona e beneficia *João Baptista de Azevedo*, identificando este Abade / Pároco titular de Delães, distinto responsável pela posterior edificação de 1745 / 1746, como lisboeta e familiar do Arcebispo Primaz em exercício. De oito de janeiro de 1724, com nota de pertença legislativa de *Delães* à comarca de *Barcelos* (comarca alterada em definitivo para *Vila Nova de Famalicão* no séc. XIX, apenas em 1852), o Arquivo bracarense regista um “*título e mandato de capienda possessione da abadia do Salvador de Delães do termo da vila de Barcelos, a favor de João Batista de Azevedo, natural da cidade de Lisboa e familiar do Arcebispo Primaz 1724-01-08*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0074/015036.



Figs. 26 & 27 À esquerda, fig. 26 - Documento literário, exposto e arquivado no interior de um Mausoléu situado no Cemitério Paroquial de Delães, coevo, por certo, de algumas das principais diligências de demolição e desmembramento - correspondentes ao regular decurso do mês de maio e alvoro de junho de 1960 - da "Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães". Bem como, da construção simultânea e parcelar do futuro Templo. Pelo seu teor inscrito este documento é passível de ser encarado como registo informal e descritivo do processo de transição, a 31 de maio de 1960, da dita "Igreja Velha" para o cemitério local, do féretro incorrupto de "Maria Teresa de Azevedo Carvalho", constando da sua redação as seguintes referências: "Nesta urna repoisam os restos mortais de: ----- / Maria Teresa de Azevedo Carvalho / Nascida no Casal de Gavim, desta freguesia, no ano de 1798; faleceu a 22 de Fevereiro de 1879, tendo sido trasladada para este cemitério a 31 de Maio de 1960, pela ocasião da demolição da antiga igreja onde foi encontrada na Sep. n.º 1". Fotografia realizada no ano de 2020 sob lente do cidadão delaiense Sr. José Pereira - cedida para difusão neste procedimento de ensaio científico. À direita, fig. 27 - Destaque para um dos onze registos fotográficos de autoria desconhecida, datáveis de 31 de maio de 1960, conservados sob estrutura emoldurada única, suspensa no interior do mesmo Mausoléu localizado no Cemitério Paroquial de Delães, contemporâneos aos principais empreendimentos de derrube da Igreja Paroquial precedente e consecutiva edificação faseada da "Igreja Nova", e do próprio expediente de transladação da dita "Igreja Velha" para o cemitério local, do féretro incorrupto de "Maria Teresa de Azevedo Carvalho". © José C. Amorim.

e à *Arquidiocese de Braga*<sup>54</sup> - estendeu-se por cerca de duzentos e catorze anos (1745 / 1746-1960). No seu fundamento pristino, a “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*” seguiu uma tipologia de arquitetura regional, cujo decoro interior terá correspondido ao gosto pela “talha gorda” (SMITH, 1963, pp. 142-146.) que o Rococó minhoto preconiza. Estilisticamente, a linguagem fachadista e estrutural da “Igreja Velha” derrubada denotava uma certa proximidade perante diferentes soluções de templos limítrofes - sobretudo em aspetos relacionados com a sua escala, extensão e divisão territorial das dependências, espécie de planta seguida, frontaria, alçado, nave, campanário primitivo e ornato aplicado. E, não obstante o diferencial cronológico da sua ocorrência, os próprios acrescentos e remodelações que viria a receber até à comutação arquitetónica pela “Igreja Nova”, mantiveram concordância plena com modelos prolíferos nos arredores do Alto Minho (vd. figs. 2, 11, 16 e 21).

---

54 Geográfica e administrativamente, *Delães* é uma freguesia do Alto Minho da comarca e concelho de *Vila Nova de Famalicão*, distrito e *Arquidiocese de Braga*. Esta atual comarca nem sempre foi a mesma, pois em 1839 subsistem registos de pertença à comarca de *Barcelos*, e só em 1852 irrompe documentação que comprova em definitivo a sua passagem para a comarca de *V. N. Famalicão*. Do ponto de vista toponímico, numa cronologia remota este território teria a designação primordial de *Salvador Dallém D’Ave*, originária de *Dalléns*. Nos primeiros registos escritos datados do séc. XIII, assume termos diversos tais como *Alães, Dalães, Dalões, Deelães, Deelaes, Elaes, Delaens, Delains*. Tal evolução determinará secularmente a base da toponímia corrente de *Delães*. Em 1220, nas Inquirições figura sob o designio de *Sancto Salvatores de Elaes* e em 1258 pela denominação de *Sancti Salvatoris de Deelaes*. Segundo *Pinho Leal*, existiu no espaço geográfico desta freguesia e numa cronografia sobejamente antiga um Convento de Freiras Beneditinas, cujos vestígios desapareceram irremediavelmente - cf. LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho [et al.] - *Portugal antigo e moderno: dicionário geográfico, estatístico, chorográfico, heráldico, archeológico, histórico, biográfico e etimológico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande número de aldeias*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira, 1873, (s/p). Nos seus primórdios civilizacionais a preexistência deste território pressupõe-se através de resquícios ancestrais, dos quais se evidenciam os sinais de ocupação Romana latentes no sítio arqueológico do “Castro de São Miguel”. Deste período, a unidade agrícola de *Perrelos*, revelada por diferentes escavações, arroga lugar de destaque no contexto patrimonial delaeense pela evidência de “casas, terrenos agrícolas, residências de trabalhadores, armazéns e celeiros”. Estruturas complementadas, devido à descoberta de um suposto “hipocausto”, por uma estrutura termal do século IV. Também a Necrópole Medieval datada dos séculos IX ao XIII, exorta a antiguidade desta população e devido território (JUNTA DE FREGUESIA DE DELAËS (s/d), p. 14.). Em pleno século XVI, no ano de 1551, esta geografia usufrui de nova menção documental, *Abes Sam Salvador*. No seu progresso topográfico esta freguesia estaria anexa a *São Miguel do Monte*, pertença ao termo de *Barcelos*, tendo como donatária a *Casa de Bragança*. Numa cronologia mais avançada, de matriz setecentista (no séc. XVIII), especificamente numa publicação datada de 1708, o Padre António Carvalho da Costa ao referenciar *Delães* pronuncia, em plena “*Corografia Portuguesa*”, o seguinte descritivo: “(...) S. Salvador de Delães, Abbadia da Mitra, rende cento e cinquenta mil reis, tem cincoenta vifinhos. Efteve efta Igreja no alto de S. Miguel do Monte, e he tradição que nos tempos paffados fora cidade (ao menos devia ter fortificação pelo que nos mostrão os vestígios) (...)” - cf. COSTA, Pe. António Carvalho da - *Corografia Portuguesa*, e descrevam topografica do famoso reyno de Portugal, com as noticias das fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contém: Varões illutres, Genealogias das Familias nobres, fundações de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edificios, & outras curiosas observações. Lisboa: Of. Valentim da Costa Deslandes, 1708, (s/p).. Já nas “*Memórias Paroquiais de Delães e Vermoim*”, do ponto de vista da religiosidade local e de proliferação de espaços de culto, o manuscrito de 1758 contém referência ao Orago da Paróquia, o “*Divino Salvador*”, sob a terminologia simplificada de “*Salvador*”. Neste arrolamento memorial, aferimos a prevalência do trecho amplamente citado neste estudo acerca da Igreja Paroquial na sua configuração setecentista, que viria a ser comutada no século XX, estabelecida no centro do lugar de *Loureiro* da Vila de *Delães* e que teria três “*Altares*” de culto (incorporados após vinte e dois de abril de 1960 no *Museu de Lamas*), e uma só Confraria: “(...) O altar principal é o do Salvador, existindo ainda o de Nossa Senhora da Purificação e o terceiro de São Sebastião. A confraria é a de Nossa Senhora da Purificação (...)” Esta fonte primária inscreve ainda uma importante narrativa complementar, capaz de inventariar a existência de outros espaços de culto, arte e arquitetura religiosa delaeense. Casos da “*Capela de São Miguel Archanjo*”, precedentemente identificada como Igreja Matriz local durante alguns momentos da sua História. Mas cujo incremento no alto do “*Monte de São Miguel*” dificultaria largamente a acessibilidade aos seus paroquianos. Tãmanha vicissitude subsidiou a posterior união com a “*Capela do Salvador*”, que se tornaria Matriz. Consequentemente, os moradores ficariam sob a alçada de um só pároco, responsável pela veneração e cuidados básicos da capela / igreja / abadia, substituída entre 1745 / 1746 pela tal “*Igreja Velha*”, cujo recheio interior as “*Memórias Paroquiais*” retratam de forma concisa – cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Delães, Vermoim 1758/1758, Memórias Paroquiais 1722/1832*, vol. 13, n.º 11, pp. 61 a 64.. Salvo a sobeja acuidade dos conteúdos patenteados nas “*Memórias Paroquiais*” de século XVIII e de outros arrolamentos posteriores, verificados por exemplo entre 1911 e 1928, aferindo a evolução do edificado e ornato do espaço da Matriz local, atualizada e substituída em diferentes séculos, mediante a resposta exigida pela comunidade diante fases distintas das suas necessidades de culto até chegar à atual “*Igreja Nova*”, é digno de evidência o Património material e imaterial, externo à sede de culto da Paróquia, indissociável da fervorosa religiosidade emanada das suas gentes, que prolifera pela magnitude geográfica de *Delães*. Daí, é importante não descuidar nesta caracterização um sublinhado acessório à festa litúrgica anual (vd. figs. 02 e 11), dedicada à iconografia e invocação de *Nossa Senhora das Candeias* e às diferentes Capelas / “*Capelas das Almas*” / “*Capelinhãs*” / “*Almas do Purgatório*” / “*Alminhas*” / “*Nichos de culto*” de cronologias diversas – sobretudo de esfera particular – que prevaleceram / perduram pela Vila de *Delães*. Das quais as ruínas da “*Capela de Santa Maria de Perrelos*” (localizadas entre o lugar de *Perrelos* e de *Penas*, também denominada de “*São João de Perrelos*”), e a setecentista (erigida em 1704), “*Capela de Santo António*” do lugar de *Delães de Baixo* compreendem estatuto de realce (JUNTA DE FREGUESIA DE DELAËS (s/d), p. 15.). Em pleno século XIX, José Augusto Vieira na sua obra “*Minho Pittoresco*”, relata a anexação de uma freguesia de seu nome “*S. Mateus de Oliveira*” ao espaço administrativo de *Delães*, distribuindo-se a composição geográfica deste território pelos lugares de “*Cerqueda, Corredoura, Delães de Baixo, Figueiros, Gabim*” (“*Gavim*”), *Loureiro, Montenegro, Paraíso, Penna Vella, Penas, Penedo, Perrelos, Pica, Portela, Reguengo e Sant’Ana*” – cf. VIEIRA, José Augusto – *O Minho Pittoresco*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1886, (s/p).. Esta agregação territorial que José Augusto Vieira aborda, manteve-se aproximadamente até 1911. Desde essa data, no arquivo reunido em virtude dos censos desse ano, estas duas freguesias já se apresentariam separadas. Os alvores de novecentos e a eclosão da “*Primeira Grande Guerra*” (1914-1918), com todas as contingências globais inerentes, assentam o nome de *Delães* e a sua histórica e característica abundância industrial nas páginas de alguns periódicos regionais, nem sempre pelas melhores razões, dos quais destacamos a edição de dezasseis de março da “*Gazeta de Famalicão*” e o seu artigo “*Grêve em Dellães*”. Aliás, entre 1914 e 1916, com repetições em 1915, derivadas do conflito mundial, da escassez de algodão em rama e da contratação de mulheres para os espaços fabris delaeenses com o apanágio de garantir maior produtividade, suportada numa acentuada diminuição dos salários laborais, irromperam diversas greves operárias que o crivo jornalístico eternizou. Historicamente, o tecido empresarial de *Delães* denotou maior fulgor sobretudo na componente industrial têxtil, tendo como sumidades, momento do século XX em diante, a “*Fábrica do Gato Preto* – *Firma Viúva Pinheiro e Companhia*” (adaptada para “*Cortela* – *Acabamentos têxteis*”), adstrita, ab initio, à “*Família Pinheiro*” e a “*Fábrica de Seda Ibis*” (posteriormente desdobrada em duas unidades industriais, a “*Ibis*”, preexistente e a “*Corfil*”), do excelso filantropo Augusto Correia de Abreu. Homem condecorado com o “*Grau de Oficial da Ordem de Benemerência*” a oito de setembro de 1963 pela *República Portuguesa*, cujo legado ultrapassa a sua vertente empreendedora. E associa-o, entre muitas outras, às benfeitorias sociais e religiosas nas quais colaborou ou, porventura, foi o seu principal mentor / promotor - avocando importância destacada no seu perfil de benemérito local, a forma como este vulto se imiscuiu e contribuiu indubitavelmente na construção da “*Igreja Nova*” de *Delães* - cf. JUNTA DE FREGUESIA DE DELAËS – *Ob. cit.* (s/d), pp. 10, 11, 14 e 15.

Apesar da sua atualização regular<sup>55</sup> - e assim como na sua origem esteve a substituição de um edificado de culto que já não corresponderia às diretivas desta comunidade. Também a dita “Igreja Velha” de cariz original *Barroco*, mas sobretudo marcada pelo *Rocaille* (*Rococó*) à “moda do Minho” e de uma só nave, viria a dar lugar, em pleno século XX e na mesma geografia, ao novo Templo de proporção superior. Decorativamente sóbrio, reto e alinhado com os modelos coetâneos da arquitetura portuguesa sob crivo estético do *Estado Novo* (1926-1974)<sup>56</sup> (vd. figs. 28, 29 e 30).

---

55 Sobressaindo visualmente nas fotografias que permanecem intactas na atualidade e eternizam a arquitetura exterior da demolida “Igreja Velha” em cronografias distintas (vd. figs. 16 e 21), o acrescento de Sacristia de apoio e da Torre sineira de dimensão considerável que substituiu, na sua função básica, o pequeno Campanário prévio que esta Matriz assumiu desde 1745 / 1746. A Torre sineira em causa, sucessiva ao Campanário pristino da “Igreja Velha”, mas secularmente antecessora da “Igreja Nova”, resulta de uma empreitada de acrescento / remodelação do Templo original de 1745 / 1746 arrojando, do ponto de vista arquitetónico, um tipo de planta quadrada. Cujo alçado evoluiu em três níveis até ao seu remate com coruchéu e pináculos de estrutura contracurvada, capazes de suportar e enquadrar, no topo, uma esfera de pequenas dimensões encimada por um Catavento metálico iconograficamente estabelecido sob o signo de um Galo. Na sua essência, o levantamento desta Torre, pela estética seguida (similar a alguns modelos identificáveis na região, em Igrejas e localidades circundantes), será passível de situar nas últimas décadas do século XVIII. Não invalidando a ocorrência de ajustes pontuais verificados nos sécs. XIX ou XX - num hiato extensível apenas até às cercanias de 1960. Visualmente, a escala exagerada, a desproporcionalidade e a discrepância indubitável sinalizada na observância e comparação de alguns ornamentos, tanto da Torre como da Fachada prévia (antagonismo detectável, por exemplo, na particularidade formal dos pináculos, distintos na Torre, de todos aqueles que os precederam na frontaria original - vd. figs. 02, 11, 16 e 21), patenteiam o distico de acrescento que qualifica este módulo. Retrocedendo no tempo, de 1748 a 1936, persiste informação notarial / arquivística / artística (fontes escritas e imagéticas), plausível de arrolar, demonstrando uma parte significativa da regularidade interventiva que pautou o curso da “vida ativa” da “Igreja Velha” de *Delães* até à circunstância da sua desagregação à mercê da “Igreja Nova”: 1748 - “*Confraria de Nossa Senhora das Candeias alocada à “Igreja do Divino Salvador de Delães”*: Estão documentadas de vinte e nove de outubro de 1748 duas Provisões (conservadas no *Arquivo Distrital de Braga*), em benefício do Pároco e habitantes desta vila famalicense - e, por si só, da própria “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*” - uma delas “*para que na igreja do Salvador de Delães se pudesse erigir a Confraria de Nossa Senhora das Candeias*”. E a outra, caracterizada pela “*confirmação dos estatutos da Confraria de Nossa Senhora das Candeias*” - cf. *Arquivo Distrital de Braga, Provisão para que na igreja do Salvador de Delães se possa erigir a Confraria de Nossa Senhora das Candeias 1748-10-29*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0071/013918. & *Arquivo Distrital de Braga, Provisão de confirmação de estatutos da Confraria de Nossa Senhora das Candeias, da freguesia de São Salvador de Delães, a favor do Pároco e moradores desta freguesia 1748-10-29*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0061/012940.. 1752 - Fundamento administrativo e eclesiástico para devida bênção do Adro da “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”: Com datação exata de vinte e dois de janeiro de 1752 subsiste uma provisão, patente no *Arquivo Distrital de Braga*, beneficiária do padre titular à época, o Abade do Salvador de Delães, João Baptista de Azevedo, permitindo a “*bênção do adro da sua igreja*” - cf. *Arquivo Distrital de Braga, Provisão a favor de João Batista de Azevedo, Abade da paroquial igreja do Salvador de Delães, para poder benzer o adro da sua igreja 1748-01-22*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0171/038701.. 1757 - Provisão para colocação do “*Santíssimo*” na “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”: No *Arquivo Distrital de Braga* perdura um documento datado de trinta de julho de 1757, cujo teor estabelece uma provisão em proveito de João Batista de Azevedo para, na qualidade de Abade da *Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*, proceder à colocação do “*Santíssimo*” - decerto uma Custódia específica - no espaço interior da Matriz. Complementando essa exibição, esse mesmo registo exige um conjunto de “*24 eucaristias, a cada ano, em memória de Violante Rodrigues*”. Decerto devoto local ligado a este processo e/ou especificidade de alfaia litúrgica - cf. *Arquivo Distrital de Braga, Provisão a favor de João Batista de Azevedo, Abade da paroquial igreja do Salvador de Delães, para colocar o Santíssimo na sua igreja, e estabelecer um legado de 24 missas em cada ano pela alma de Violante Rodrigues 1757-07-30*, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0114/024071.. 1933 (?) - Cronologia de realização de um dos quatro Sinos que transitaram da antiga e demolida Torre sineira da “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”, para a atual “*Igreja Nova*” inaugurada a oito de setembro de 1963. Pelas inscrições numéricas e textuais identificadas, data de 1933 a fundição de um Sino sob invocação do “*Sagrado Coração de Jesus*”, decorrida na “*Fundição de Sinos de Braga de S. S. Jerónimo*”. Das palavras e algarismos sinalizados procede a citação integral: “*S. C. Jesus / Delães / Ano 1933 (?) / Fundição de Sinos de Braga de S. S. Jerónimo - Braga*”. 1936 - Neste ano verifica-se a modelagem dos três Sinos que delimitam o conjunto de quatro, cambiados da antiga e demolida Torre sineira da “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”, para a atual “*Igreja Nova*”: Acompanhando a metodologia analítica aplicada ao Sino mais remoto, em virtude dos vestígios numéricos e literários reconhecidos, é peremptório o enquadramento produtivo destes três sinos no ano de 1936 e as suas iconografias votadas ao culto delaense prestado ao “*Divino Salvador*”, a “*Nossa Senhora das Candeias*” e a “*Santo António*” (vd. fig. 36). Tal como verificado no Sino consagrado à figura do “*Sagrado Coração de Jesus*”, estes três elementos adicionais derivam do trabalho de modelação da “*Fundição de Sinos de Braga de S. S. Jerónimo*”. E englobam, cada um deles, os seguintes escritos: “*D. Salvador / Delães / Ano 1936 / Fundição de Sinos de Braga de S. S. Jerónimo - Braga*”; “*N. S. das Candeias / Delães / Ano 1936 / Fundição de Sinos de Braga de S. S. Jerónimo - Braga*” & “*S. António / Delães / Ano 1936 / Fundição de Sinos de Braga de S. S. Jerónimo - Braga*”. 56 “(...) *Igreja Matriz / Edificada na década de 60, no mesmo local da anterior Igreja, detentora de linhas modernas, tendo já sofrido alguns melhoramentos. É de destacar o sacrário que representa a fachada principal da Igreja, assim como os magníficos painéis laterais de azulejos. Na parte central da Igreja, podemos apreciar uma via sacra peculiar já que representa a paixão de Cristo em alto relevo, no entanto o encanto desta Igreja é nos dado pela luz do sol, fazendo brilhar os vitrais da frente do templo (...)*” - cf. JUNTA DE FREGUESIA DE DELÃES - Ob. cit. (s/d), p. 15.



Figs. 28 & 29 Fotografias de autoria desconhecida, à direita, fig. 28 - Perspetiva da fachada exterior da "Igreja Nova" do Divino Salvador de Delães (substituta da dita "Igreja Velha" de matriz original setecentista (de séc. XVIII)), num período antecessor da sua cerimónia de abertura ao culto, ocorrida a 8 de setembro de 1963. À direita, fig. 29 - Ilustrativa da ambiência festiva do dia 8 de setembro de 1963. Ou seja, da cerimónia de inauguração oficial da "Igreja Nova" do Divino Salvador de Delães. © Fotografias identificadas e recolhidas através de pesquisa "em rede". Estes dois registos imagéticos, conjuntamente com uma série alargada de ficheiros similares chegaram ao meio digital sob iniciativa de um cidadão famalicense, de seu nome Sr. Carlos Correia – Ext. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=657406767605910&set=oa.710557928958578&type=3&theater&ifg=1> – 18/04/2020, 22 h 16 m.



Fig. 30 Fachada principal e envolência exterior (na qual se vislumbra o Cruzeiro pétreo, ligeiramente deslocado face à localização do seu passado e precedente, na sua génese, à própria "Igreja Velha" setecentista – de séc. XVIII - que o atual Templo substituiu), da "Igreja Nova" do Divino Salvador de Delães. Inaugurada ao culto público a 8 de setembro de 1963. Enquadramento fotográfico captado, no ano de 2020, pelo cidadão delaense Sr. José Pereira, que de seguida forneceu os direitos deste registo para a investigação em curso. © José C. Amorim.



Figs. 31 & 32 À esquerda, fig. 31 - Digitalização de parte da primeira página do periódico "Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista", na sua edição publicada a 20 de maio de 1960. Entre outros aspetos, este número, através do artigo intitulado "Delães recebeu festivamente o Sr. Arcebispo Primaz", descreveu profundamente a visita oficial de D. António Bento Martins Júnior (1881-1963), na qual, a 15 de maio de 1960, o Prelado inaugurou a nova Residência Paroquial e, no perímetro da já erigida (embora de forma superficial), e delimitada "Capela-mor", estabeleceu "Auto de fundação" e lançou simbolicamente a "Primeira Pedra" para a obra do futuro Altar-mor e arquitetura remanescente da "Igreja Nova" delaense. À direita, fig. 32 – Pormenor de uma das páginas da edição de 7 de setembro de 1946 do semanário católico "Notícias de Famalicão", na qual se evidencia o artigo designado "Delães. A visita pastoral e a necessidade duma nova Igreja e duma residência paroquial". Mediante abordagem à visita do Arcebispo Primaz bracarense concretizada a 1 de setembro de 1946, este apontamento jornalístico enfatiza as palavras de D. António Bento Martins Júnior que, em plena década de 1940, a par de outras temáticas e referências, elencou como necessidade premente da Paróquia de Delães a edificação de uma nova Igreja, de dimensão superior e capaz suprir, na sua plenitude, as exigências da população local. © Fig. 31 – Ext. Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista. Vila Nova de Famalicão: sexta feira, 20 de maio de 1960, p. 1. & Fig. 32 – Ext. Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista. Vila Nova de Famalicão: sábado, 7 de setembro de 1946, (s/p)..



Em virtude de conversações precedentes, passíveis de situar com maior assertividade nalguns meses de 1959, mas reminiscentes de manifestos, artigos ou alocuções de décadas anteriores<sup>57</sup> (de 1946 por exemplo<sup>57</sup> - vd. fig. 32), o mês de janeiro de 1960 terá demarcado o arranque oficial das novas empreitadas da Paróquia de *Delães*. Numa fase inicial fundamentalmente dedicadas à execução da nova Residência do Pároco, inaugurada no dia quinze de maio de 1960 pelo Arcebispo Primaz bracarense, *D. António Bento Martins Júnior* (1881-1963), que nesse mesmo dia e tal como supra referido lança simbolicamente, perante as autoridades civis e eclesiásticas da Vila e Paróquia, seu principal benfeitor e comunidade geral, a “Primeira Pedra” do Altar-mor e restante extensão da “Igreja Nova” (vd. figs. 31 e 33), em pleno espaço da futura e ampla Capela-mor já com as devidas paredes estabelecidas<sup>58</sup>, mas com o derradeiro perímetro por demolir e edificar.

Por certo, mesmo que os alvares de 1960, até ao mês de maio, tenham sido dedicados de forma superlativa à incumbência preliminar da renovada Residência Paroquial<sup>59</sup> que coincide, é certo, com edificações parcelares de dependências da “Igreja Nova” (vd. fig. 33) – aliás alguma imprensa enquadrada no ano de 1963, talvez desprovida de acerto total, reporta a janeiro de 1960 ligeiros indícios dos primórdios da construção palpável do novo Templo<sup>60</sup> - mas precede o início massivo da sua estruturação, neste hiato ter-se-á verificado o processo de derrube de algumas estruturas arquitetónicas, alfaias litúrgicas, objetos e património artístico do recheio da “Igreja do

---

57 O ano de 1946, através do número publicado no dia sete de setembro do semanário católico “*Notícias de Famalicao*”, inscreve um artigo sobre a “*Visita Pastoral*” (ocorrida a um de setembro de 1946), do Arcebispo Primaz em exercício a *Delães* (vd. fig. 32). Na qual, durante o seu discurso – transcrito em grande medida nestes parágrafos jornalísticos – o Prelado sublinha, nos meados da década de 1940 mas reforçando a antiguidade da carência, a necessidade premente desta comunidade e respetiva Paróquia beneficiarem do levantamento de uma nova Residência para o seu Pároco. Mas, sobretudo, de uma nova Igreja de dimensão condigna com o crescimento populacional e exigências espirituais deste território: “(...) *DELÃES / A Visita Pastoral e a necessidade duma nova Igreja e duma residência paroquial* (...) sua Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Arcebispo Primaz visitou esta freguesia no passado domingo, tendo-lhe sido dispensada uma carinhosa e apoteótica recepção por todo o povo de *Delães* (...) Depois das cerimónias habituais, entre elas a ministração do sacramento do Crisma, que foi muito concorrido, o Senhor Arcebispo Primaz falou sobre os dons do Divino Espírito Santo (...) Dirigindo-se a todos os habitantes da freguesia, lembrou também a necessidade imperiosa de se construir uma nova Igreja, de acordo com o valor da terra e tendo capacidade bastante para albergar todos os fieis para assistir aos actos religiosos (...) disse ainda que se impõe a construção duma residência paroquial condigna, problemas estes desde há muito aqui reconhecidos como de solução urgente, pelo que todos ficaram muito animados com as palavras do ilustre Prelado (...)” – cf. *Notícias de Famalicao*. *Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicao: sábado, 7 de setembro de 1946, (s/p). Cf. “*Jornal de Riba d’ Ave de 31 de agosto de 1963*” – Artigo de periódico desprovido de referenciação de série, volume ou número: “(...) Constituiu (...) há uma dúzia de anos o verdadeiro problema para a freguesia o facto do seu templo, além de antiquado, pois a sua construção tinha mais de duzentos anos, ser demasiado pequeno para as cerimónias de culto atendendo ao aumento (...) crescente da sua população, resultante do seu manifesto progresso. Não foi, porém, em vão que o pároco Padre Francisco Alves Pimenta, aliado aos restantes membros que então constituíam a Comissão fabriqueira Srs. Francisco da Silva Araújo e João Dias Sampaio que há cerca de quatro anos lançaram a ideia da construção do novo templo. A obra iniciou-se em Janeiro de 1960 (...)”

58 Cf. *Notícias de Famalicao*. *Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicao: sexta feira, 20 de maio de 1960, p. 3. & *Diário do Minho*. (s/l): segunda feira, 30 de maio de 1960, (s/p)..

59 “(...) Sua Exc.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> dirigindo-se a todos os habitantes da freguesia, lembrou também a necessidade imperiosa de se construir uma nova Igreja (...) A seguir disse ainda que se impõe a construção duma residência paroquial condigna (...)” – cf. *Notícias de Famalicao*. *Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicao: sábado, 7 de setembro de 1946, (s/p).. “(...) Esta, a todos os títulos, encantadora freguesia de *Delães* está a passar por uma fase de franco progresso (...) mormente com a sua Nova Igreja, *Delães* constituirá um prazer para os que nela vivem e um mimo a oferecer aos seus visitantes (...)” – cf. *Notícias de Famalicao*. *Semanário católico regionalista*. Ano V (XXIV). Vila Nova de Famalicao: sexta feira, 19 de fevereiro de 1960, p. 1.. “(...) *Delães* necessitava de uma residência condigna (...) e sobretudo – e esta é a grande aspiração da freguesia – duma igreja nova (...) «No dia 15 de Maio de 1960 (...) lançou a primeira pedra do Altar-mor desta igreja (...)» INAUGURAÇÃO DA RESIDÊNCIA PAROQUIAL / A velha e desconfortável residência paroquial deu lugar a um novo edifício totalmente reconstruído, amplo e arejado, onde o pároco tem conforto indispensável. Era realmente uma necessidade e imperiosa. E a obra aí está, a atestar o bairrismo e a dedicação da população de *Delães*. Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> após as cerimónias religiosas encaminhou-se em cortejo, para a nova residência. À entrada cortou a fita simbólica (...) Usou da palavra, o Sr. José Ribeiro que afirmou: «A freguesia de *Delães* sente-se, neste inolvidável momento, profundamente feliz pela subida honra que Vossa Excelência Reverendíssima se dignou dar-lhe, de vir, pessoalmente, lançar a primeira pedra nos alicerces do Altar-mor da sua Nova Igreja e proceder à inauguração da Nova Residência Paroquial. Eram estas as duas aspirações, que há muito, este bom povo acalentava e que tiveram finalmente a sua consoladora solução. Não podendo sofrer por mais tempo, que o seu Reverendo Pároco residisse numa casa, grande sim, mas sem comodidade de espécie alguma (...) ameaçando ruína a toda a hora, decidiu-se construir outra que não desastose nem da dignidade de um Pároco, nem da categoria de uma freguesia (...) tão crente como é esta de *Delães* (...) Assim todos, ricos ou pobres, se deram as mãos, concorrendo para a efectivação desta Nova Residência, que a alguns parecia um sonho irrealizável, embora esses mesmos sentissem, intimamente, desejo de que a Casa se construísse (...)” – cf. *Notícias de Famalicao*. *Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicao: sexta feira, 20 de maio de 1960, p. 3.. “(...) *DELÃES* INAUGURA A NOVA RESIDÊNCIA E LANÇA A PRIMEIRA PEDRA DA FUTURA IGREJA (...) A ideia andava no ar de há muito, mas a prudência e a calma do actual pároco, Sr. Pe Francisco Alves Pimenta fez com que não desse o passo definitivo sem certeza (...) o momento chegou há dias quando foi lançada a primeira pedra do novo edifício do culto, tendo-se aproveitado o ensejo para a inauguração da nova residência paroquial (...)” – cf. *Diário do Minho*. (s/l): segunda feira, 30 de maio de 1960, (s/p)..

60 Cf. “*Jornal de Riba d’ Ave de 31 de agosto de 1963*” – Artigo de periódico ausente de referenciação de série, volume ou número: “(...) Não foi, porém, em vão que o pároco Padre Francisco Alves Pimenta, aliado aos restantes membros que então constituíam a Comissão fabriqueira Srs. Francisco da Silva Araújo e João Dias Sampaio que há cerca de quatro anos lançaram a ideia da construção do novo templo. A obra iniciou-se em Janeiro de 1960 (...)”

Todavia, atestando que no mês de janeiro de 1960 a demolição da dita “Igreja Velha” não estaria totalmente disseminada e, por isso, o espaço de culto preservava ainda segmentos praticáveis, o semanário católico “*Notícias de Famalicao*” disseminou uma breve referência a cerimonial, pelo que o escrito pormenoriza os seguintes aspetos: “(...) *MARIA AUGUSTA SIMÕES / AGRADECIMENTO / Seus filhos e mais família vêm agradecer a todas as pessoas que tomaram parte no funeral da extinta, assistiram à missa de 7.º dia* (...) *Delães – Famalicao*, 15 de Janeiro de 1960 / *Inês Pereira Simões / António José Correia Simões* (...)” – cf. *Notícias de Famalicao*. *Semanário católico regionalista*. Ano V (XXIV). Vila Nova de Famalicao: sexta feira, 22 de janeiro de 1960, (s/p).



Fig. 33 Digitalização de segmento da primeira página do periódico regional "Diário do Minho", na sua edição publicada a 30 de maio de 1960. Entre outros aspetos, este número, através de artigo intitulado "Delães inaugura a nova Residência e lança a Primeira Pedra da futura Igreja", descreveu pormenorizadamente a visita oficial do Arcebispo Primaz D. António Bento Martins Júnior (1881-1963). Na qual, a 15 de maio de 1960, o Prelado inaugurou a nova Residência Paroquial e lançou simbolicamente a "Primeira Pedra" para a edificação do futuro Altar-mor e demais arquitetura da "Igreja Nova" delaense. © Ext. Diário do Minho. (s/l): segunda feira, 30 de maio de 1960, (s/p).

Della Avenida (onde se viu) desta cidade, ao ultrapassar outro veículo, foi embatido por uma bicicleta tripulada por José Alexandr Ribeiro Teixeira, residente na mesma Avenida, tendo resultado do acidente avulsões nos dois veículos e ferimentos no ciclista.

### UM CADAVER ENTERRADO NA IGREJA DE DELAËS HA 81 ANOS

está perfeitamente incorrupto

RIBA D'AVE, 6 — O facto que vamos narrar é o assunto de todas as conversas — não só da freguesia de Delães, onde ocorreu, mas também em toda esta vasta região. Mas contemos o que se passou: como a igreja paroquial de Delães era bastante pequena, e portanto insuficiente para as necessidades espirituais da freguesia, está a proceder-se à sua demolição, e, simultaneamente, à construção de um templo maior. Como no interior da referida igreja existiam 39 sepulturas, já muito antigas, foi resolvido, pelo pároco e pela Junta de Freguesia, que se procedesse a escavações para recolha de todos os ossos, que a seguir seriam trasladados para o cemitério paroquial. Após serem revolvidas 38 sepulturas, na última, a sepultura n.º 1, que faz parte das três que se encontram na capela-mor, as quais eram destinadas aos padres que faleciam na freguesia, apareceu um caixão de chumbo, intacto e em perfeito estado de conservação, enquanto nas restantes sepulturas apenas se encontraram fragmentos de ossos.

Delães

Fig. 34 Digitalização de pormenor de uma das páginas do periódico "O Comércio do Porto", na sua edição difundida a 8 de junho de 1960. Entre outros aspetos, este número, através de artigo intitulado "Um cadáver enterrado na Igreja de Delães há 81 anos está perfeitamente incorrupto", descreveu aprofundadamente o achado, derivado de diligências de desmembramento e escavação da Capela-mor da "Igreja Velha" do Divino Salvador de Delães, do corpo incorrupto de "Maria Teresa de Azevedo Carvalho" – trasladado para o Cemitério local a 31 de maio de 1960. © Ext. O Comércio do Porto. Porto: quarta feira, 8 de junho de 1960, (s/p).

*Divino Salvador de Delães*”. Do qual destacamos os três Retábulos Rococó adquiridos por *Henrique Amorim*, após o Pároco *Francisco Alves Pimenta* dar conta da sua disponibilidade para venda a vinte e dois de abril<sup>61</sup> (vd. fig. 68), e desde aí deslocados para exposição no *Museu de Lamas*.

Com maior exatidão temporal este despojamento interno, para acomodação / guarnição prévia ao reaproveitamento para a “Igreja Nova” ou simplesmente para expedição definitiva de objetos artísticos que, apesar de seculares, a Paróquia delaense não iria incluir na renovada dinâmica religiosa (seja na Matriz ou noutra local de culto sob sua regência), vendendo-os ou, quiçá, destruindo-os, terá decorrido até às cercanias dos meses de maio e junho de 1960. Intervalo mensal passível de datar, de forma documentada, a ocorrência das principais diligências de demolição arquitetónica da dita “Igreja Velha” de *Delães*<sup>62</sup>. Sendo que apenas a 8 de julho deste mesmo ano, tal como mencionado anteriormente, prevalece o primeiro descritivo jornalístico que comprova a sua demolição total (*Notícias de Famalicão* (08/07/1960), p. 2.) (vd. figs. 26, 27 e 34).

Tendo por base informações veiculadas nalguns periódicos regionais, datáveis no entremeio cronológico que abrange 1946<sup>63</sup> (vd. fig. 32) e medeia 1959 a 1963, abarcando o momento da possível tomada de decisão e o ano de término e abertura ao público do novo edificado (1963 - vd. figs. 29 e 35), a permuta de estrutura para o culto delaense da “Igreja Velha” para a “Igreja Nova” surge como reflexo de vontade popular e eclesiástica. Por considerarem, na opinião pública (tanto parquianos como as mais altas instâncias municipais e arquidiocesanas), o espaço disponível na Igreja

61 Cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Ano VI (XXV). Vila Nova de Famalicão: Sexta feira, 22 de abril de 1960, p. 3.

62 Com referência cronográfica respeitante a trinta e um de maio de 1960, perdura um documento de época exposto num Mausoléu do Cemitério Paroquial de *Delães*, alusivo à trasladação de “*Maria Teresa de Azevedo Carvalho*” – hoje considerada na devoção popular como “santa”, mas carecedora de reconhecimento canónico da Santa Sé. Benfeitora local cuja sepultura e respetivo corpo, nos procedimentos de desmembramento e escavação da “*Igreja Velha do Divino Salvador de Delães*” para levantamento da “Igreja Nova”, foi encontrado praticamente incorrupto. Através desta fonte escrita e imagética, subsidia-se a ocorrência da demolição em causa apenas no desenrolar de 1960. Neste escrito, cercado no interior do Mausoléu delaense por diferentes instantâneos decurso do derrube da dita “Igreja Velha” e do processo de transição para o cemitério local do féretro incorrupto de “*Maria Teresa de Azevedo Carvalho*”, transcreve-se o seguinte teor: “Nesta *urna* repoisam os restos mortais de: ----- / *Maria Teresa de Azevedo Carvalho / Nascida no Casal de Gavim, desta freguesia, no ano de 1798; faleceu a 22 de Fevereiro de 1879, tendo sido trasladada para este cemitério a 31 de Maio de 1960, pela ocasião da demolição da antiga igreja onde foi encontrada na Sep. n.º 1*”. / Aos seis dias do mês de junho de 1960, reportando uma ocorrência prévia, contígua ao final do mês de maio, “*O Comércio do Porto*” narra um curioso acontecimento derivado da intervenção concreta na estrutura e procedimentos de escavação da Capela-mor da “Igreja Velha” de *Delães*: “(...) **UM CADÁVER ENTERRADO NA IGREJA DE DELÃES HÁ 81 ANOS está perfeitamente incorrupto** (...) como a Igreja paroquial de *Delães* era bastante pequena (...) está a proceder-se à sua demolição e, simultaneamente, à construção de um templo maior. Como no interior da referida igreja existiam 39 sepulturas, já muito antigas, foi resolvido, pelo pároco e pela Junta de Freguesia, que se procedesse a escavações para recolha de todos os ossos, que a seguir seriam trasladados para o cemitério paroquial. Após serem revolvidas 38 sepulturas, na última, a sepultura n.º 1, que faz parte das três que se encontram na capela-mor, as quais eram destinadas aos padres que faleciam na freguesia, apareceu um caixão de chumbo, intacto e em perfeito estado de conservação, enquanto que nas restantes sepulturas apenas se encontraram fragmentos de ossos. Foi dado conhecimento deste achado ao pároco da freguesia e membros da Junta que, na presença de muitas pessoas, mandaram proceder à abertura do referido caixão (...) no interior do chumbo (...) um outro caixão de madeira, também bem conservado, e dentro deste um cadáver intacto que não apresenta o menor sinal de decomposição e cujas roupas e calçado se encontram em bom estado (...) Conservatória do Registo Civil de Vila Nova de Famalicão. Ano de 1879 – folha 23 – registo n.º 2. Certidão de cópia integral do registo de óbito n.º 9533 (...) *Maria Theresa de Azevedo Carvalho*, teve ofício de treze padres. Teve outro de dezassete (...) Aos vinte e dois dias do mês de Fevereiro do ano mil oitocentos e setenta e nove (...) no lugar de Gavim desta freguesia do Divino Salvador de *Delães*, concelho de V. N. de Famalicão, Archidiocese de Braga (...) *Maria Thereza de Azevedo Carvalho*, de idade de oitenta e um anos (...) O seu cadáver foi sepultado na igreja paroquial desta freguesia na campa número um (...) O Pároco, *João Francisco da Cruz* (...) Sr.ª D. *Teresa de Azevedo Carvalho*, então proprietária das quintas de Gavim e Montenegro, foi em vida uma senhora modelo de virtudes, o então pároco de *Delães*, Rev. *João Francisco Cruz* (...) entendeu, e muito bem, oferecer-lhe a sua sepultura. Ficou assim provado que o cadáver encontrado intacto e que por autorização do delegado de Saúde do concelho foi exposto ao público no jazigo dos actuais proprietários da quinta de Gavim, no cemitério paroquial de *Delães*, é da Sr.ª D. *Teresa de Azevedo Carvalho*, natural de *Delães*, que faleceu com 81 anos de idade, precisamente também há 81 anos (...) este acontecimento invulgar tem atraído ao cemitério de *Delães* milhares de pessoas, que com os seus próprios olhos se querem certificar da existência deste fenómeno (...)” – cf. *O Comércio do Porto*. Porto: quarta feira, 8 de junho de 1960, (s/p). / Também a imprensa local coeva, pelo conteúdo de grande parte dos artigos publicados após o anúncio de venda da Retabulística delaense, datado de vinte e dois de abril de 1960, dá conta de abundância superlativa de trabalhos alocados à construção da “Igreja Nova” – “(...) E que diremos relativamente à Nova Igreja? (...) Somos crentes e somos católicos. Esta freguesia jamais se opõe ao imperativo da consciência. Por isso pomos toda a nossa esperança na Providência Divina e contamos com a boa vontade e generosidade de todos, para darmos realização ao sonho que é de todos nós, construir a Casa do Senhor. E a vossa Excelência Reverendíssima pedimos desde já se digne vir presidir à sua inauguração, uma vez que teve a gentileza de vir (...) proceder ao lançamento da sua primeira pedra (...) Na despedida, o ilustre benemérito delaense Sr. Augusto Correia de Abreu disse ao Sr. Arcebispo Primaz que, daqui por dois anos o público iria buscar novamente a Braga, mas para inaugurar definitivamente a Igreja de *Delães* (...)” – cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão: sexta feira, 20 de maio de 1960, p. 3.

63 “(...) sua Exc.ª Rev.ªm o Senhor Arcebispo Primaz visitou esta freguesia no passado domingo (...) Dirigindo-se a todos os habitantes da freguesia, lembrou também a necessidade imperiosa de se construir uma nova Igreja, de acordo com o valor da terra e tendo capacidade bastante para albergar todos os fieis para assistir aos actos religiosos (...) disse ainda que se impõe a construção duma residência paroquial condigna, problemas estes desde há muito aqui reconhecidos como de solução urgente, pelo que todos ficaram muito animados com as palavras do ilustre Prelado (...)” – cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão: sábado, 7 de setembro de 1946, (s/p).

setecentista cada vez mais exíguo e incapaz de corresponder às necessidades espirituais de uma população em franco crescimento<sup>64</sup>.

Neste processo deliberativo, cumprimento de providências, acompanhamento e angariação de fundos para a empreitada em causa evidenciam-se o Pároco titular à época, as Comissões fabriqueiras subsecutivas, instaladas e ativas de 1960 a 1963<sup>65</sup>. E, entre dádivas, procedimentos de recolha de fundos e donativos dos habitantes mais ou menos ilustres desta Vila, da sua autarquia (delaense e famalicense), Arquidiocese e Governo Central (*Notícias de Famalicão* (20/05/1960), p. 3. & *Diário do Minho* (30/05/1960), (s/p).), salta à vista o empenho e contributo do empresário têxtil e filantropo local *Augusto Correia de Abreu* (1890-1966) – cuja população delaense, em formato de louvor e gratidão, lhe dedica dois retratos honoríficos, um deles a quinze de maio de 1960, decursivo da inauguração da nova Residência do Pároco e estabelecimento, pelo Arcebispo Primaz bracarense, da “Primeira Pedra” do Altar-mor

---

64 “(...) DELÃES E O SEU PROGRESSO / Esta, a todos os títulos encantadora freguesia de Delães está a passar por uma fase de franco progresso (...) Quer a vejamos na sua situação topográfica, quer a consideremos como um grande centro fabril, ou ainda como um meio que o Estado há escolhido para nele funcionar vários organismos oficiais, podemos afoitamente afirmar que Delães é de entre todas as freguesias do concelho de Famalicão a mais prendada. E agora, com os seus novos edifícios escolares (...) com a reparação das suas estradas e mormente com a sua Nova Igreja, Delães constituirá um prazer para os que nela vivem e um mimo a oferecer aos seus visitantes (...)” – cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Ano V (XXIV). Vila Nova de Famalicão: Sexta-feira, 19 de fevereiro de 1960, (s/p).

65 Acerca deste processo de tomada de decisão, respetivo derrube da “Igreja Velha”, conseqüente levantamento e abertura ao ofício religioso da dita “Igreja Nova” da Paróquia do Divino Salvador de Delães, aferimos diversos excertos jornalísticos coevos. Alguns deles chegados ao nosso conhecimento em formato de recortes, desprovidos de quaisquer dados e referências, na sua grande maioria, de título, série, número ou edição. No entanto, o seu conteúdo é claro e perceptível, o que nos leva a integrar as informações veiculadas neste processo de investigação. Não obstante o facto de citarmos os seus parágrafos, para cumprir as “boas práticas” científicas e futura referenciação bibliográfica, continuaremos a desenvolver múltiplas pesquisas de arquivo na tentativa de nomear corretamente cada um destes excertos - Cf. “*Jornal de Famalicão, 1963*” – Recorte de periódico ausente de referenciação de série, volume, número ou datação exata: “(...) DELÃES VAI INAUGURAR A SUA NOVA IGREJA (...) A nova Igreja era o sonho lindo dos paroquianos de Delães (...) Um dia, o seu actual Pároco, Rev. Padre Francisco Pimenta reuniu os restantes membros da Comissão fabriqueira, e a semente foi lançada (...) Elabora-se o projecto, fazem-se estimativas. Serão necessários cerca de mil e quatrocentos contos. Mas a Comissão meteu mãos à obra (...) todos os paroquianos serão generosos (...) confia na divina providência (...) Aparece a primeira oferta de vulto (...) 100 contos do Sr. Augusto Correia, generoso benfeitor. A esta outras ofertas se seguem de mais benfeitores (...) o povo anónimo (...) vai-se cotizando também. Vem, depois, a comparticipação do Estado com vinte por cento (...) Sr. Augusto Correia vai aumentando (...) Hoje, a oferta deste grande benemérito, para a nova Igreja, se eleva a 500 contos (...)” / Cf. “*O Primeiro de Janeiro*”, artigo anterior a 8 de setembro de 1963 - Página de Jornal periódico ausente de qualquer tipo de referenciação de série, volume, número ou datação exata: “(...) INAUGURAÇÃO DE DOIS IMPORTANTES MELHORAMENTOS EM DELÃES (FAMALICÃO) (...) A freguesia de Delães (Famalicão), prepara-se afanosamente para receber no próximo dia 8 de Setembro as entidades distritais religiosas, civis e militares que ali vão-se associar ao júbilo da população Delaense (...) E o facto, se atentarmos a que se trata, em primeiro lugar da inauguração da Igreja Paroquial, o que há meia dúzia de anos constituía um sonho da freguesia e hoje é uma realidade, para que muito contribuiu benemérito Sr. Augusto Correia, que deu 500 contos para uma obra que ficou por 1.500 contos. Seguir-se-á a inauguração de um Bairro com 18 blocos (...) e, em anexo ao mesmo, uma Escola com dois Salões. Ao Bairro será dado o nome de Augusto Correia (...) A Comissão fabriqueira, constituída em Janeiro de 1960 pelos Srs. Rev. Francisco Alves Pimenta, Francisco da Silva Araújo e João Dias Sampaio e composta há um ano a esta parte pelo Pároco e Srs. José Ribeiro e António Ribeiro de Carvalho as Comissões de Obras (...) 17 horas, descerramento no largo da Igreja, do Bronze que a freguesia de Delães oferece ao seu benemérito (...)” / Cf. “*Jornal de Riba d’ Ave de 31 de agosto de 1963*” – Artigo de periódico ausente de referenciação de série, volume ou número: “(...) VAI SER INAUGURADA NO DIA 8 DE SETEMBRO (...) A NOVA IGREJA DE DELÃES (...) Um dos dias mais brilhantes para a História da progressiva e donairosa freguesia de Delães, o próximo dia 8 de Setembro, data apazada para a solene inauguração da sua nova e sumptuosa Igreja Paroquial, do Bairro Augusto Correia (...) o principal obreiro das coisas grandes e progressivas da paróquia (...) até de muitas outras espalhadas pelo concelho (...) Constituída (...) há uma dúzia de anos o verdadeiro problema para a freguesia o facto do seu templo, além de antiquado, pois a sua construção tinha mais de duzentos anos, ser demasiado pequeno para as cerimónias de culto atendendo ao aumento (...) crescente da sua população, resultante do seu manifesto progresso. Não foi, porém, em vão que o pároco Padre Francisco Alves Pimenta, aliado aos restantes membros que então constituíam a Comissão fabriqueira Srs. Francisco da Silva Araújo e João Dias Sampaio que há cerca de quatro anos lançaram a ideia da construção do novo templo. A obra iniciou-se em Janeiro de 1960 e foi a actual e bem dinâmica Comissão fabriqueira constituída pelo Pároco e Srs. José Ribeiro e António Ribeiro de Carvalho que lhe deram o impulso derradeiro, graças às valiosas ofertas que se verificaram, de entre as quais justo é destacar a do Sr. Augusto Correia, de 500 contos, à contribuição de toda a população com a organização de cortejos, sorteios, etc. (...) Na verdade a jornada do próximo dia 8 de Setembro ficaria incompleta, a população de Delães vai testemunhar ao Sr. Augusto Correia a sua profunda gratidão, ao mesmo tempo que descerrará no largo da Igreja um bronze que ficará a perpetuar para sempre o obreiro principal, não só daquela obra mas de muitas outras (...) espalhadas pela freguesia (...)” / Cf. Página e recorte de Jornal de incidência famalicense, possivelmente de 1963, ausente de referência de título, série, volume, número ou datação exata: “(...) O BENEMÉRITO AUGUSTO CORREIA É HOJE HOMENAGEADO EM DELÃES (...) A freguesia de Delães, através de uma comissão que teve por figura central o estimado comerciante José Ribeiro, vai homenagear hoje o conhecido industrial e grande homem de bem que se chama Augusto Correia e a cuja benemerência deve aquela freguesia a conclusão da sua nova Igreja, um Bairro para as famílias operárias e uma escola (...)”

e da arquitetura remanescente da "Igreja Nova"; e o outro, anos mais tarde a oito de setembro de 1963, aquando do término, inauguração e abertura ao culto público da dita "Igreja Nova"<sup>66</sup>.

Tal como descrito previamente, a "Igreja Nova" do *Divino Salvador de Delães* foi construída no mesmo lugar da predecessora, demolindo-a no seu edificado e despojando-se de grande parte do seu interior, sendo inaugurada ao culto a 8 de setembro de 1963<sup>67</sup> na presença do condecorado benfeitor, das autoridades civis e religiosas locais, da população em massa e de altos dignitários políticos, sociais e clericais da região e do país<sup>68</sup> (presididos pelo Arcebispo Primaz - vd. fig. 35). Embora no conhecimento genérico da população, durante décadas, a informação de que pouco ou nada tenha sido reaproveitado do formato derradeiro da "Igreja Velha" para a "Igreja Nova" tenha prevalecido, sobretudo pela desconjuntura e derrube total do edifício precursor e ocorrência da venda dos seus três Retábulos de Talha dourada para mescla e remontagem no universo museológico lamacense. A realidade, no que concerne à investigação e análises preconizadas, demonstra precisamente o contrário.

Não obstante a perda (por venda ou até extermínio), de alguns elementos artísticos que tal como a Retabulística não prevaleceram no território e culto delanese, a título de exemplo, a par de alguma paramentaria, alfaias litúrgicas, fólhos,

---

66 "(...) O Comendador Augusto Correia de Abreu (1890-1966) foi um industrial e benemérito, natural de Pedome, mas que iniciou e consolidou a sua vida industrial em Delães. A ele se deveram obras de grande importância para Delães, tais como a conclusão da nova Igreja, de uma escola e de um bairro de 36 moradias para os operários das suas fábricas. Teve também uma forte ligação ao "Cine-Teatro Famalicense" (Vila Nova de Famalicão), tendo sido um dos principais responsáveis pela sua construção. Cujo nome, em sua homenagem, foi posteriormente alterado para "Cine-Teatro Augusto Correia" (que acabaria por ser destruído nos inícios da década de 90) (...) - cf. <http://famalicaooid.org/inweb/ficha.aspx?ns=215000&id=400> - 18/05/2020, 09 h 47 m. / "(...) Queríamos nesta altura, prestar os nossos agradecimentos ao Excelentíssimo Sr. Presidente da Câmara em exercício, Sr. Engenheiro José Pinto de Oliveira, que acedendo ao pedido do então Presidente da Junta administrativa desta Freguesia senhor Manuel Joaquim Alves Pimenta, atribuiu às obras em curso uma avultada quantia (...) entre todos aqueles que contribuíram para a realização desta obra (...) ponho em destaque o gesto nobilitante do senhor Augusto Correia de Abreu, a quem pode dizer-se, sem receio de desmentido, se deve o abreviamento da construção desta casa (...) Maria Augusta Correia Guimarães, neta mais velha do homenageado descerrado em baixo relevo, em bronze o retrato de seu avô, Sr. Augusto Correia, no qual se lê a seguinte inscrição: «A Freguesia de Delães muito grata a Augusto Correia de Abreu 15-5-1960» (...) - cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão: sexta feira, 20 de maio de 1960, p. 3. / "(...) VAI SER INAUGURADA NO DIA 8 DE SETEMBRO (...) A NOVA IGREJA DE DELÃES (...) Na verdade a jornada do próximo dia 8 de Setembro ficaria incompleta, a população de Delães vai testemunhar ao Sr. Augusto Correia a sua profunda gratidão, ao mesmo tempo que descerrará no largo da Igreja um bronze que ficará a perpetuar para sempre o obreiro principal, não só daquela obra mas de muitas outras (...) espalhadas pela freguesia (...) - cf. "Jornal de Riba d' Ave de 31 de agosto de 1963" - Artigo de periódico desprovido de referênciação de série, volume ou número.

67 Considerando a interpretação dos escritos propalados no semanário "Notícias de Famalicão", no seu número de vinte de maio de 1960, congregado ao teor do periódico "Diário do Minho" na sua edição de trinta de maio de 1960, a estimativa inicial, mormente expressa nas palavras transcritas de um dos principais obreiros e beneméritos desta realização, Augusto Correia - que, no dia 15 de maio de 1960 ao dirigir-se na "primeira pessoa" ao Arcebispo Primaz bracarense, dava conta de que teria intenção, volvidos dois anos, de se deslocar a Braga para o trazer de novo a Delães mas para inaugurar, no seu formato definitivo, a Igreja da qual o Prelado teria acabado de "lançar a Primeira Pedra do Altar-mor e arquitetura subsecutiva" - projetava a abertura ao culto da "Igreja Nova" num intervalo temporal de cerca de dois anos. Ou seja, preveria o ano de 1962 como o marco cronológico da sua conclusão. Todavia, indiciando um certo atraso nalguns dos seus procedimentos construtivos, a sua inauguração sucedeu apenas no oitavo dia do mês de setembro do ano seguinte, 1963 - cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão: sexta feira, 20 de maio de 1960, p. 3. & *Diário do Minho*. (s/l): segunda feira, 30 de maio de 1960, (s/p).

68 Cf. "O Primeiro de Janeiro", artigo anterior a 8 de setembro de 1963 - Página de Jornal periódico omissa quanto à referênciação de série, volume, número ou datação exata: "(...) INAUGURAÇÃO DE DOIS IMPORTANTES MELHORAMENTOS EM DELÃES (FAMALICÃO) (...) A freguesia de Delães (Famalicão), prepara-se afanosamente para receber no próximo dia 8 de Setembro as entidades distritais religiosas, civis e militares que ali vão-se associar ao júbilo da população Delaense (...) E o facto, se atentarmos a que se trata, em primeiro lugar da inauguração da Igreja Paroquial, o que há meia dúzia de anos constituía um sonho da freguesia e hoje é uma realidade (...)")



Fig. 35 Fotografia de autoria desconhecida, correspondente ao dia 8 de setembro de 1963, à subsecutiva cerimónia de inauguração oficial e abertura ao culto da Igreja Nova do Divino Salvador de Delães. Neste registo contemplamos um espaço exterior festivo, repleto de delaenses e com a presença de diversas entidades civis e eclesíásticas locais, distritais e nacionais – tais como o Arcebispo Primaz bracarense, D. António Bento Martins Júnior (1881-1963), que preside o cerimonial. Por entre o rol de personalidades convidadas, posicionam-se e vislumbram-se neste documento imagético de época diferentes obreiros desta empreitada. Com destaque, ao centro mas num plano recuado, para o filantropo local e contribuinte superlativo deste edificado, Augusto Correia de Abreu (1890-1966). © Fotografias recolhidas mediante pesquisa “em rede”. Estes ficheiros foram depositados no meio digital sob iniciativa de um cidadão famalicense, de seu nome Sr. Carlos Correia - Ext. <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=657406820939238&set=oa.710557928958578&type=3&theater&ifg=1> – 18/04/2020, 22 h 07 m.

ourivesaria, joalheria, prataria, relojoaria, mobiliário<sup>69</sup> ou dos quatro sinos de 1933 e 1936 (vd. fig. 36) recolocados na Torre sineira da nova Matriz, grande parte das esculturas de Imaginária internas e externas, balizadas desde o terceiro

69 Inscritos em arrolamentos locais a partir de 1911 (num processo extensível a 1928), decorrente da Implantação da República. Formato administrativo laico e anticlerical derivado dos acontecimentos lusos de 5 de outubro de 1910, correspondendo ao resultado da “Lei Republicana de Separação do Estado das Igrejas”, oficializada a 20 de abril de 1911. Nesse âmbito, data de 28 de agosto de 1911 uma “Relação de Bens arrolados” que afere o património imobiliário, os títulos e todos os objetos, paramentaria, imaginária religiosa e alfaias de culto da “Igreja Velha do Divino Salvador de Delães”. Em virtude do cumprimento legislativo estabelecido pela “Lei de Separação das Igrejas do Estado” – derivada do advento republicano e da iniciativa de Afonso Costa (1871-1937) – a “Relação de títulos e bens mobiliários e imobiliários” redigida e apresentada perante a administração concelhia e repartição de finanças de Vila Nova de Famalicão abarca um descritivo genérico, na forma de “arrolamento”, da Paróquia do Divino Salvador de Delães. Contendo referências não só à Igreja Matriz, como à própria “Capela de São Miguel o Anjo” (“do Monte”). Sobre a “Igreja Paroquial do Divino Salvador” esta “Relação de Bens” mobiliários e imobiliários formula um pequeno descritivo acerca da estrutura arquitetónica e divisões do seu espaço associado. E, posteriormente, uma listagem de alfaias litúrgicas, paramentaria, relojoaria, ourivesaria, joalheria, prataria e esculturas de Imaginária religiosa. No que concerne à Imaginária religiosa, neste “arrolamento”, por entre novas referências artísticas ao culto populacional delaeense, permanecem registadas as três invocações religiosas do “Divino Salvador”, “São Sebastião” e “Nossa Senhora da Purificação” (“N.º Sr.º das Candeias”), correspondentes ao Retábulo e Altar-mor e aos dois Retábulos e Altares laterais anteriormente aferidas, pelo menos desde 1758, nas “Memórias Paroquiais de Delães e Vermoim” – cf. Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças - *Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Arrolamento dos bens cultuais da freguesia de Delães, distrito de Braga, concelho de Vila Nova de Famalicão, constando de: Igreja Matriz de Delães; Capela de São Miguel, 1911-08-28 a 1928-01-26, Liv. 18, fl. 78-82, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ARROL/014.*: “(...) Relação dos Bens arrolados na Igreja Matriz d’ esta freguesia de Delães / Aos 28 dias de Agosto de mil novecentos e onze n’ esta Igreja Parochial (...) de Delães, compareceram o Administrador do Concelho de Vila Nova de Famalicão senhor António da Rocha Carvalho e o senhor Albino José Nogueira membro e presidente da Comissão Parochial d’ esta mesma freguesia, e eu Júlio Velloso (?) dos Santos (...) da Repartição de Finanças d’ este Concelho como representante do respectivo notário de finanças, achando-se presente o reverendo parcho d’ esta freguesia senhor Bento Rodrigues Corrêa Sampaio (?) procedeu-se ao arrolamento de todos os bens mobiliários e imobiliários, pertencentes a esta freguesia e que em virtude da Lei da separação do Estado das Igrejas de 20 d’ Abril do corrente anno passou para a posse do Estado e que são os seguintes: Bens imobiliários N.º I / O Edifício da Igreja, torre com adro e sacristia situado no lugar do Loureiro. / N.º 2 O Edifício da Residência, com quintal (...) tapada, situados no mesmo lugar do Loureiro (...) Bens mobiliários existentes na Igreja (...) Trez sobrepeles / Duas estolas de damasco / Duas cruzes de peito / Uma umbela / Trez alvas / Cinco pergaminhos (...) Uma caldeira de prata / Dois rituaes de Paulo 5.º (?) (...) Uma cómoda na residência para guardar os paramentos / Uma custódia de prata / Um relógio grande na sacristia / Uma imagem do Senhor da Boa Morte / Uma dita do coração de Maria / Uma dita do Coração de Jesus / Mais cinco imagens de S. Bento, Divino Salvador, S. Sebastião, Santo António e Menino Jesus / Trez casulas (?) (...) Trez ditas de damasco vermelho / Trez ditas de damasco verde / Um tombo da Igreja, datado de 1592 / Um paramento (?) / Um dito róxo / Um dito verde / Dois confessionários / Um turbulo de prata com naveta e colher também de prata / Dois sinos (?) / Duas pedras d’ asa (?) / Duas chaves de accessório (?) sendo uma de prata e outra ordinária / Trez castiças de prata dourada e colher de prata (?) (...) / Perante os procedimentos de inventário descritos e alterações de título de posse derivadas da “Lei Republicana de separação do Estado das Igrejas”, o pároco local em exercício, no mesmo dia do “arrolamento” demonstra, por escrito, o seu desagrado. Associada à documentação de “Arrolamento dos bens cultuais da freguesia de Delães” e também datada de 28 de agosto de 1911, figura uma missiva escrita e subscrita pelo Pároco titular à época, Bento Rodrigues Correia Sampaio. Na sua redação, esta epístola contesta de forma veemente o procedimento e realização deste “inventário” considerando-o “uma violéncia atentatória dos legítimos e incontestáveis direitos da Igreja” - cf. Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças - *Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Arrolamento dos bens cultuais da freguesia de Delães, distrito de Braga, concelho de Vila Nova de Famalicão, constando de: Igreja Matriz de Delães; Capela de São Miguel, 1911-08-28 a 1928-01-26, Liv. 18, fl. 78-82, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ARROL/014.*: “(...) Exmo. Senhor Presidente da Comissão de Inventário dos bens eclesiásticos: Pe Bento Rodrigues Corrêa Sampaio, Parocho da freguesia de Delães, concelho de Vila Nova de Famalicão, declarando não ser intuito seu desacatos (...) mas cumprindo uma imprethível obrigação do seu cargo e ministério parochial, affirma que à Egreja pertence a posse, uso, guarda e administração dos templos, alfaias, bens móveis e imóveis destinados ao culto católico e sustentação de seus ministros (?), e por isso, protesta solemnemente contra as operações do inventário a que vae proceder-se, considerando-a uma violéncia atentatoria dos legítimos e incontestáveis direitos da Igreja. / Delães, 28 d’ Agosto de 1911 (...) O Abade Bento Rodrigues Corrêa Sampaio (...)” / No interlúdio cronológico de 1926 a 1928 inicia-se e conclui-se o processo administrativo de entrega, por parte do Estado português, dos bens arrolados e inventariados, desde 1911, à corporação local responsável pelo culto delaeense. É também legítima em 1928 a página, em estilo de ligeira atualização, que cessa o “Arrolamento dos bens cultuais da freguesia de Delães” com redação lançada a partir de 1911: Através de documento datado de 26 de janeiro de 1928 e carimbado a 1 de fevereiro de 1928 pelo “Ministério da Justiça” – na sua vertente de “Comissão Central da Lei da Separação” – chega ao fim o procedimento de “inventário” / “arrolamento” dos bens mobiliários e imobiliários da esfera paroquial de Delães, previamente iniciado em 1911 pela “Lei de Separação do Estado das Igrejas”. Sob o título de “Arrolamento adicional dos bens pertencentes à Igreja da Freguesia de Delães”, à substância elencada no descritivo de 1911, acrescem nas linhas deste complemento de “inventário” as alíneas de posse de “uma mesa, duas campainhas, uma chave de armário, três cálices”. E, do ponto de vista das esculturas de Imaginária religiosa, às iconografias anteriores soma as “imagens de São José e de Nossa Senhora das Candeias” - cf. Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças - *Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Arrolamento dos bens cultuais da freguesia de Delães, distrito de Braga, concelho de Vila Nova de Famalicão, constando de: Igreja Matriz de Delães; Capela de São Miguel, 1911-08-28 a 1928-01-26, Liv. 18, fl. 78-82, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ARROL/014.*: “(...) Aos vinte e seis dias do mês de Janeiro de mil novecentos e vinte e oito, na residência parochial d’ esta freguesia de Delães compareceu (...) Francisco Manuel (?) Corrêa d’ Araújo, Presidente da Comissão administrativa da Comarca Municipal e administrador do Concelho de Vila Nova de Famalicão e o senhor Celestino Campos, presidente da Junta, proprietário, da mesma freguesia, e eu Júlio Velloso dos Santos (...) da repartição de finanças d’ este concelho, como representante do respectivo secretário de Finanças, procedeu-se ao arrolamento adicional d’ uns bens mobiliários, pertencentes ao Passal, da referida freguesia, cuja descrição é a seguinte: / N.º 1 / Uma méssa de credencia; duas campainhas; uma chave de armário; trez castiças e as imagens de São José e da Senhora das Candeias (...)” / Na proximidade do encerramento da metodologia de “arrolamento” / “inventário” de bens mobiliários e imobiliários da Paróquia de Delães e no seguimento da evolução legislativa da “Separação do Estado das Igrejas”, com menção prévia ao “Decreto n.º 11887” de 6 de julho de 1926, início a 21 de novembro de 1927 e posterior conclusão a 27 de dezembro de 1928 (num termo lavrado em modelo final a partir de 13 de dezembro de 1928, em conformidade com a “portaria n.º 5677 publicada no “Diário do Governo” n.º 246, 1.ª série, de 25 de Outubro de 1928”), está arquivado na Biblioteca Digital da Secretaria-Geral do Ministério das Finanças um título de “Entrega de bens à corporação encarregada do culto católico” da localidade delaeense – cf. Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças - *Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Cultuais, Entrega de bens à corporação encarregada do culto católico, ao abrigo do Decreto n.º 11887, de 6 de Julho de 1926, na freguesia de Delães, concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga, 1926-07-06, 1927-11-21 a 1928-12-27, Proc. 11887, L. 13, Fl. 379, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ADMIN/066.*: “(...) Entrega de bens à corporação encarregada do culto católico, ao abrigo do Decreto n.º 11887, de 6 de Julho de 1926, na freguesia de Delães, concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga, nomeadamente a igreja paroquial com as suas dependências, móveis, paramentos, alfaias, vasos sagrados e imagens, assim como a residência paroquial com as suas dependências e quintal, de acordo com portaria n.º 5677 publicada no “Diário do Governo” n.º 246, 1.ª série, de 25 de Outubro de 1928 e auto de entrega, incluso no processo, lavrado a 13 de Dezembro de 1928 (...)”

quartel do séc. XVIII (a partir de 1745 / 1746), à década de 1950<sup>70</sup>, foram preservadas e alocadas, juntamente com elementos atualizados, na “Igreja Nova” do *Divino Salvador de Delães* e aí permaneceram. Também a imprensa local dá conta, a 8 de julho de 1960, da possível reutilização de parcos despojos da “Igreja Velha” na recuperação de uma capela / ermida local, denominada de “*São Miguel-o-Anjo*” (*Notícias de Famalicão* (08/07/1960), p. 2.).

Embora não seja única<sup>71</sup>, a exceção mais significativa de desaproveitamento para o novo local de culto delaense e respetiva transladação, aparentemente por ato comercial para outra geografia e funcionalidade distinta da sua origem – cujo escrito de disponibilidade para venda de 22 de abril de 1960 atesta (vd. fig.68) - está patente na conhecida “viagem” de *Delães a Santa Maria de Lamas* do Retábulo e Altar-mor e dos dois Retábulos e altares laterais que até 1960 figuraram como únicos na dita “Igreja Velha” do *Divino Salvador*. Enquadráveis, sobretudo, no terceiro quartel do século XVIII – datação que se poderá estender até ao fim da centúria (SMITH, 1963, p. 129. ; FERREIRA-ALVES, 2003, p. 735.; LAMEIRA, 2006, p. 353.) - esses três Retábulos de Talha dourada evidenciam, do ponto de vista estilístico, pormenores gramaticais próprios de um certo Rococó do Norte de Portugal, sob variante regional minhota (do Alto Minho preferencialmente)<sup>72</sup>.

---

70 Mas figurativas do somatório das devoções secularmente inscritas na religiosidade dos paroquianos locais (inventariadas, por exemplo, desde as “*Memórias Paroquiais de Delães e Vermoim*”: “(...) *He Orago da dita freguesia o Salvador* (...) *Tem tres altares, o principal do Salvador, outro de Nossa Senhora da Purificação, o terceiro de São Sebastião. Tem uma nave e tem* (...) *Comfradia de Nossa Senhora da Purificação* (...)” - Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Delães, Vermoim 1758/1758, Memórias Paroquiais 1722/1832*, vol. 13, n.º 11, pp. 61 a 64.

71 Vasco de Carvalho (1888-1961), um historiador famalicense que legou à contemporaneidade, através da *Biblioteca Municipal de Famalicão – Biblioteca Camilo Castelo Branco*, um interessante arquivo de livros e obras publicadas, recolhas jornalísticas ou álbuns fotográficos e manuscritos não editados acerca de monumentos, festas, figuras populares, personalidades de vulto, vida política, história e património local de tipologias diversas, executou um périplo, datado de 1955, por diferentes Vilas e territórios do concelho de *Vila Nova de Famalicão* “inventariando” as suas manifestações religiosas. No que concerne à sua passagem por *Delães*, no levantamento datado de dez de fevereiro de 1955, Vasco de Carvalho regista fotograficamente – com qualidade assinalável perante os meios disponíveis – a arquitetura exterior da dita “Igreja Velha”, aproximadamente cinco anos antes da sua demolição. Nos conteúdos manuscritos, a par de enumerar diferentes arquiteturas delaenses votadas à religiosidade oficial e popular, inscreve também um importante e raro arrolamento – o mais próximo da sua cronologia de permuta - da ambiência, estrutura e totalidade do recheio artístico que prevaleceu, decerto até 1960, na antiga e derrubada “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”. Nesse “inventário informal” de fevereiro de 1955, o Historiador famalicense ao identificar o seu interior, afere não só os três Retábulos de Talha dourada que, posteriormente e a partir de vinte e dois de abril de 1960 *Henrique Amorim* adquiriu e deslocou para *Santa Maria de Lamas*. Como também todo o património móvel que acabaria por transitar da “Igreja Velha” para diferentes espaços da “Igreja Nova”. Porém, numa análise cuidada aos parágrafos manuscritos e estabelecendo um contraponto com fontes posteriores, este descritivo abrange alguns pormenores artísticos cujo paradeiro, à luz do momento atual desta investigação, será impossível de determinar. Em virtude da sua extração da Matriz delaense aquando da respetiva demolição desta arquitetura, tais fragmentos artísticos ou estruturais que durante décadas e séculos serviram o culto local, poderão ter seguido o mesmo destino comercial dos três Retábulos incorporados no *Museu de Lamas* – quiçá para o mesmo colecionador ou para outro, mas cuja identificação do seu paradeiro ainda não foi, de todo, passível de executar – ou pura e simplesmente a perda total do seu rasto poderá indiciar a devida destruição definitiva. Nesta listagem de Vasco de Carvalho vota à “Igreja Velha” de *Delães*, como elementos artísticos de destino indeterminado citamos: “(...) *Tem na Sacristia um excelente quadro de 1, 28 m por 82 cm emoldurado, pintado em tábuas* (...) *S. Miguel-o-Anjo – Bom quadro. / Foi pintado para ficar na Igreja, pela devoção do povo, outro quadro com as mesmas medidas mostrando Nossa Senhora* (...) *com a Coroação de N. Senhora, pois tem dois anjos sobre a cabeça, a coroa-la* (...) *Estes dois quadros têm mais de 100 anos. / Tem um painel no altar mór* (...) *mostrando na sua pintura, a Transfiguração no Monte Tabôr (que é Jesus em ascensão no alto, aos lados dois profetas e ao fundo, sob os pés, os tres apóstolos* (...) *Vem do tempo do P.º Bento Rodrigues Correia de Sampaio* (...) *Tem no tecto em abobada, do altar mor, a pintura da Última Ceia, com a Instituição da Sagrada Eucaristia. E no tecto do corpo da Igreja a figura do Divino Salvador* (...)” – cf. CARVALHO, Vasco - [Listagem de freguesias de V.N. Famalicão com anotações de V.C.] [Manuscrito] / Vasco de Carvalho. – 1955. – [102] f. pautadas ; 27 x 21 cm. Folhas soltas sem encadernação. - A listagem indica se a freguesia foi visitada e se já se encontra pronto o recenseamento. BMCCB/FL VC 101.

72 “(...) Contemporâneo do florescimento do rococó portuense é um grupo de obras de talha de extraordinário carácter artístico, constituindo uma pequena escola regional, de origem e desenvolvimento enigmáticos. Localizados na região vizinha de Braga e da cidade de Viana do Castelo, com algumas manifestações na Ribeira do Lima e, pelo menos, uma, fora do Minho, esses retábulos possuem um estilo frequentemente chamado de «talha gorda» em referência à extrema plasticidade do seu modelado. É a expressão mais vigorosa, verdadeiramente monumental, do rococó em Portugal de Setecentos (...)” - cf. SMITH, Robert – Ob. cit. (1963), p. 142. / “(...) Disse que o rococó teve uma aceitação quase imediata no nosso Minho (...) o nosso rococó tem muito pouco a ver com o que se fez no resto da Europa. Bebeu nas gravuras que nos chegaram, sem dúvida alguma, mas depois de variadíssimas razões (...) não foi capaz de o assumir na totalidade. Quer dizer: entre nós foi um estilo que se impôs mais pelos aspectos decorativos e menos pelos estruturais (...)” - cf. OLIVEIRA, Eduardo Pires de - «Os alvares do rococó em Guimarães» in *Barroco: Actas do II Congresso Internacional*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2003, p. 181.



Fig. 36 Perspetiva de um dos quatro Sinos decorrentes do trabalho da “Fundição de Sinos de Braga de S. S. Jerónimo”, dedicado à invocação e culto delaense a “Santo António”. Datado de 1936, este Sino integrou desde essa data e até 1960 a Torre sineira da antiga “Igreja Velha” do Divino Salvador de Delães” – Torre que por si só corresponderia a um acréscimo posterior, quiçá do término do séc. XVIII ou de diferentes décadas dos séculos subsequentes (até 1960), ao Templo originalmente erigido entre 1745 / 1746. Em virtude da substituição de arquitetura de culto operada a partir de 1960, este Sino, acompanhado pelos restantes três do seu conjunto, transitou para a atual “Igreja Nova” inaugurada oficialmente a 8 de setembro de 1963. Como inscrições numéricas e literárias este Sino contém a seguinte redação: “S. António / Delães / Ano 1936 / Fundição de Sinos de Braga de S. S. Jerónimo – Braga”. Registo fotográfico captado, no ano de 2020, pelo cidadão delaense Sr. José Pereira. Cedido, pelo próprio, para figurar nas páginas da investigação em curso. © José C. Amorim.

Aliás, a época de construção inicial (1745 / 1746) e de algumas melhorias ou ocorrências correspondentes à orgânica e estruturas da Igreja e Paróquia do *Divino Salvador de Delães*, documentalmente fundamentadas até 1756, coincidem com a presença à frente dos destinos da *Arquidiocese de Braga* do icónico *Arcebispo Primaz D. José de Bragança* (1703-1756) – “Senhor de Braga” de 1741 a 1756. Irmão do monarca *D. João V* (1689-1750) e um dos grandes responsáveis pelo acolhimento, gosto e difusão deste novo estilo e vocabulário setecentista, distinto nesta geografia do *Rococó* que se pratica no resto do país<sup>73</sup>, através dos artistas que acolhe, modelos que defende e em parte promove, nos territórios sob sua tutela<sup>74</sup>.

Embora a sociedade e os artistas coetâneos, de meados do séc. XVIII, não tenham sido unânimes na compreensão do *Rococó* em Portugal e a própria História da Arte ainda se divida entre correntes que o identificam como estilo próprio e outras apenas como inexistente na sua autonomia e mero declínio / exagero do *Barroco*<sup>75</sup>, é este princípio estético com

---

73 Levando alguns autores de referência no estudo da Talha em Portugal, tais como *Robert Smith*, a designar a Retabulística e a Talha *Rocaille* (*Rococó*) implementada e desenvolvida no Minho pelo termo próprio: “*Talha gorda*”. Distintivo perante as manifestações regionais coevas e capaz de simbolizar a cenografia e os pressupostos plásticos exagerados, em certa medida, que caracterizam o vocabulário do *Rococó* minhoto: “(...) Localizados na região vizinha de Braga e da cidade de Viana do Castelo, com algumas manifestações na Ribeira Lima e, pelo menos, uma, fora do Minho, esses retábulos possuem um estilo frequentemente chamado «talha gorda», em referência à extrema plasticidade do seu modelado. É a expressão mais vigorosa, verdadeiramente monumental, do rococó em Portugal de Setecentos, onde predominam mais os ornatos naturalísticos (...)” – cf. SMITH, Robert – Ob. cit. (1963), pp. 142 a 146.

74 “(...) O Arcebispo *D. José de Bragança* chegou a Braga em 23 de Julho de 1741. O seu irmão, o Rei *D. João V*, mandou-o para aquela cidade para ver se impunha um pouco de ordem no cabido (...) Com o rococó, tudo será diferente porque entrará de uma forma que se pode dizer fulminante (...) Quando é que o rococó chegou ao Minho? Não se sabe. *Robert Smith* avançou com a hipótese que existiriam livros com gravuras rococó no Convento de Tibães (...) Um dos primeiros reflexos do rococó no Minho é bem possível que se encontre em Guimarães (...) Em Braga surgiu de uma forma muito irregular na fachada do Palácio mandado fazer pelo mesmo *D. José de Bragança* e concluído em meados de 1751 (...)” – cf. OLIVEIRA, Eduardo Pires de – Ob. cit. (2003), pp. 175, 178 e 180. / “(...) Os inícios do rococó do Minho estão umbilicalmente ligados à ida do Arcebispo *D. José de Bragança* para a cadeira arcebispal de Braga (...) *D. José* era um homem muito compenetrado (...) cioso das suas origens familiares (...) A aprendizagem na Universidade de Évora deu-lhe uma boa formação intelectual (...) do ponto de vista artístico (...) complementada com conhecimentos que muito possivelmente obteve com o compulsar da imensa coleção de gravuras do seu irmão, o rei *D. João V*. Poderá ter sido aí, talvez, que recebeu os primeiros contactos com as novas formas de sentir e desenhar (...) Nos primeiros anos da afirmação do novo gosto não deveria existir uma aceitação clara do rococó (...) A sociedade portuguesa ainda o não intuía, a verdade é que talvez se possa dizer que nunca o compreendeu (...) Talvez, lembrando-se de sua mãe, uma das obras a que mais se devotou foi a renovação dos conventos femininos (...) intervindo na escolha do desenho da talha do Convento do Carmo (...) A sua intervenção no conjunto da talha da Igreja (...) deverá ter passado pela reformulação do desenho apresentado a concurso (...) olhando todo aquele conjunto de talha percebe-se (...) sobretudo nos retábulos laterais e nas sanefas, que o ornato assimétrico já começa a fazer parte do léxico ornamental da talha minhota (...)” – cf. OLIVEIRA, Eduardo Pires de - «André Soares em Guimarães» in *Monumentos. Cidades, Património, Reabilitação*. N.º 33. Guimarães: abril de 2013, pp. 66 e 67. / “(...) Na década de quarenta a cadeira primacial é ocupada por sangue real: *D. José de Bragança*. Para além dos inúmeros diferendos que trava com o Cabido, artisticamente os tempos eram de mudança, assumindo-se em Braga o que se vinha desenhando, artisticamente no Porto, e em última análise a cultura artística que era promovida pela corte régia, concretamente por *D. João V*. As obras que *D. José de Bragança* promoveu no Paço, na ala voltada para o Campo de Touros “n’uma arquitectura esbelta, estilo *rocaille* (*D. João V*)” traduzem a influência que gravura francesa e alemã exerciam já sobre a clientela mais erudita. São tempos de novas gramáticas decorativas (...)” – cf. ROCHA, Manel Joaquim Moreira da – *Arquitectura Religiosa Barroca em Braga* in *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. Vol. IX-XI, Porto: 2010-2012, p. 340.

75 Cf. PEREIRA, José Fernandes & PEREIRA, Paulo – Ob. cit. (1989), p. 416. / “(...) Sabemos que o rococó foi uma corrente estética muito aberta, tão aberta que soube conviver com outras formas de sentir, sobretudo com o tardobarroco (...) na talha, continuou a conceber obras dentro do gosto do rococó embora aberta à outra corrente pois sente-se que o tardobarroco não foi de todo arredado (...)” – cf. OLIVEIRA, Eduardo Pires de - «André Soares e a Arte do retábulo» in GLÓRIA, Ana Celeste (coord.) - *O Retábulo no espaço Ibero-americano: Forma, função e iconografia*. Volume I. Lisboa: Instituto de História da Arte, 2016, p. 123.

desenvolvimento maioritário no terceiro quartel do século XVIII – mas extensível às últimas décadas da centúria<sup>76</sup> - que predomina nos três Retábulos identificados. Cujas escalas permitem perceber, em contraponto, que um deles de maior dimensão, virtuosismo e munido de estruturas capazes de cumprir esse propósito ocuparia o espaço de Retábulo e Altar-mor. Sendo os restantes, de métrica inferior mas equivalentes entre si e com o próprio Altar-mor em pormenores do seu traçado e aparato decorativo original, os dois Retábulos laterais do extinto monumento religioso delaense (vd. figs. 37 e 38 a 55).

Sem dúvida um conjunto retabular com hierarquia e propósitos prévios bem definidos e discerníveis, mesmo que hoje em dia os seus três elementos permaneçam “engolidos” por toda a profusão decorativa da sala que os acolhe. Que por si só, não obstante a ensablagem museológica de que foram alvo, a densidade que os envolve não consegue omitir a correspondência direta entre o programa de cada um destes três Retábulos. Da qual a observância atenta destaca diferentes minudências de estilo, influência regional ou quadro produtivo oficial<sup>77</sup> em termos de traçado (desenho do “risco”<sup>78</sup>), estrutura, iconografia e ornato típico do Rococó minhoto que prevalecem intactas na sua extensão. Tais como fórmulas contracurvadas e alguma repetição de motivos antropomórficos (“mascarões”), fitomórficos, vegetalistas, cartelas assimétricas, festões, “rocalhas”, “concheados”, “flamejantes”, tipologias de estípites, peanhas,

---

76 “(...) A fase final da talha setecentista coincidiu com o florescimento do estilo rococó. Durante o meio século decorrido entre 1750 e 1800, os entalhadores portugueses, como todos os artistas nacionais, sentiram o encanto prolongado dessa nova versão afrancesada do barroco, do estilo suave e requintado que deu a toda sorte de arte religiosa um sabor palaciano. Daí resultou mais uma transformação no desenho de retábulos e outras obras de talha, a última ocorrida antes do aniquilamento final do neo-classicismo do século XIX. Com esta transformação, veio também um novo regionalismo mais forte (...) separando não só o estilo do Norte do estilo do Sul, mas, estabelecendo profundas diferenças estilísticas dentro de cada uma das regiões. Lisboa, por exemplo, difere de Évora, como a cidade do Porto difere do Alto Minho (...) No Porto sobreviveu uma lealdade ao estilo joanino para manter em muitos monumentos o uso das salomónicas, juntamente com a velha turbulência de formas decorativas. No Alto Minho, em Viana do Castelo e na região de Braga, apareceu a «talha gorda» rococó (...)” – cf. SMITH, Robert – Ob. cit. (1963), p. 129. / “(...) Se bem que os artistas portugueses se encontrem a nível de discurso numa dimensão periférica, eles tentam, todavia, expressar o ideário pós-tridentino de acordo com os critérios estéticos vigentes na Europa, introduzindo durante o reinado de D. João V (1706-1750) o chamado “gosto moderno” do barroco romano, e aderindo na segunda metade do século XVIII às influências francesa e alemã de um rococó requintado (...)” – cf. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – Ob. cit. (2003), p. 735. / “(...) No período entre c. 1746 e c. 1787 coexistem no nosso país duas opções estéticas, iniciadas simultaneamente, uma próxima do barroco romano setecentista (o tardobarroco) e outra de origem franco-alemã (o rococó). Acresce o facto de se registar uma enorme liberdade interpretativa, tão cara aos ideais iluministas, que está na origem de interessantes manifestações de miscigenação entre as duas estéticas dominantes (...)” – cf. LAMEIRA, Francisco – Ob. cit. (2006), p. 353.

77 De modo a elucidar a orgânica e ofícios intrínsecos à produção de Talha dourada em Portugal, Natália Marinho Ferreira-Alves pormenoriza: “(...) O trabalho de talha requeria a colaboração de vários artistas e não unicamente do entalhador e do dourador, como numa primeira abordagem se pensaria. Com efeito, na execução do retábulo, por exemplo, desde que se iniciava a sua feitura até ao momento em que era dado como concluído, muitos eram aqueles que participavam nessa tarefa (...) nos séculos XVII e XVIII, o mesmo artista aparece designado de formas diversas, observando-se uma certa polivalência no que respeita ao desempenho destas actividades (...) mestre arquitecto ou mestre de arquitectura, isto é, aquele que se encarrega do desenho do risco, elemento básico de toda a obra de talha (...) entalhadores, escultores, imaginários e ensambladores (...) torneiro (...) mestre de carpintaria (...) Se a designação de entalhador, abrange todo aquele cuja actividade se encontra relacionada com a talha em geral, escultor é muitas vezes sinónimo de imaginário, artista encarregado de esculpir imagens de santos. O termo ensamblador dirige-se em particular ao artista incumbido de proceder à ensablagem das diversas peças de talha, isto é, à montagem de todo o conjunto entalhado. Carpinteiro e marceneiro confundem-se no conceito daquele que trabalha com madeira, embora marceneiro se aplique especialmente ao artista que se dedica ao fabrico de móveis, enquanto que o torneiro é artífice que trabalha a madeira com torno. São frequentes as associações de entalhador, escultor, imaginário e ensamblador, ou ensamblador, torneiro e carpinteiro (...)” – cf. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – Ob. cit. (1989), pp. 61 e 62.

78 Cf. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – Ob. cit. (1989), p. 61.

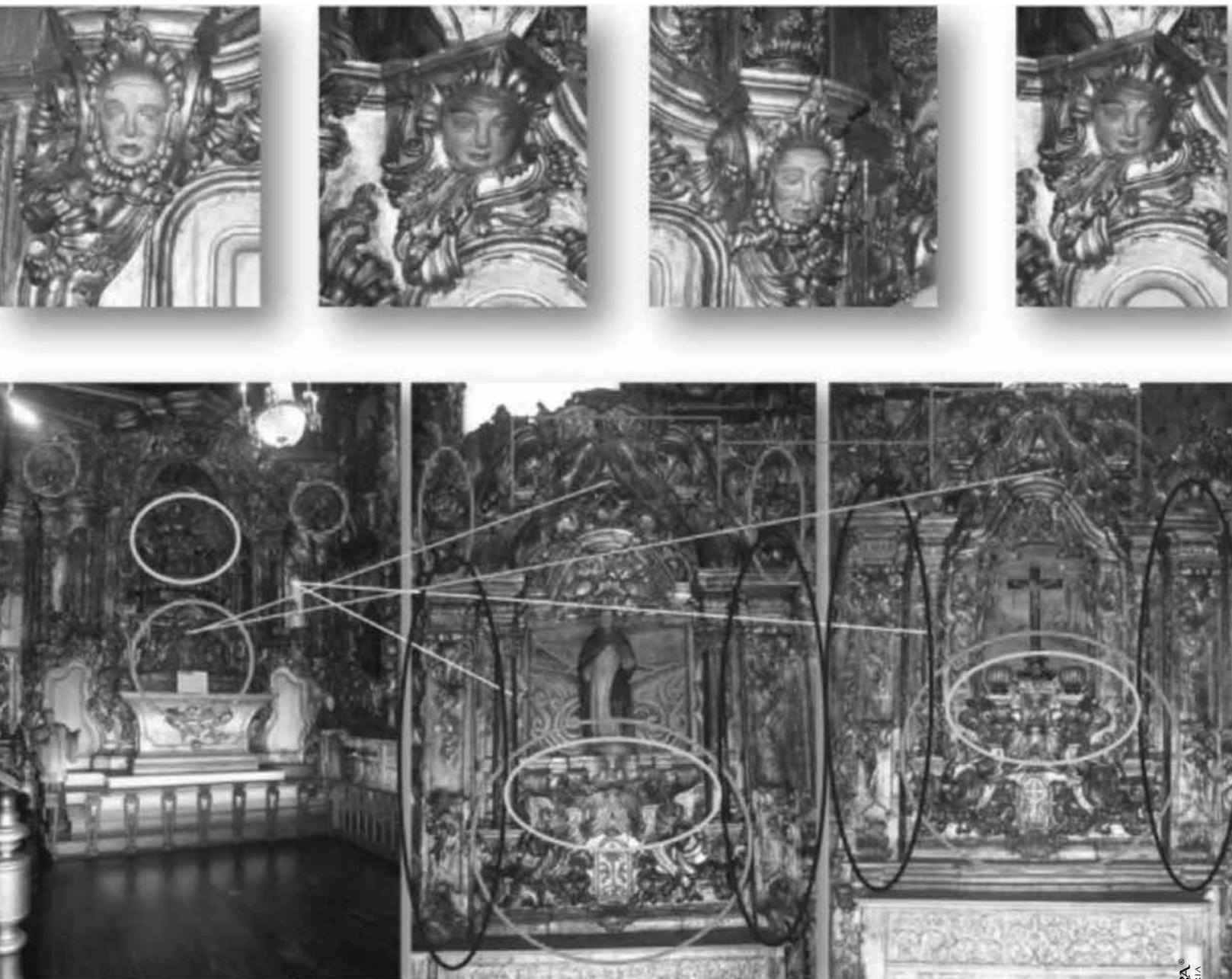


Fig. 37 Esquema demonstrativo de correspondência estilística e identificação inequívoca de ornato, minudências e gramática decorativa do Retábulo e Altar-mor e dos dois Retábulos laterais da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de linguagem Rocaille (Rococó), provenientes da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” (os únicos desse Templo prévio). Expostos, sensivelmente desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas. © José C. Amorim.



Figs. 38, 39 & 40 Inteligibilidade de correspondência estilística e identificação de pormenores decorativos do Retábulo e Altar-mor da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de linguagem Rocaille (Rococó), provindo da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” e exposto, sensivelmente desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, no Museu de Lamas. Através da observância cuidada e contraponto efetuado entre estrutura retabular in situ (na “Sala da Capela de Delães” do Museu), e uma fotografia antecedente a 22 de abril de 1960, veiculativa de alguns instantes de um matrimónio ocorrido no interior da Capela-mor da antiga “Igreja Velha do Divino Salvador de Delães”, na qual vislumbramos o pároco, os nubentes e uma criança na “cabeceira” deste Templo junto ao Retábulo e Altar-mor hoje, e desde 1960, remontado no Museu de Lamas. Não existindo um uma fotografia global do Retábulo em causa, neste documento imagético a perceção de que estamos diante do mesmo Retábulo e Altar-mor da “Sala da Capela de Delães”, mas ativo no seu propósito e monumento de origem, advém, à esquerda, de um pequeno pormenor decorativo único que este documento imagético eterniza. Especificamente de um “mascarão” típico do Rococó, mas bastante singular e restrito na sua forma ao conjunto de Retabulística delaense, passível de o demarcar e identificar com margem de erro praticamente nula. À esquerda, figuras 38 e 39, difusoras da perpetiva geral e do detalhe de um “mascarão” característico do Retábulo e Altar-mor setecentista, ensablado no seu meio expositivo e função museológica atual. À direita, figura 06, Fotografia de autoria não referenciada, proveniente da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Ausente de menção cronológica exata, este instantâneo histórico será sempre enquadrável no século XX, num momento anterior a 22 de abril de 1960, precedente, portanto, ao derrube da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. © José C. Amorim.

pilastras, mísulas, volutas, nichos, sacrários, trono ou camarim<sup>79</sup> (vd. figs. 38 a 55). Grande parte dos mesmos motivos, gramática e pormenores Rococó de que a presença em fotografias prévias à demolição da “Igreja Velha” de Delães - recolhidas e analisadas em primeira mão neste estudo - permitiu a devida identificação desta Retabulística.

Esta tríade de Retábulo-mor e dois Retábulos laterais, circunscreve aqueles que seriam os únicos elementos deste género no espaço religioso precedente. Aliás, este número de Retábulos e Altares está registado documentalmente desde 1758 nas “Memórias Paroquiais de Delães e Vermoim” (vd. fig. 12), como podemos verificar no seguinte parágrafo:

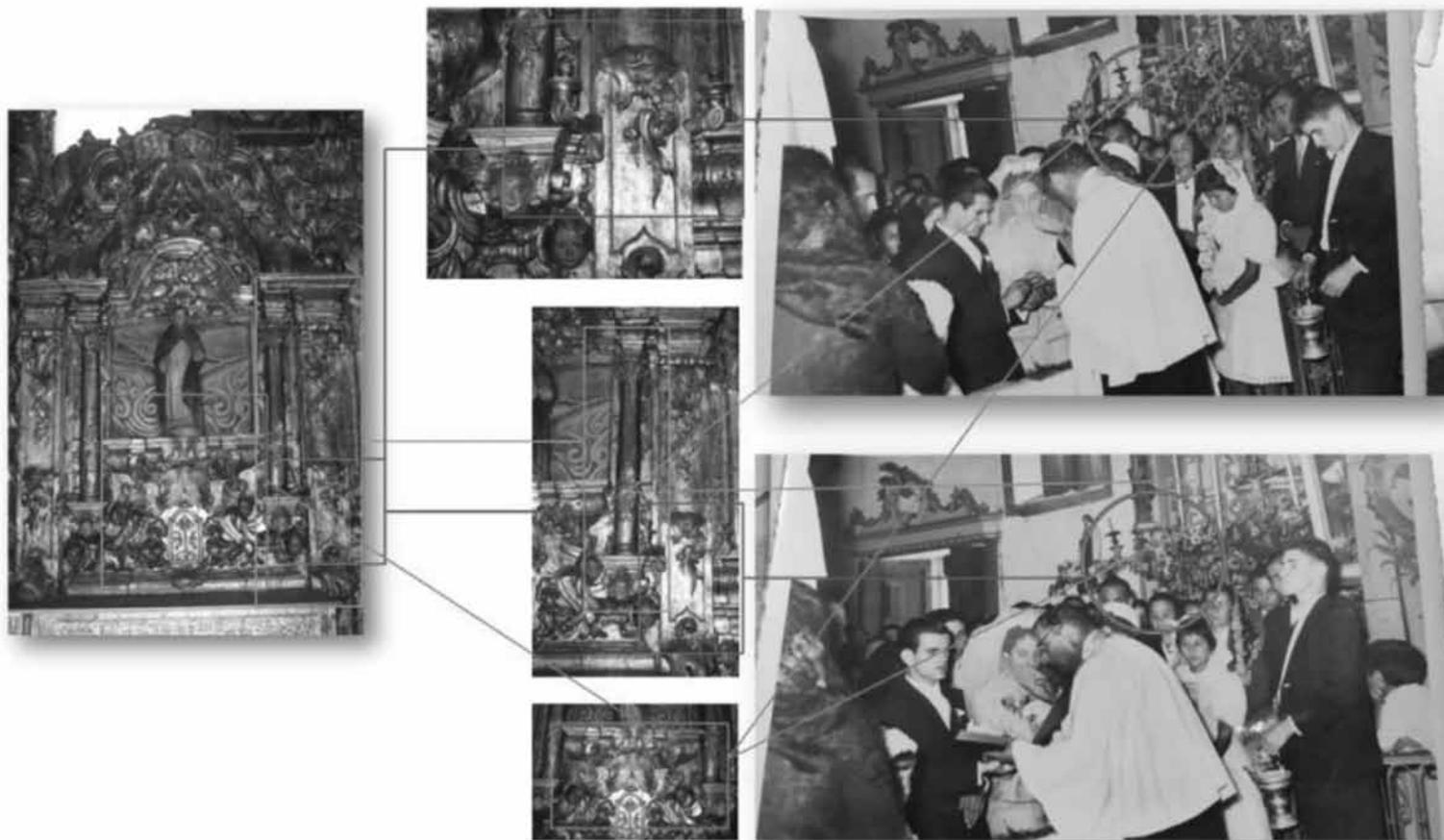
“(…) Tem trez altares, o principal do Salvador, outro de Nossa Senhora da Purificação, o terceiro de São Sebastião (…)”<sup>80</sup>.

Os arrolamentos posteriores, sobretudo o de 1911 que se estende até 1928<sup>81</sup> na sequência da “Lei Republicana de Separação do Estado das Igrejas” não contém evidências acerca de qualquer aumento do número de Retábulos e Altares da nave única da extinta Igreja. Grande parte dos testemunhos de “tradição oral” e/ou “memória popular”

79 “(...) A última fase da talha barroca portuguesa, no sul como no norte, celebra o domínio do rococó. Sempre mais precoce do que a arquitectura, a escultura de madeira entra nesta fase já no reinado de D. João V (...) a firme expressão do rococó do norte (...) As molduras ondulantes do camarim, as assimetrias dos painéis laterais, os fustes enfeitados de espinhosas conchas e rosas em caracol, a espuma dos florões das mísulas, assim como as superfícies das pilastras engradadas, que tantas relações têm com a arte austríaca da época, todas provam que a madeira cede às complicadas fórmulas toréuticas ainda com mais voluptuoso abandono que a pedra (...)” – cf. SMITH, Robert - «A Arte Barroca de Portugal e do Brasil» in Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo. N.º 38, Vol. 7. (s/l): 1949, (s/p). / “(...) Contemporâneo do florescimento do rococó português é um grupo de obras de talha de extraordinário carácter artístico, constituindo uma pequena escola regional, de origem e desenvolvimento enigmáticos. Localizados na região vizinha de Braga e da cidade de Viana do Castelo, com algumas manifestações na Ribeira Lima e, pelo menos, uma, fora do Minho, esses retábulos possuem um estilo frequentemente chamado «talha gorda», em referência à extrema plasticidade do seu modelado. É a expressão mais vigorosa, verdadeiramente monumental, do rococó em Portugal de Setecentos, onde predominam mais os ornatos naturalísticos do «genre pittoresque», criado primeiro em França por Gilles Meissonier, entre 1725 e 1730, e realizado imediatamente depois, na Alemanha Meridional. É, de facto, nesta parte da Alemanha que se deve procurar a originalidade mais típica do rococó no Alto Minho, nomeadamente o emprego constante de composições de conchas, volutas e flores, torcidas e com perfis franzidos, espargidas como algas do mar sobre as molduras convexas das bases e cimbalhas, onde se misturam, gotejantes, com robustas agrafes, palmas e folhas da mais assimétrica formação. São manifestações do célebre Ohmuschelstil alemão, nascido em gravuras de meados do séc. XVII e associado, na sua fase rococó, principalmente com a cidade de Augsburg, no período entre 1740 e 1770 (...) Os motivos dessas estampas repetem-se com frequência na talha gorda do Alto Minho, sobretudo os tipos de pilastras e de colunas, as formas de volutas e os motivos de remate e mesas do altar (...) Em conclusão, podemos resumir assim as características (...) de retábulos rococó do Alto Minho: 1.º - ornatos eminentemente plásticos de Ormuschelstil, tirados de gravuras augsburguanas da época 1740-1770, sobretudo nas majestosas bases, na orla da tribuna e em pilastras; 2.º - perfis de remate tomados da mesma fonte; 3.º - combinações de tribunas com altares e nichos, mediante desenhos de linhas possantes (...) colunas de fuste direito, com uma variedade de ornatos (...)” – cf. SMITH, Robert – Ob. cit. (1963), pp. 142 a 146. / “(...) Como e onde terá surgido o rococó no Alto-Minho? É certo que algumas obras de talha anteriores a 1750, apontavam, ainda que timidamente, um caminho para esta nova estética (...) apresenta uma gramática decorativa onde pontuam já os concheados, volutas e linhas quebradas (...) linguagem do rococó bracarense, os concheados, trabalhados turgidamente, presidem à decoração aplicando-se a todas as superfícies, acentuando as linhas sinuosas da estrutura retabular (...) A linguagem do rococó que vigorará em Braga a partir de 1750 assumir-se-á como modelo para a talha (...) aproximadamente no mesmo período (...) Nas zonas periféricas, os equipamentos retabulares, mantêm-se fiéis aos modelos bracarense, com nuances que decorrem de uma multiplicidade de factores, dentre as quais sublinhamos a maciça adesão a este gosto por parte dos encomendantes: confrarias, unidades conventuais e nobreza local (...) Em suma, no Alto-Minho, a produção expressiva da retabulária da fase final do Barroco (1756-1780), que se manifesta igualmente nas paróquias rurais destes concelhos minhotos, levou alguns autores a identificar a existência de uma escola regional, valioso contributo, que estimulou o estudo mais sistematizado que nos permite, hoje em dia, considerar que o rococó nesta região tem origem em Braga, centro difusor por excelência, para todo o território inscrito no seu arcebispado (...)” – cf. CARDONA, Paula Cristina Machado - «A talha da fase final do Barroco e a escola regional do Alto-Minho. O caso da Ordem Terceira de Ponte de Lima» in VI Seminário Internacional Luso-Brasileiro Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano. Porto: CEPESE /Setembro de 2013, pp. 863, 864, 865 e 867.

80 Cf. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), Delães, Vermoim 1758/1758, Memórias Paroquiais 1722/1832, vol. 13, n.º 11, pp. 61 a 64.

81 “(...) Relação dos Bens arrolados na Igreja Matriz d’ esta freguesia de Delães / Aos 28 dias de Agosto de mil novecentos e onze n’ esta Igreja Parochial (...) de Delães, compareceram o Administrador do Concelho de Vila Nova de Famalicão senhor António da Rocha Carvalho e o senhor Albino José Nogueira membro e presidente da Comissão Parochial d’ esta mesma freguesia, e eu Júlio Velloso (?) dos Santos (...) da Repartição de Finanças d’ este Concelho como representante do respectivo notário de finanças, achando-se presente o reverendo paroco d’ esta freguesia senhor Bento Rodrigues Corrêa Sampaio (?) procedeu-se ao arrolamento de todos os bens mobiliários e imobiliários, pertencentes a esta freguesia e que em virtude da Lei da separação do Estado das Igrejas de 20 d’ Abril do corrente anno passou para a posse do Estado e que são os seguintes: Bens imobiliários N.º 1 / O Edifício da Igreja, torre com adro e sacristia situado no lugar do Loureiro. / N.º 2 O Edifício da Residência, com quintal (...) tapada, situados no mesmo lugar do Loureiro (...) Bens mobiliários existentes na Igreja (...) Trez sobrepeles / Duas estolas de damasco / Duas cruces de peito / Uma umbela / Trez alvas / Cinco pergaminhos (...) Uma caldeira de prata / Dois rituaes de Paulo 5.º (?) (...) Uma cómoda na residência para guardar os paramentos / Uma custódia de prata / Um relógio grande na sacristia / Uma imagem do Senhor da Boa Morte / Uma dita do coração de Maria / Uma dita do coração de Jesus / Mais cinco imagens de S. Bento, Divino Salvador, S. Sebastião, Santo António e Menino Jesus / Trez casulas (?) (...) Trez ditas de damasco vermelho / Trez ditas de damasco verde / Um tombo da Igreja, datado de 1592 / Um paramento (?) / Um dito róxo / Um dito preto / Um dito verde / Dois confessionários / Um turbulo de prata com naveta e colher também de prata / Dois sinos (?) / Duas pedras d’ asa (?) / Duas chaves de acessório (?) sendo uma de prata e outra ordinária / Trez castiças de prata dourada e colher de prata (?) (...) Aos vinte e seis dias do mês de Janeiro de mil novecentos e vinte e oito, na residência parochial d’ esta freguesia de Delães compareceu (...) Francisco Manuel (?) Corrêa d’ Araújo, Presidente da Comissão administrativa da Comarca Municipal e administrador do Concelho de Vila Nova de Famalicão e o senhor Celestino Campos, presidente da Junta, proprietário, da mesma freguesia, e eu Júlio Velloso dos Santos (...) da repartição de finanças d’ este concelho, como representante do respectivo secretário de Finanças, procedeu-se ao arrolamento adicional d’ uns bens mobiliários, pertencentes ao Passal, da referida freguesia, cuja descrição é a seguinte: / N.º 1 / Uma mesa de credencia; duas campainhas; uma chave de armário; trez castiças e as imagens de São José e da Senhora das Candeias (...)” – cf. Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças - Fundo documental da Comissão Jurisdiccional dos Bens Culturais, Arrolamento dos bens culturais da freguesia de Delães, distrito de Braga, concelho de Vila Nova de Famalicão, constando de: Igreja Matriz de Delães; Capela de São Miguel, 1911-08-28 a 1928-01-26, Liv. 18, fl. 78-82, PT/ACM/F.CJBC/BRA/VNF/ARROL/014.



Figs. 41, 42, 43, 44, 45 & 46 Perceção de correspondência estilística e identificação de pormenores, ornato e gramática decorativa de um dos dois Retábulos laterais da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de linguagem Rocaille (Rococó), provindo da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” e exposto, sensivelmente desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, no Museu de Lamas. Através da análise cuidada e contraponto efetuado entre estrutura retabular in situ (na “Sala da Capela de Delães” do Museu), e duas fotografias antecessoras a 22 de abril de 1960, difusoras de fonte histórica alusiva à ocorrência de um matrimónio – o mesmo captado na fig. 40 – no espaço interior da nave única da antiga “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, nas quais vislumbramos o pároco, os nubentes e diversos familiares neste Templo junto a um dos seus dois Retábulos e Altares laterais hoje, e desde 1960, incorporado no Museu de Lamas. Escasseando registos globais do Retábulo em causa, nestes documentos imagéticos a perceção de que poderemos estar diante do mesmo Retábulo ensablado na “Sala da Capela de Delães”, mas em pleno cumprimento da sua função pristina no seu monumento de origem, advém da sinalização de minudências estruturais e estilísticas únicas. Tais como, o formato e posicionamento de nichos, o trono eucarístico, as colunas / pilastras e a tipologia de castiçal embutido. Elementos nos quais impera um profuso vocabulário decorativo de motivos contracurvados, concheados, fitomórficos e flamejantes típicos do Rococó ao “gosto minhoto”, bastante singulares e presentes nos três Retábulos delaenses. À esquerda, figuras 41 a 44, correspondentes à perpétua geral e diferentes signos decorativos e identitários do antigo Retábulo lateral setecentista, no seu contexto expositivo e função museológica atual. À direita, figuras 45 e 46, Fotografias de autoria não referenciada, provenientes da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Ausentes de referências cronológicas exatas, estas fontes imagéticas serão sempre enquadráveis no século XX, num momento anterior a 22 de abril de 1960, prévio, portanto, ao desmembramento da dita “Igreja Velha” em benefício da conseqüente “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. © José C. Amorim.

dos delaenses que vivenciaram o culto *in situ* na “Igreja Velha” do *Divino Salvador*, confirmam essa numeração de apenas três Retábulos munidos de Altar até ao momento da demolição desta arquitetura. E, do ponto de vista documental, tanto o manuscrito do historiador famalicense *Vasco de Carvalho* (1888-1961)<sup>82</sup>, de dez de fevereiro de 1955 descritivo, cinco anos antes do seu derrube, do espaço e património interior e exterior da “Igreja Velha” (vd. figs. 66 e 67) - como o próprio anúncio de disponibilidade de venda da Retabulística publicado a 22 de abril de 1960 (vd. fig. 68), ratificam inequivocamente essa mesma quantia: “(...) *Tem o altar mor, e no arco do cruzeiro do lado do Evangelho, o altar da S.ra das Candeias, e do lado da Epístola o do Coração de Jesus* (...)”<sup>83</sup>

“(...) *Vendem-se três altares, talha e estilo D. João V*<sup>84</sup>, muito lindos e em bom estado. Informa o Pároco de Delães (...)”<sup>85</sup>

Se as três estruturas de Retabulística em Talha dourada aferidas desde 1758 nas “*Memórias Paroquiais*” seriam as mesmas que chegaram séculos depois, a partir de abril de 1960, ao *Museu de Lamas*, não possuímos, até agora, fundamentos suficientes para o afirmar peremptoriamente. Mas é legítima a suposição executada, sobretudo pelo hiato cronológico que o seu programa plástico *Rococó* sugere, o terceiro quartel do século XVIII no qual figura o ano de 1758. Contudo, até obtermos evidências que plasmem irrefutavelmente o(s) ano(s) de produção e acabamento destes elementos, sobretudo o seu “desenho do risco”<sup>86</sup> ou contratos de execução caso subsistam, é plausível equacionar que este conjunto retabular chegado a *Santa Maria de Lamas* poderia advir, não só, da construção inicial da “Igreja Velha” de *Delães*, de 1745 / 1746, ou de uma data próxima; de um qualquer melhoramento decorrente até 1758. Ou, por fim, de certa cronologia e intervenção posterior às “*Memórias Paroquiais*” de 1758, balizada desde aí até cerca

---

82 “(...) *Vasco de Carvalho organiza um álbum “Fotografias de igrejas... concelho de V.N. Famalicão [Álbum]”. Iniciou as visitas às freguesias em janeiro e fevereiro recensando e fotografando os edifícios, monumentos e arte religiosa (imagens, quadros, paramentos, confrarias, casas anexas, cemitérios, alminhas, etc.)* (...)” – cf. <http://www.bibliotecacamilocastelobranco.org/?co=120&tp=4&cop=122&LG=0&mop=160&it=page> – 28/05/2020, 16 h 26 m.

83 Cf. CARVALHO, Vasco - [Listagem de freguesias de V.N. Famalicão com anotações de V.C.] [Manuscrito] / Vasco de Carvalho. – 1955. – [102] f. pautadas ; 27 x 21 cm. Folhas soltas sem encadernação. - A listagem indica se a freguesia foi visitada e se já se encontra pronto o recenseamento. BMCCB/FL VC 101.

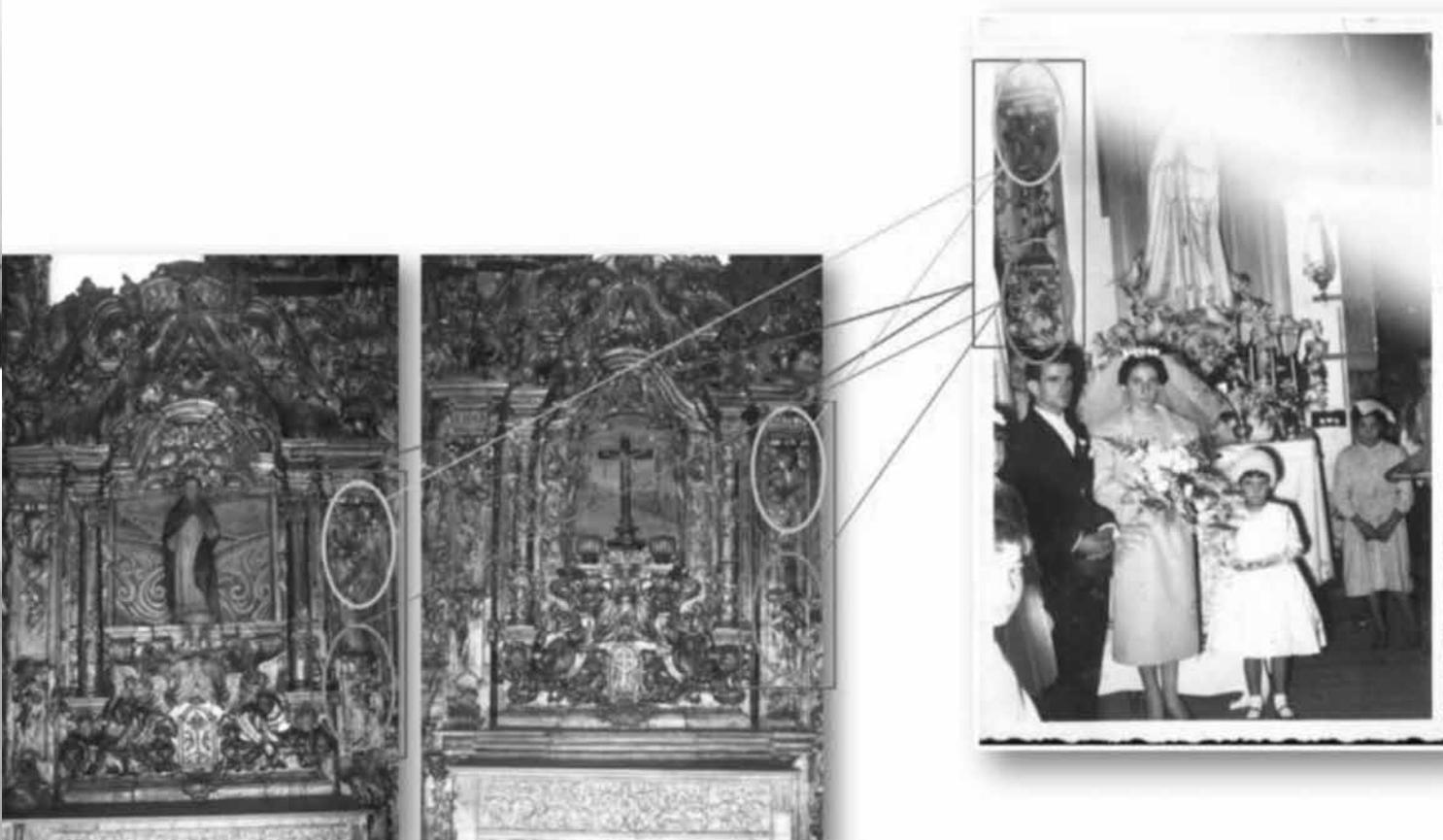
84 Terminologia Identificativa do *Rococó* nalguma documentação portuguesa, não só de século XVIII mas extensível ao século XX - “(...) *As obras que D. José de Bragança promoveu no Paço, na ala voltada para o Campo de Touros “n’uma architectura esbelta, estylo rocaille (D. João V)” traduzem a influência que gravura francesa e alemã exerciam já sobre a clientela mais erudita. São tempos de novas gramáticas decorativas* (...)” – cf. ROCHA, Manel Joaquim Moreira da – *Ob. cit.* (2010-2012), p. 340.

85 Cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Ano VI (XXV). Vila Nova de Famalicão: Sexta feira, 22 de abril de 1960, p. 3.

86 Projeto inicial do Retábulo ou de qualquer conjunto de Retabulística de Talha dourada – cf. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – *Ob. cit.* (1989), p. 61.



Figs. 47, 48, 49, 50, 51 & 52 Estabelecimento de correspondência estilística e identificação de pormenores decorativos de um dos dois Retábulos laterais da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, de gramática Rocaille (Rococó), oriundo da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” e exposto, sensivelmente desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, no Museu de Lamas. Através da análise cuidada e contraponto declarado entre estrutura retabular in situ (na “Sala da Capela de Delães” do Museu), e duas fotografias precedentes a 22 de abril de 1960, alusivas à ocorrência de um matrimónio – o mesmo captado na fig. 40 – no interior da antiga “Igreja Velha do Divino Salvador de Delães”, nas quais vislumbramos o pároco, os nubentes e diversos familiares na nave única deste Templo junto a um dos seus dois Retábulos e Altares laterais hoje, e desde 1960, incorporado no Museu de Lamas. Não abundando registos globais do Retábulo em causa, nestes documentos imagéticos a percepção de que poderemos estar diante do mesmo Retábulo ensablado na “Sala da Capela de Delães”, mas em pleno culto na sua arquitetura de origem, advém do vislumbre de pormenores estruturais e estilísticos únicos. Tais como, o formato e posicionamento de nichos, o trono eucarístico, as colunas / pilastras e a tipologia de castiçal embutido. Elementos nos quais impera uma profusa gramática decorativa de motivos contracurvados, concheados, fitomórficos e flamejantes típicos do Rococó ao “gosto minhoto”, bastante singulares e presentes nos três Retábulos delaenses. À esquerda, figuras 47 a 50, correspondentes à perpectiva geral, incidências e signos ornamentais e identitários do antigo Retábulo lateral setecentista, no seu contexto expositivo e função museológica atual. À direita, figuras 51 e 52, Fotografias de autoria não referenciada, provenientes da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Desprovidos de referências cronológicas exatas, estes documentos imagéticos serão sempre balizáveis no século XX, num momento anterior a 22 de abril de 1960, antecessor, portanto, ao derrube da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. © José C. Amorim.



Figs. 53, 54 & 55 Perceção de concordância estilística e identificação de aspetos típicos do Rococó presentes no ornamento regular de um dos dois Retábulos laterais da segunda metade do século XVIII, sobretudo do terceiro quartel da centúria, proveniente da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” e exposto, desde 1960, após 22 de abril desse mesmo ano, no Museu de Lamas. Mediante análise atenta e contraponto estabelecido entre estrutura retabular *in situ* (na “Sala da Capela de Delães” do Museu), e uma fotografia prévia a 22 de abril de 1960, eterniza a ocorrência de um matrimónio – o mesmo captado na fig. 40 - no interior da antiga “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, na qual vislumbramos os nubentes, algumas crianças e demais familiares na nave única deste Templo junto a um dos seus dois Retábulos e Altares laterais hoje, e desde 1960, incorporado no Museu de Lamas. Não prevalecendo registos globais do Retábulo em causa, neste documento imagético o discernimento de que poderemos estar diante de um dos Retábulos laterais delaenses ensamblado na “Sala da Capela de Delães”, mas ativo no seu edificado de origem, resulta do visionamento de pormenores estruturais e estilísticos únicos. Tais como, o formato e posicionamento de um nicho e a tipologia de uma pilastra. Elementos nos quais impera um profuso vocabulário decorativo de motivos contracurvados, concheados, fitomórficos e flamejantes típicos do Rococó ao “gosto minhoto”, sobejamente singulares nos três Retábulos delaenses. À esquerda, figuras 53 e 54, difusoras da perpetua geral de cada um dos dois antigos Retábulos laterais setecentistas, no seu contexto expositivo e função museológica atual. À direita, figura 55, Fotografia de autoria não referenciada, proveniente da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente estes elementos para a investigação em curso. Carecedora de divisa cronográfica concreta, este documento e fonte imagética será sempre enquadrável no século XX, num momento anterior a 22 de abril de 1960, antecessor, portanto, à demolição da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. © José C. Amorim.

de 1775, o término do terceiro quartel do século<sup>87</sup>. Período de maior vigência desta gramática Rococó no território minhoto, sem descurar a hipótese de prolongamento deste marco cronológico até ao próprio final de setecentos, dada a permanência da mesma até ao limiar do Neoclassicismo oitocentista<sup>88</sup>.

Aliás *Robert Smith* (1912-1975), importante pioneiro no estudo da Talha dourada portuguesa, profundo conhecedor do Barroco e do Rococó bracarense e, por conseguinte minhoto<sup>89</sup>, ao fotografar entre 1962 a 1964 e em contexto de visita(s) ao *Museu de Lamas*, dois pormenores (vd. figs. 56 e 57) de estilo Rococó capazes de demarcar o antigo Retábulo-mor delaense (e que se repetem, numa escala inferior, nos dois retábulos laterais), propôs, apenas pela observação das formas e sem possuir suporte documental, um intervalo cronológico de aproximadamente quinze anos para datar estes elementos, de cerca de 1760 a 1775<sup>90</sup>. Até ao final do terceiro quartel de setecentos portanto. Porém, esta estimativa não invalidaria, de todo, a hipótese da Retabulística em causa anteceder nalguns anos a divisa inicial de 1760 que *Robert Smith* sugere. Podendo a sua produção reportar a 1758 ou a algum ano precedente, pela tal referenciação escrita de três Retábulos nas “*Memórias Paroquiais de Delães e Vermoim*”.

---

87 “(...) As cidades do Porto e Braga serão os grandes centros produtores de talha na época que temos vindo a analisar. Com efeito, assistimos a uma marca profunda por parte das oficinas portuenses numa área geográfica que se estende muito para sul do rio Douro, influenciando significativamente zonas muito para além do seu termo. Braga, por seu lado e, como veremos, fará com que a sua linguagem rococó se propague pelas terras do Arcebispado, do Minho a Trás-os-Montes, levando os seus artistas (...) Ao darmos início ao nosso estudo global dos modelos retabulares produzidos pela escola do Porto, desde meados do século XVII ao último terço do século XVIII, devemos em primeiro lugar mencionar que adoptámos, por uma questão metodológica, a divisão criada por Robert C. Smith para a talha portuguesa, com as devidas distâncias quando se analisa o caso nortenho; por este motivo, iremos considerar a existência de retábulos maneiristas e de transição até ao último terço do século XVII. A partir da década de 80 de Seiscentos, até aos anos 20 do século XVIII, temos o primeiro período barroco apelidado de nacional, instalando-se, após a construção do retábulo-mor da Sé do Porto, entre 1727 e 1729, o chamado barroco joanino de inspiração do barroco romano que, na escola do Porto, se prolonga até ao final da década de 50. Por fim, aproximadamente de 1750 até ao início da década de 70 de Setecentos, assistir-se-á à afirmação do rococó. Também é necessário apontarmos um dado do maior interesse: a substituição de retábulos anteriores, tidos como ultrapassados sob o ponto de vista estético, por outros mais próximos de um gosto moderno; por este motivo, muitos retábulos maneiristas ou de transição, serão substituídos por outros nacionais e estes, por sua vez, por outros joaninos ou mesmo rococós (...)” – cf. FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – Ob. cit. (2003), pp. 740 e 741.

88 “(...) A fase final da talha setecentista coincidiu com o florescimento do estilo rococó. Durante o meio século decorrido entre 1750 e 1800, os entalhadores portugueses, como todos os artistas nacionais, sentiram o encanto prolongado dessa nova versão afrancesada do barroco, do estilo suave e requintado que deu a toda sorte de arte religiosa um sabor palaciano. Daí resultou mais uma transformação no desenho de retábulos e outras obras de talha, a última ocorrida antes do aniquilamento final do neo-classicismo do século XIX (...)” – cf. SMITH, Robert – Ob. cit. (1963), p. 129.

89 Vd. SMITH, Robert - *The art of Portugal 1500-1800*. London: Weidenfeld and Nicolson, 1968. ; SMITH, Robert - «Caixilhos de talha barroca» in *Colóquio*. N.º 52. Lisboa: 1969, pp. 3-8. ; SMITH, Robert – André Soares: *arquitecto do Minho*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973. ; SMITH, Robert - «André Soares, the rebirth of an architect» in *The Journal of the American Portuguese Cultural Society*. N.º 3. New York: 1973, pp. 6-22. ; SMITH, Robert - «Baroque and rococo Braga: documenting eighteenth century architecture in northern Portugal» in *Proceedings of American Philosophical Society*. N.º 115 (3). Philadelphia: 1971, pp. 214-220. ; SMITH, Robert - *Frei Cipriano da Cruz escultor de Tibães*. Porto: Civilização, 1968. ; SMITH, Robert - *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*. Vols. 1 e 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972. ; SMITH, Robert - *Marceliano de Araújo escultor bracarense*. Porto: Nelita ed., 1970. ; SMITH, Robert - «Matias de Lis de Miranda em Braga e na Póvoa de Varzim» in *Póvoa de Varzim*. N.º 10 (1). Póvoa de Varzim: 1971, pp. 5-28. ; SMITH, Robert - «As sacras de Singeverga. Elementos para o estudo da ourivesaria bracarense de estilo rococó» in *Colóquio*. N.º 55. Lisboa: 1969, pp. 21-28. ; SMITH, Robert - «A sacristia do Tesouro da Sé Primacial» in *Bracara Augusta*. N.º 24. Braga: 1972, pp. 3-27. ; SMITH, Robert - «Três artistas de Braga (1735-1775)» in *Bracara Augusta*. N.º 17 (76). Braga: 1974, pp. 495-513. ; SMITH, Robert - *Três estudos bracarenses*. Braga: Livraria Cruz, 1972. ; SMITH, Robert C. – «Frà Giuseppe di Sant’Antonio, mobiliere beneditino del settecento in Portogallo» in *Antichità Viva*. N.º 4 (5-6). Florença: 1965.

90 *Robert Smith* (1912-1975), à época Professor de História da Arte na *Universidade de Pensilvânia* (Estados Unidos da América), é um dos reputados autores, pioneiro nalguns segmentos, do estudo aprofundado da Talha dourada em Portugal - com obra referenciada sobretudo nos anos (19)40, (19)50, (19)60 e (19)70. Tendo em conta o descritivo patente na *Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian*, conservam-se no seu acervo duas fotografias originais deste autor (vd. figs. 56 e 57), comprovativas de uma visita, datável entre 1962 e 1964, ao *Museu de Santa Maria de Lamas*. Decerto incorporado no espaço museológico lamacense após vinte e dois de abril de 1960, o Retábulo e Altar-mor proveniente da antiga e demolida “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*”, nomeadamente alguns dos “ *mascarões* ” característicos da sua gramática estilística *Rocaille* (Rococó), preconizam o destaque fotográfico da passagem de *Robert Smith* por *Santa Maria de Lamas*. Deste modo, tais documentos imagéticos enquadráveis entre 1962 e 1964 afiguram-se como os mais antigos comprovativos, preservados nos dias de hoje, da presença, desde 1960, da Talha dourada delaense na “*Sala da Capela de Delães*” do *Museu de Lamas*. Como descritivo de catalogação, o Arquivo digital da *Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian* identifica estes elementos da seguinte forma: “*Museu de Santa Maria de Lamas, Santa Maria da Feira, Portugal / Retábulo de Famalicão: pomenor, ca. 1760-75, século 18. / Fotógrafo: Robert Chester Smith (1912-1975). / Data de produção da fotografia original: 1962-1964. / [CFT008.0071.ic] & [CFT008.0072.ic]*”.

Sobre o procedimento de extração dos três Retábulos delaenses e posterior venda a *Henrique Amorim* – vulto cuja propensão para investimentos, adição colecionista e afeto pela Arte Sacra seria amplamente conhecido na região e no país<sup>91</sup> (vd. figs. 7 e 8) - pouco se sabe. Exceção feita ao já citado anúncio jornalístico de disponibilização para venda desta Talha dourada que *Francisco Alves Pimenta* fez publicar a 22 de abril de 1960<sup>92</sup>.

Em grande medida pelo descuido que o próprio Fundador do Museu sempre demonstrou pelo arquivo, registo ou documentação dos seus atos. Prevalece apenas o pensamento genérico de que esta operação comercial, consumada através de aquisição direta e não por procedimento de leilão tendo em conta a “peça” jornalística do anúncio de venda, teve como propósito exclusivo assegurar mais uma fonte de rendimento a acrescentar à comparticipação estatal e diocesana, aos



91 “(...) Museu de Santa Maria de Lamas, rico de santuária e obra de talha, reflecte o particular das actividades culturais do comendador Henrique Amorim (...) Imagens, púlpitos, coros, entalhamento, etc., das mais variadas épocas e das mais variadas escolas, espalham-se em combinações curiosas por todo o Museu (...) Onde quer que haja (...) o vestígio dum resto do passado susceptível de dano, ele não perde ocasião de juntar tudo às suas vastas antiqualhas postas naquele museu todo feito do seu capital e do seu esforço, a fim de salvar, quantas vezes, mais uma raridade artística que sem a sua intervenção se perderia inexoravelmente (...)” – cf. *História da Indústria em Portugal*, 1961, (s/p). / “(...) COLECCÃO DO COMENDADOR HENRIQUE AMORIM (...) Ocupa edifício independente, a sul do parque, facilitando-se a visita ao público (...) Esta recolha de esculturas - numa época em que certa gente expulsa as imagens tradicionais das igrejas ou se compraz numa seca nudez dos templos, as últimas capelas das antigas famílias se fecham e o seu recheio é espalhado pelo bric-à-brac, os oratórioinhos das casas grandes e os do povo são esquecidos pelas novas gerações - é um acto benemérito. Agrada a todos que amam as tradições e se encantam com os elementos que formaram por tantos séculos o ambiente da vida portuguesa. Reúnem-se-lhe as mais variadas curiosidades e em número extraordinário, pois que cada um colecciona o que lhe agrada ao espírito (...)” – cf. GONÇALVES, A. Nogueira - «Coleção do Comendador Henrique Amorim» in *Inventário artístico de Portugal*. Vol. 10. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1959–1981, pp. 85 e 86.

92 Cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Ano VI (XXV). Vila Nova de Famalicão: Sexta feira, 22 de abril de 1960, p. 3.

Figs. 56 & 57 Registos imagéticos enquadráveis entre 1962 e 1964, difusores de pormenores de ornato do Retábulo provindo da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” (em virtude da sua incorporação, sucedida, decerto, a partir de 22 de abril de 1960, na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas). Estes apontamentos fotográficos enaltecem, entre diferentes “concheados” e “rocalhas”, dois “mascarões” típicos desta Retabulística de gramática estilística Rocaille (Rococó). As fotografias em causa, correspondem à passagem do estúdio da Talha portuguesa, Robert Smith (1912-1975), por Santa Maria de Lamas, no desenrolar do seu levantamento da Talha dourada lusitana. Como descritivo de catalogação, o Arquivo digital da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian identifica estes ficheiros da seguinte forma: “Museu de Santa Maria de Lamas, Santa Maria da Feira, Portugal / Retábulo de Famalicão: pormenor, ca. 1760-75, século 18. / Fotógrafo: Robert Chester Smith (1912-1975). / Data de produção da fotografia original: 1962-1964. / [CFT008.0071.ic] & [CFT008.0072.ic]”. © Ext. <https://www.flickr.com/photos/biblarte/9618940833/in/photostream/> - 14/05/2020, 23 h 03 m.

leilões, desfiles, cortejos, contributos, atividades, dádivas e peditórios preconizados pelos habitantes dos diferentes lugares da Vila de *Delães*<sup>93</sup>. E ao financiamento significativo do benemérito *Augusto Correia de Abreu* para suporte e término da construção da “Igreja Nova”. Subsistirá alguma especulação até ao devido alcance de documentos diversos ou fontes fidedignas, caso existam, que consigam esclarecer os moldes através dos quais esta Talha foi realmente colocada à venda. Ou seja, apesar de identificarmos o anúncio de venda difundido a vinte e dois de abril de 1960, carece aferir de que jeito *Henrique Amorim* chegou ao seu conhecimento, manifestou interesse, deferiu propostas e consumou a operação.

Perdura a dúvida se esta empatia e interesse derivou, porventura, do cruzamento de informações, recomendação por parte de algum antiquário / comerciante de arte de sua confiança. Ou inclusive, se o apreço pelo património delaense oriundo da demolição em curso e vislumbre do escrito de venda da Retabulística teve na amizade, conhecimento mútuo, relações privilegiadas e/ou contacto com alguma personalidade local de relevo afincadamente envolvida no processo de angariação monetária de suporte à construção da “Igreja Nova”, os seus fundamentos. À cabeça, a principal figura passível de associar a esta tese seria *Augusto Correia de Abreu*, um industrial e filantropo coevo, de áreas distintas mas sucesso similar ao seu e, tal como o próprio *Henrique Amorim*, bem posicionado e com contactos vantajosos, fáceis de cruzar e estabelecer, decerto, na sociedade e estruturas do *Estado Novo* português.

---

93 Cf. As edições de 22/01; 23/09 (p. 2); 30/09 (p. 7); 7/10 (p. 2); 14/10 (p. 2); 21/10 (p. 2); 28/10 (p. 2); 11/11 (p. 2); 18/11 (p.2) e 25/11 (p. 2), do ano de 1960 do periódico “*Notícias de Famalicão*”. Similamente as diferentes metodologias de captação de fundos incrementadas pela Paróquia e população delaense em benefício do levantamento e conclusão da “Igreja Nova” do *Divino Salvador*, vejamos em pormenor e citando o seu teor, múltiplos descritivos de época, veiculados na imprensa regional - cf. *Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Ano V (XXIV). Vila Nova de Famalicão: Sexta-feira, 22 de janeiro de 1960, (s/p): “(...) DELÃES / Na última crónica que publicamos sobre Delães, fazíamos um apelo à generosidade e espírito de sacrifício do bom povo da freguesia no sentido a que concorresse para a efectivação da Nova Igreja. Quando o fazíamos não era sem motivo (...) Para avaliarmos até onde chega a grandeza de alma (...) daremos um resumo da receita e despesa da mesma durante o ano de 1959 (...)” / Cf. “*Jornal de Famalicão, 1963*” – Recorte de periódico ausente de referenciação de série, volume, número ou datação exata: “(...) A nova Igreja era o sonho lindo dos paroquianos de Delães (...) Um dia, o seu actual Pároco, Rev. Padre Francisco Pimenta reuniu os restantes membros da Comissão fabriqueira, e a semente foi lançada (...) Elabora-se o projecto, fazem-se estimativas. Serão necessários cerca de mil e quatrocentos contos. Mas a Comissão meteu mãos à obra (...) todos os paroquianos serão generosos (...) confia na divina providência (...) Aparece a primeira oferta de vulto (...) 100 contos do Sr. Augusto Correia, generoso benfeitor. A esta outras ofertas se seguem de mais benfeitores (...) o povo anónimo (...) vai-se cotizando também. Vem, depois, a comparticipação do Estado com vinte por cento (...) Sr. Augusto Correia vai aumentando (...) Hoje, a oferta deste grande benemérito, para a nova Igreja, se eleva a 500 contos (...)” / Cf. “*Jornal de Riba d’ Ave* de 31 de agosto de 1963” – Artigo de periódico carecedor de referenciação de série, volume ou número: “(...) Constituía (...) há uma dúzia de anos o verdadeiro problema para a freguesia o facto do seu templo, além de antiquado, pois a sua construção tinha mais de duzentos anos, ser demasiado pequeno para as cerimónias de culto atendendo ao aumento (...) crescente da sua população, resultante do seu manifesto progresso. Não foi, porém, em vão que o pároco Padre Francisco Alves Pimenta, aliado aos restantes membros que então constituíam a Comissão fabriqueira Srs. Francisco da Silva Araújo e João Dias Sampaio que há cerca de quatro anos lançaram a ideia da construção do novo templo. A obra iniciou-se em Janeiro de 1960 e foi a actual e bem dinâmica Comissão fabriqueira constituída pelo Pároco e Srs. José Ribeiro e António Ribeiro de Carvalho lhe deram o impulso derradeiro, graças às valiosas ofertas que se verificaram, de entre as quais justo é destacar a do Sr. Augusto Correia, de 500 contos, à contribuição de toda a população com a organização de cortejos, sorteios, etc. (...)” / Também no *Museu de Lamas*, aquando do desenvolvimento de diversos procedimentos de Conservação e Restauro aplicados, entre junho de 2019 e os primeiros meses de 2020, numa escultura de Imaginária religiosa de século XVIII órfã de dados de proveniência e representativa da iconografia de “*Nossa Senhora da Lapa*”, foi extraído um fragmento de jornal inadvertidamente colocado no seu interior – após incorporação no Museu ou antes desse processo - para suprir, através de preenchimento, uma área de mutilação da base desta obra. Curiosamente, desprovido de referência de título, número ou série, mas com alguns pormenores textuais passíveis de o enquadrar cronologicamente no dia 24 de dezembro de 1960, este extrato de jornal / periódico decerto famalicense (próximo do território delaense) – e cujo grafismo, publicidade e ícone de assinatura do artigo, sem irrefutabilidade, indicia proximidade ao periódico “*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*” - propaga um artigo, com diversas fendas que impedem a perceção total do seu texto e em formato de “Relatório de contas” (prática corrente nos conteúdos do semanário sugerido ao abordar, a partir da sua edição de trinta de setembro de 1960, a dinâmica e balanços contabilísticos de cada uma das realizações do “Movimento de Solidariedade a favor da Igreja Paroquial de Delães” (*Notícias de Famalicão* (30/09/1960), p. 7.)), refere alguns dos apuros de uma das diferentes iniciativas, talvez cortejos ou leilões, nos quais a população da Vila e Paróquia de *Delães* se aplicou afincadamente para angariar fundos em virtude da construção da “Igreja Nova” do *Divino Salvador*: “(...) Quanto renderam os vários (...) realizados em Delães (...) das obras paroquiais (...) o apuramento final foi (...) A contribuição por lugares foi (...) Portela, 13.000 \$ 00; Pica e Avenida (...) Delães de Baixo (...) Loureiro 1900 \$ 00 (...) Perrelos, Montenegro (...) Penedo e Combros (...) Salgueirinhos (...) 30.000 \$ 00 (...) Simpático gesto da (...) organizadora do cortejo (...) da Portela ao oferecer (...) de ouro aos lugares (...) Cerqueda (...) por terem sido estes que (...) maior número (...) foi também (...) da Comissão organizadora (...) ao não olvidar (...) da saudosa Sr.<sup>a</sup> D. Amélia da Silva Pinheiro Pimenta, esposa do Sr. Manuel Alves Pimenta, que tão generosamente concorreu para a vitória do seu cortejo. A romagem ao cemitério e a missa de sufrágio foram assim gestos dignificantes ao mesmo tempo que de gratidão (...)”

Curiosamente, na sua coleção de Estatuária contemporânea exposta e arquivada no *Museu de Lamas*, o Colecionador preserva um Modelo / Esboço / Estudo preparatório / Molde de gesso para um busto de bronze no seu formato final, datado de 1963 e modelado sob autoria ou por orientação do escultor gaiense *José Fernandes de Sousa Caldas* (1894-1965) - como a assinatura visível no seu reverso sugere -, representativo do próprio *Augusto Correia* (vd. figs. 58, 59 e 60). O segundo registo de estatuária de retratística descerrado em sua homenagem - tal como acontecera previamente a quinze de maio de 1960 - agora na sequência da inauguração da nova e acabada Matriz delaense, a oito de setembro de 1963<sup>94</sup>. Todavia, apesar de peculiar, este facto ausente de outros segmentos comprovativos, testemunhos ou certidões acessórias não pode ser tido como “verdade absoluta”. Abarca somente o cariz de hipótese, tão válida como outra qualquer.



94 Sobre o Busto final representativo de *Augusto Correia de Abreu* - cujo Modelo / Esboço / Estudo preparatório / Molde de gesso prevalece no *Museu de Lamas* - da autoria, ou sob orientação, de *José Fernandes de Sousa Caldas* e inaugurado, em homenagem ao benfeitor retratado, no dia oito de setembro de 1963, a plataforma “*Famalicão ID*” difunde os seguintes conteúdos: “(...) Designação: “*Ao Comendador Augusto Correia*” / Descrição: *Obra da autoria de José Sousa Caldas, promovida pela Junta de Freguesia de Delães e inaugurada a 8 de Setembro de 1963. Em agradecimento pelo apoio prestado à freguesia, erigiu-lhe o povo de Delães, este monumento (...) Autorias: Concepção|Artística|Escultura; CALDAS, José Sousa; Assinado / Cronologia: 1963-09-08; 1963-09-08; Contemporânea; Século XX; Imóvel. [Acontecimento|Inauguração]; A inauguração aconteceu por volta das 17h00, com o descerramento do busto realizado pela neta do homenageado. / Épocas: Contemporânea / Funções: Honorífica; Homenageia o Comendador Augusto Correia de Abreu (1890-1966); / Decorativa / Ornamental / Estética / Inscrições: S. Caldas / 1963; Sousa Caldas 1963; José Sousa Caldas; 1963; / Gravação|Baixo-Relievo; AO / COMENDADOR / AUGUSTO CORREIA / A FREGUESIA / AGRACECIDA / 8-9-1963; Português; 1963 / Localizações: Atual \ Portugal \ Braga|Vila Nova de Famalicão|Delães; 41.386100; - 8.41732 / Materiais: Transformado|Metal|Liga|Bronze; Busto.; Inorgânico|Lítico|Granito; Plinto.; Granito porfiróide, liso, em forma de pirâmide truncada invertida e todo o conjunto está, por sua vez, apoiado numa pirâmide também truncada, mas com o vértice para cima. / Tipologias: Arte Pública|Figuras / Unidade cultural: Gabinete do Património Cultural / Nº imóvel: GPC.1301C03 (...)” - cf. <http://famalicaooid.org/inweb/ficha.aspx?ns=215000&id=400> - 19/05/2020, 10 h 52 m.*

Figs. 58, 59 & 60 Em cima: Modelo / Esboço / Estudo preparatório / Molde de gesso para um Busto representativo do filantropo delaense e famalicense *Augusto Correia de Abreu* (1890-1966). Modelado no ano de 1963 por autoria / sob orientação do escultor gaiense *José Fernandes de Sousa Caldas* (1894-1965) (tendo por base a assinatura e datação inscritas no reverso - “S. CALDAS / 1963” - vd. fig. 59, ao centro), este Estudo preparatório / Molde de gesso integra a Coleção de Estatuária contemporânea que *Henrique Amorim* (1902-1977) incorporou na “*Sala dos Escultores*” do *Museu de Lamas*. E antecede, através do ensaio de gesso, a produção final, em bronze, do registo de retratística que impera desde 08 de setembro de 1963 - momento no qual foi descerrado juntamente com a placa honorífica “*Ao Comendador Augusto Correia*” - nas imediações da “*Igreja Nova*” do *Divino Salvador de Delães*” (vd. fig. 60, em baixo). A sua produção resultou de iniciativa da *Junta de Freguesia de Delães* e homenageou este vulto pela benemerência que impera em prol da construção da “*Igreja Nova*” e de numerosas valências com as quais dotou a vila delaense. © Figs. 58 e 59 José C. Amorim / Fig. 60 - Ext. <http://famalicaooid.org/inweb/ficha.aspx?ns=215000&id=400> - 04/06/2020, 16 h 09 m.

Acerca do transporte e chegada a St.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> de Lamas<sup>95</sup> do Retábulo-mor e dos dois Retábulos laterais da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, pouco ou nada sabemos até à data. Ainda assim, há aspetos decorrentes da incorporação e ensablagem desta Talha Rococó no Museu passíveis de abordagem. Ou seja, tanto as duas fotografias de parcelas do Retábulo-mor que *Robert Smith* executa entre 1962 e 1964, como os diferentes registos imagéticos anónimos, de século XX (prévios a 22 de abril de 1960), derivados de arquivos pessoais de cidadãos delaenses e que captam, em momentos cerimoniais, parte do Retábulo e Altar-mor e dos dois Retábulos e altares laterais aquando da sua função religiosa e prevalência na “Igreja Velha” de Delães. Não obstante o já sublinhado contributo para a identificação exata desta Retabulística, sua linguagem plástica e origem, apesar da sua escala tonal cinza, preta e branca, quando comparados entre si e com os próprios Retábulos *in loco* no Museu, a interpretação destas fotografias permite discernir uma determinada característica visual da Retabulística que se dissipa. Alterando-se, tal como o seu propósito existencial, em virtude da remontagem na “Sala da Capela de Delães”.



Figs. 61, 62, 63, 64 & 65 Evidência de contraste entre o douramento total que os Retábulos delaenses receberam, decerto, após aquisição de Henrique Amorim (1902-1977) e sequente ensablagem na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas – numa cronologia posterior a 22 de abril de 1960 (vd. figs. 61 e 62, à esquerda). E a dicromia visível entre zonas de tonalidade branca / pérola (ou de velatura clara), e pormenores decorativos munidos de folha de ouro - num reflexo de correntes de gosto e variantes cromáticas de estilo Rocaille (Rococó), ou de intervenções posteriores, sobretudo oitocentistas (de séc. XIX), credoras de plasticismos Neoclássicos - que dinamizavam, porventura até à sua permuta funcional e geográfica de Delães para Santa Maria de Lamas, os Retábulos delaenses durante a sua permanência e ofício de culto no interior da dita “Igreja Velha” (vd. figs. 63, 64 e 65, à direita). À esquerda, figuras 61 e 62, correspondentes à perspetiva geral de cada um dos dois antigos Retábulos laterais setecentistas, no seu contexto expositivo e função museológica atual. À direita, figuras 63, 64 e 65, Fotografias de autoria não referenciada, provenientes da recolha derivada de Acervos familiares que o cidadão delaense, Sr. José Pereira, preconizou junto da comunidade local. Cedendo posteriormente este arquivo para a investigação em curso. Carecedores de referências cronológicas exatas, estes documentos e fontes imagéticas serão sempre delimitáveis no século XX, num momento prévio a 22 de abril de 1960, antecessor, portanto, ao derrube da dita “Igreja Velha” em benefício da posterior “Igreja Nova” da Paróquia de Delães. © José C. Amorim.

95 “(...) Semanalmente chegavam ao centro da freguesia camiões e carros que aí descarregavam, num edifício do benemérito local Henrique Alves de Amorim, os mais diversos e valiosos objectos, entre os quais se salientavam os de arte sacra. Deste modo se desenvolvia, a um ritmo impressionante, o espólio das diversas coleções que o comendador reunia à sua volta com o objectivo de constituir um museu (...)”- cf. CLETO, Joel & FARO, Suzana - «Museu de Santa Maria de Lamas, Feira. Um sonho de cortiça» in *O Comércio do Porto*. Revista Domingo. Porto: janeiro de 2000, pp. 21 e 22.

Deste modo, nos segmentos retabulares suscetíveis de reconhecimento através do fundo imagético aferido, que os recorda em plena “Igreja Velha”, o contraste que se vislumbra entre zonas de tonalidade branca / pérola (ou de velatura clara), e ornamentos decorativos munidos de folha de ouro, dicotomia procedente de diretivas próprias do Rococó original ou de intervenções estéticas posteriores, quiçá Neoclássicas<sup>96</sup>deu lugar, certamente por indicação de *Henrique Amorim*, a um douramento completo. Exceção feita aos “mascarões” *sui generis* que, suportando as colunas de cada um dos três Retábulos, distinguem-se como característica de confluência estética da Talha delaense analisada.

Reflexo do gosto, visão e perfil pessoal bastante invulgar do Colecionador que acolhe a Talha extraída da “Igreja Velha” de *Delães*, o processo de douramento imposto assinala simbolicamente a permuta de

ambiência e propósito que esta Retabulística sofreu abruptamente (vd. figs. 38 a 57 e 61 a 65). Uniformizando-a com os distintos e diversos elementos presentes na sala que a incorpora desde 1960. Em boa verdade, a busca pela composição de uma “*Domus áurea*” (do latim para português “Casa dourada” (Botelho e Ferreira, 2005, p. 15))<sup>97</sup>, orientou *ab initio* a norma estética que, durante a sua vida e atividade colecionista desenvolvida, o próprio *Henrique Amorim* idealizou e almejou disseminar, quase de forma “vívica”, pela maioria das paredes do Museu lamacense que erigiu de raiz e apetrechou, somente

---

96 A prevalência da parelha cromática descrita, para além da hegemonia dourada e de outras experiências plásticas conjugadas em simultâneo com apontamentos do ouro típico da Talha portuguesa, passa a fazer parte do manancial estilístico do Rocaille (Rococó), nortenho e minhoto. Sem descurar a hipótese dessa mesma dicromia advir de intervenção consecutiva à cronologia ou ao estilo original da própria Retabulística, já em vigência do Neoclassicismo, uma corrente de matriz conservadora e também ela afeta, entre outras conjugações, à preponderância do branco face ao dourado, estabelecido em Portugal a partir dos últimos anos do século XVIII, mas de maior difusão oitocentista (séc. XIX) – “(...) Estes motivos decorativos, esculpidos volumosamente, bem ao gosto da escola bracarense, diluem a estrutura arquitectónica do retábulo: entablamento, colunas, moldura do nicho e ático. O programa pictórico, fiel ao receituário rococó (pintura fingindo mármore, verde e rosa, o branco pérola e o douramento dos ornatos) (...)” – cf. CARDONA, Paula Cristina Machado – *Ob. cit.* (2013), p. 865. / “(...) Nos últimos anos do século XVIII apareceu e rapidamente se divulgou um novo tipo de talha religiosa, consoante o gosto neoclássico, vindo da Itália que então penetrava a nação. Rejeitando os elementos barrocos e de estilo rococó, que durante dois séculos se acumularam, reintegrou-se nos velhos moldes do renascimento (...) os portugueses abandonaram «a talha antiga, que até ali se usava com muito mais dispêndio por ser de mais trabalho e de mais fantasia». Nos novos modelos predominava a pureza clássica no uso das ordens, na definição das formas rectangulares, na escolha da decoração (...) Com a pobreza relativa da época desaparece o luxo dos douramentos, que distinguia a talha portuguesa desde o século XVII, a favor da pintura branca «à moderna», com ligeiras aplicações de ouro (...)” – cf. SMITH, Robert – *Ob. cit.* (1963), pp. 146 e 147.

---

97 “(...) O Museu de Santa Maria de Lamas, a Sul do Parque, apresenta-nos uma coleção reunida por Henrique Amorim principalmente na década de 1950, resultado da paixão que este nutria pela arte, daí que o próprio (...) tenha chamado àquela coleção *Domus Áurea Arquivo de Fragmentos de Arte* (...)” – cf. BOTELHO, Maria Leonor & FERREIRA, Susana Gomes – «O Museu de Santa Maria de Lamas: História de um Museu e do seu relançamento» in FREITAS, Ana [et al.] – *Imaginária Feminina na Arte sacra portuguesa. Processos de conservação e restauro. Coleção do Museu de Santa Maria de Lamas.* (s/l): Multitema, 2005, p. 15. / Esta terminologia, aplicada ao Museu de Lamas por parte do seu próprio Fundador, quando, em vida, o identificou primitivamente pelo designio “*Domus áurea. Arquivo de Fragmentos de Arte*”, sintetiza o gosto e o desejo que Henrique Amorim nutria em dotar grande parte da extensão do alçado interior do edifício do seu Museu de uma ambiência predominantemente áurea (dourada). Conseguida, em parte, na estruturação pristina das salas do MSML, pelo “revestimento” da grande maioria das suas paredes com Sanefas, Nichos, Peanhas, Retábulos completos ou Fragmentos retabulares de Talha dourada (dos sécs. XVII a XIX, “cobertos” / parcialmente “cobertos” de folha de ouro e oriundos de proveniências distintas). Acompanhados também por múltiplos acrescentos estruturais, rebocos, portas e algum mobiliário expositivo “pintado a ouro”. Através da aplicação de tintas douradas e preparados que envolveriam a utilização de matérias e “purpúras” douradas. Alegoricamente, segundo esta designação mas com as devidas distâncias históricas e patrimoniais, Henrique Amorim visou eternizar, num certo simbolismo, o seu conhecimento e admiração pelas referências, descritivos historiográficos e evidências arqueológicas ao decoro e magnificência do Palácio *Domus Áurea* (situado em Roma, no “Monte Ópio”). Cujas paredes seriam revestidas a ouro e mármore, extraídos de pedreiras do Egípto e do Médio Oriente. Como promotor, este edificado usufruía da ordem e reconhecida excentricidade de Nero (um Imperador Romano proclamado em 54 d. C., falecido, por iniciativa / ordem própria, em 68 d. C., tradicionalmente descrito na História pela sua hipotética loucura, culto pessoal / egocentrismo exacerbado, opulência, desejo e capacidade de ostentação de poder).

pelo capital próprio, com milhares de objetos de arte e artefactos<sup>98</sup>.

## Conclusão

### (Reflexão intercalar, procedimentos e objetivos futuros)

Este estudo encerra a primeira fase de abordagem à Retabulística delaense de cariz Rococó que o *Museu de Lamas* acolhe desde 1960. Na investigação, tratamento de dados (inéditos até à data no contexto museológico lamacense, espaço cujo acervo chegou órfão de documentos de suporte à contemporaneidade), e conteúdos produzidos prevalece o esclarecimento fundamentado acerca da quantidade de Retábulos de *Delães* que esta coleção abarca, sua gramática setecentista. Bem como, o historial do seu extinto monumento de origem. A investigação científica em curso atingiu o seu patamar inicial, mas carece de continuidade. O procedimento analítico despoletado requer uma pesquisa complementar, atualmente em curso e focada na informação tabeliônica e arquivística passível de alcançar e interpretar, com vista a uma

---

98 “(...) COLEÇÃO DO COMENDADOR HENRIQUE AMORIM. Ocupa edifício independente, a sul do parque, facilitando-se a visita ao público. Compõe-se essencialmente de talhas de madeira dourada e de esculturas igualmente de madeira (...) As talhas de madeira dourada constam não só de retábulos inteiros, alguns de notável categoria, como também de peças soltas, as quais foram dispostas em agrupamentos ornamentais, como a natural aquisição ia aconselhando. Não só os conjuntos originários mas ainda as peças independentes constituem elementos de estudo para a evolução geral das formas e para a variedade de tratamento dos pormenores, fornecendo também modelos acessórios aos entalhadores do presente. As esculturas, de todos os tamanhos e níveis artísticos, incluindo o popular, são dumas sete centenas. Originárias de igrejas, capelas particulares, oratórios domésticos, documentam o trabalho da artificiania provincial, esclarecem a variada capacidade dos antigos artífices, a sua procura em imitar os modelos superiores, revelam personalidades artísticas, ou, em níveis mais baixos, os processos espontâneos de expressão. Esta recolha de esculturas - numa época em que certa gente expulsava as imagens tradicionais das igrejas ou se comprava numa seca nudez dos templos, as últimas capelas das antigas famílias se fecham e o seu recheio é espalhado pelo bric-à-brac, os oratorizinhos das casas grandes e os do povo são esquecidos pelas novas gerações - é um acto benemérito. Agrada a todos que amam as tradições e se encantam com os elementos que formaram por tantos séculos o ambiente da vida portuguesa (...)” - cf. GONÇALVES, A. Nogueira – Ob. cit. (1959–1981), pp. 85 e 86.

segunda etapa descritiva. Capaz de elencar, discernir e abordar com superior profundidade as obras de arte em causa. Nomeadamente a gramática Rococó dos três Retábulos, o respetivo ponto de partida da sua existência, autoria(s), “desenhos de risco”, contratos de execução, orçamento(s), intervenções *à posteriori* (em contexto religioso ou museológico), operação de venda, desmembramento, transporte, remontagem, repintes, estropiamento ou adulterações. Ou pelo menos esgotar todas as possibilidades em virtude deste propósito.

A par da prospeção do número máximo de fontes primárias e secundárias acerca do historial da antiga “*Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães*” e da recolha de material fotográfico prévio ao seu derrube, a pesquisa subsequente necessita de aferir os tais conteúdos específicos sobre propósitos originários, mecenáticos, materiais e autorais dos três Retábulos que este Templo albergou e posteriormente, a partir de 1960, o Fundador do Museu adquiriu. Tanta pesquisa visará enunciar a conservação (ou inexistência da mesma), de escritos prévios, coetâneos e sucessivos à produção da Talha em causa; bem como, arrolamentos, levantamentos ou inventários sucedâneos. E, quiçá, caso prevaleçam, referências à proposta de compra, retirada e transladação dos três Retábulos de *Delães* para *Santa Maria de Lamas*.

Tal procedimento de estudo adicional, exigirá minúcia superlativa em qualquer tipologia de pesquisa. Carecedora de visita a diferentes Arquivos e Bibliotecas, restritos sobretudo à esfera bracarense e famalicense. Em especial, urge escalpelizar, num primeiro estágio, o próprio *Arquivo Paroquial de Delães* (sobre o qual ainda não possuímos total informação até à data). Assim como, talvez com relevância considerável para este projeto, o *Arquivo Distrital de Braga* e o *Arquivo Arquidiocesano de Braga* - Arquidiocese à qual Paróquia e “*Igreja do Divino Salvador de Delães*” pertencem há largos séculos. Nestes arquivos em particular, a



---

# Vendem-se

Três altares, talha e estilo D. João V, muito lindos e em bom estado.

Informa o Pároco de Delães.

---

documentação de século XVIII em diante assumirá o foco primordial, maioritariamente a que se enquadra na segunda metade da centúria de setecentos, com ênfase nos escritos do terceiro quartel do século XVIII.

O hiato cronológico proposto, tal como narrado nos conteúdos deste artigo, justifica-se não só pelo facto do espaço arquitetónico prévio à demolição corresponder ao séc. XVIII – desde 1745 / 1746 - com devidas adaptações verificadas até ao desmembramento faseado de 1960. Mas essencialmente pela gramática decorativa e estrutural da própria Talha dourada comutada de *Delães* para o *Museu de St.<sup>a</sup> M.<sup>a</sup> de Lamas* – sua execução e, por conseguinte, os possíveis documentos descritivos sobre empreitada e contratualização - corresponderem ao mesmo intervalo de século. A uma linguagem estilística denominada de *Rocaille* (em português, *Rococó*).

Sobre o desenrolar do processo que possibilitou a permuta do espaço religioso delaense e posterior destino dos seus bens (alguns deles, mormente ao nível de uma parte significativa da sua imaginária, alfaias litúrgicas, paramentaria, ourivesaria, joalheria, mobiliário e sinos, ao contrário da Talha dourada vigente e de parques pormenores artísticos tais como pinturas de teto, transitaram para diferentes dependências da “Igreja Nova”, inaugurada ao culto em 1963), esta investigação terá de continuar a prestar uma atenção considerável aos acervos e fundos de, ou que contenham, periódicos locais e regionais coevos às variantes deste objeto de estudo. Esta prática permitirá perceber de que forma a imprensa acompanhou e fez eco da demolição da antiga e de matriz inicial setecentista “*Igreja do Divino Salvador de Delães*”, o levantamento da nova arquitetura. E se, por casualidade, para além do anúncio de venda dos três Retábulos publicado a vinte e dois de abril de 1960 no semanário “*Notícias de Famalicão*”, a abordagem ao património móvel existiu.

Partimos do princípio que a informação a discernir e avaliar, caso se confirme o seu arquivo, trará mais valias notórias para a produção de conhecimento acerca do legado da Retabulística de *Delães* remontada na “*Sala da Capela de Delães*” do *Museu de Lamas*. Porém, não podemos deixar de parte a hipótese da pesquisa suplementar se revelar infrutífera – algo que consideramos pouco provável. Nesse caso, teremos de nos remeter somente para todas as abordagens possíveis à informação obtida à data de hoje. Que, por si só, já se revelou suficiente para clarificar e renovar o conhecimento histórico e artístico acerca de um segmento importante da “*Sala da Capela de Delães*”. Permitiu-nos desmistificar a própria cenografia da sala em causa, respetiva cronologia ou dinâmica de incorporações; e, através de índices documentais, registos de “memória popular” e fontes imagéticas em “confronto direto” com formas e pormenores diversos das obras de arte *in loco*, precisar com rigor a quantidade de Retábulos delaenses contidos no seu perímetro. Deprendendo que corresponderiam meramente às três únicas estruturas retabulares que integravam, até uma parcela do mês de abril de 1960, o recheio da dita “Igreja Velha” de *Delães*.

Ou seja, é esta documentação escrita e fotográfica que nos assiste a legitimidade para proclamar, desde já, que o património da “*Sala da Capela de Delães*” não é restrito à proveniência da localidade famalicense. E que, na génese, mescla talha, imaginária e pintura de contextos geográficos distintos entre si, com os três Retábulos procedentes da extinta “*Igreja Velha do Divino Salvador de Delães*”.

## Fontes e Bibliografia

### Fontes:

Arquivo Distrital de Braga, *Título e mandato de capienda possessione da abadia do Salvador de Delães, do termo da vila de Barcelos, a favor de João Batista de Azevedo, natural da cidade de Lisboa e familiar do arcebispo Primaz 1724-01-08, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0074/015036.*

Arquivo Distrital de Braga, *Registo de provisão a favor dos moradores da freguesia do Salvador de Delães, deste arcebispado, para poder demolir a igreja da sua freguesia e edificá-la de novo 1745-01-21, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0119/025147.*

Arquivo Distrital de Braga, *Registo de provisão de licença a favor do Pároco da freguesia do Salvador de Delães, para na forma do Ritual Romano benzer a igreja da sua freguesia 1746-11-30, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0145/031827.*

Arquivo Distrital de Braga, *Provisão a favor de João Batista de Azevedo, Abade da paroquial igreja do Salvador de Delães, para poder benzer o adro da sua igreja 1748-01-22, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0171/038701.*

Arquivo Distrital de Braga, *Provisão para que na igreja do Salvador de Delães se possa erigir a Confraria de Nossa Senhora das Candeias 1748-10-29, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0071/013918.*

Arquivo Distrital de Braga, *Provisão a favor de João Batista de Azevedo, Abade da paroquial igreja do Salvador de Delães, para colocar o Santíssimo na sua igreja, e estabelecer um legado de 24 missas em cada ano pela alma de Violante Rodrigues 1757-07-30, PT/UM-ADB/DIO/MAB/001/0114/024071.*

Arquivo Nacional da Torre do Tombo (A.N.T.T.), *Delães, Vermoim 1758/1758, Memórias Paroquiais 1722/1832, vol. 13, n.º 11, pp. 61 a 64.*

Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças - *Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Arrolamento dos bens culturais da freguesia de Delães, distrito de*

*Braga, concelho de Vila Nova de Famalicão, constando de: Igreja Matriz de Delães; Capela de São Miguel, 1911-08-28 a 1928-01-26, Liv. 18, fl. 78-82, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ARROL/014.*

Arquivo e Biblioteca digital do Ministério das Finanças – *Fundo documental da Comissão Jurisdicional dos Bens Culturais, Entrega de bens à corporação encarregada do culto católico, ao abrigo do Decreto n.º 11887, de 6 de Julho de 1926, na freguesia de Delães, concelho de Vila Nova de Famalicão, distrito de Braga, 1926-07-06, 1927-11-21 a 1928-12-27, Proc. 11887, L. 13, Fl. 379, PT/ACMF/CJBC/BRA/VNF/ADMIN/066.*

*Registo imagético da ocorrência de uma cerimónia matrimonial, com pormenor de um dos “mascarões” do Retábulo-mor Rocaille (Rococó) – incorporado, numa datação sucessiva a 22 de abril de 1960, na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas - aquando da sua permanência e utilidade religiosa prévia na Capela-mor da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Fotografia de autoria não registada, desprovida de referência cronológica exata, mas enquadrável numa data precedente a 22 de abril de 1960, oriunda de acervo particular / familiar de cidadão delaense, cedido para o decurso desta investigação por intermédio do Sr. José Pereira.*

*Registo imagético da ocorrência de uma cerimónia matrimonial, com pormenor de um dos dois Retábulos laterais Rocaille (Rococó) – incorporado, numa datação sucedânea a 22 de abril de 1960 na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas - aquando da sua permanência e utilidade religiosa prévia na nave única da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Fotografia de autoria não registada, desprovida de referência cronológica exata, mas enquadrável numa data precedente a 22 de abril de 1960, proveniente de acervo particular / familiar de cidadão delaense, cedido para o decurso desta investigação por intermédio do Sr. José Pereira.*

*Registo imagético da ocorrência de uma cerimónia matrimonial, com evidência de novo pormenor de um dos dois Retábulos laterais Rocaille (Rococó) – incorporado, numa*

*datação sucessiva a 22 de abril de 1960, na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas - aquando da sua permanência e utilidade religiosa prévia na nave única da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Fotografia de autoria não registada, desprovida de referência cronológica exata, mas enquadrável numa data precedente a 22 de abril de 1960, oriunda de acervo particular / familiar de cidadão delaense, cedido para o decurso desta investigação por intermédio do Sr. José Pereira.*

*Registo imagético da ocorrência de uma cerimónia matrimonial, com evidência de pormenor de outro dos dois Retábulos laterais Rocaille (Rococó) – incorporado, numa datação sucedânea a 22 de abril de 1960, na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas - aquando da sua permanência e utilidade religiosa prévia na nave única da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Fotografia de autoria não registada, desprovida de referência cronológica exata, mas enquadrável numa data precedente a 22 de abril de 1960, oriunda de acervo particular / familiar de cidadão delaense, cedido para o decurso desta investigação por intermédio do Sr. José Pereira.*

*Registo imagético da ocorrência de uma cerimónia matrimonial, contemplando o espaço interior da Sacristia de apoio da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Fotografia de autoria não registada, desprovida de referência cronológica exata, mas enquadrável numa data prévia a 22 de abril de 1960, proveniente de acervo particular / familiar de cidadão delaense, cedido para o decurso desta investigação por intermédio do Sr. José Pereira.*

*Dois registos imagéticos da envolância, Cruzeiro Pétreo e Fachada exterior da antiga e demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”. Fotografias de 1955, arquivadas no fundo imagético e documental da Biblioteca Municipal de Famalicão – Biblioteca Camilo Castelo Branco (difundidas “em rede”, pelo arquivo “Famalicão ID”), antecessoras do derrube e substituição do Templo de matriz original setecentista (de séc. XVIII), realizadas por Vasco de Carvalho (1888-1961), integradas num álbum não editado (de levantamento do Património*

*religioso distribuído, à época, no território concelhio de Vila Nova de Famalicão), e acompanhadas por dois manuscritos de arrolamento e descrição do património móvel e ambiência interior e exterior da dita “Igreja Velha” delaense – cf. CARVALHO, Vasco - [Listagem de freguesias de V.N. Famalicão com anotações de V.C.] [Manuscrito] / Vasco de Carvalho. – 1955. – [102] f. pautadas ; 27 x 21 cm. Folhas soltas sem encadernação. - A listagem indica se a freguesia foi visitada e se já se encontra pronto o recenseamento. BMCCB/FL VC 101.*

*Duas páginas manuscritas datadas de 10 de fevereiro de 1955, nas quais Vasco de Carvalho (1888-1961) procede ao arrolamento e descrição do património móvel e ambiência interior e exterior da antiga e demolida “Igreja Velha do Divino Salvador de Delães”. Manuscritos, arquivados no fundo imagético e documental da Biblioteca Municipal de Famalicão – Biblioteca Camilo Castelo Branco, antecessores do derrube e permuta do Templo de matriz original setecentista (de séc. XVIII) e integrados num álbum não editado (de levantamento do Património religioso vigente, à época, no território concelhio de Vila Nova de Famalicão) – cf. CARVALHO, Vasco - [Listagem de freguesias de V.N. Famalicão com anotações de V.C.] [Manuscrito] / Vasco de Carvalho. – 1955. – [102] f. pautadas ; 27 x 21 cm. Folhas soltas sem encadernação. - A listagem indica se a freguesia foi visitada e se já se encontra pronto o recenseamento. BMCCB/FL VC 101.*

*Documento literário, exposto e arquivado no interior de um Mausoléu situado no Cemitério Paroquial de Delães, coevo a diligências de derrube e escavação da “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” e descritivo do processo de transição, ocorrido a 31 de maio de 1960, da dita “Igreja Velha” para o cemitério local, do féretro incorrupto de “Maria Teresa de Azevedo Carvalho”, cujo teor contém as seguintes referências: “Nesta urna repoisam os restos mortais de: ----- / Maria Teresa de Azevedo Carvalho / Nascida no Casal de Gavim, desta freguesia, no ano de 1798; faleceu a 22 de Fevereiro de 1879, tendo sido trasladada para este cemitério a 31 de Maio de 1960, pela ocasião da demolição da antiga igreja onde foi encontrada na Sep. n.º 1”.*

*Onze registos fotográficos de autoria desconhecida, datáveis de 31 de maio de 1960, expostos e arquivados sob estrutura emoldurada única, suspensa no interior de um Mausoléu situado*

no Cemitério Paroquial de Delães, coevos a diligências de derrube e escavação da “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães” e do processo de permuta, da dita “Igreja Velha” para o cemitério local, do féretro incorrupto de “Maria Teresa de Azevedo Carvalho”.

Dois registos imagéticos contemplativos de pormenores decorativos Rocaille (Rococó), do antigo Retábulo-mor setecentista (de séc. XVIII), da demolida “Igreja Paroquial do Divino Salvador de Delães”, após devida ensablagem na “Sala da Capela de Delães” do Museu de Lamas. Fotografias de ca. 1962 a 1964, realizadas por Robert Chester Smith (1912-1975), conservadas e difundidas no Arquivo digital da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, que as identifica através do seguinte descritivo: “Museu de Santa Maria de Lamas, Santa Maria da Feira, Portugal / Retábulo de Famalicão: pormenor, ca. 1760-75, século 18. / Fotógrafo: Robert Chester Smith (1912-1975). / Data de produção da fotografia original: 1962-1964. / [CFT008.0071.ic] & [CFT008.0072.ic]”.

#### **Bibliografia:**

AMORIM, José Carlos de Castro - «Hominum et Opus: “O Homem e a Obra - Henrique Alves Amorim (1902-1977), Fundador do Museu de Santa Maria de Lamas» in AMORIM, José Carlos & FERREIRA, Susana Gomes - «O Museu de Santa Maria de Lamas popularmente conhecido por Museu da Cortiça - Parte 02». *Villa da Feira. Terra de Santa Maria*. Ano XVII, n.º 49. Santa Maria da Feira: junho de 2018, pp. 131-155.

BAPTISTA, Marta Raquel Pinto - *Arquitectura como instrumento na construção de uma imagem do Estado Novo*. [em linha]. (2008), pp. 1 - 48. [consult. 19 de maio de 2020]. Disponível na internet: <URL: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/7389/1/l%20Cap%C3%ADtulo.pdf>.

*Boletim da DGEMN – Igreja de Leça do Bailio*. N.º1. Lisboa: setembro de 1935, (s/p).

BOTELHO, Maria Leonor & FERREIRA, Susana Gomes – «O Museu de Santa Maria de Lamas: História de um Museu e do seu relançamento» in FREITAS, Ana [et al.] – *Imaginária Feminina na Arte sacra portuguesa. Processos de conservação e restauro*. Coleção do Museu de Santa Maria de Lamas. (s/l): Multitema, 2005, pp. 15 – 19.

CARDONA, Paula Cristina Machado - «A talha da fase final do Barroco e a escola regional do Alto-Minho. O caso da Ordem Terceira de Ponte de Lima» in *VI Seminário Internacional Luso-Brasileiro Os Franciscanos no Mundo Português III. O Legado Franciscano*. Porto: CEPESE / Setembro de 2013, pp. 863, 864, 865 e 867.

CASA DO POVO DE SANTA MARIA DE LAMAS – *Guia do Museu de Santa Maria de Lamas*. Santa Maria de Lamas: Casa do Povo de Santa Maria de Lamas, 1985.

CLETO, Joel & FARO, Suzana - «Museu de Santa Maria de Lamas, Feira. Um sonho de cortiça» in *O Comércio do Porto*. *Revista Domingo*. Porto: janeiro de 2000, pp. 21 e 22.

COELHO, Sofia Thenaisie – «Imaginária Feminina na Escultura Sacra Portuguesa. Processos de conservação e restauro. Uma exposição sobre o universo interior da Arte». In FREITAS, Ana [et al.] – *Imaginária Feminina na Arte sacra portuguesa. Processos de conservação e restauro*. Coleção do Museu de Santa Maria de Lamas. (s/l): Multitema, 2005, pp. 9 - 13.

COSTA, Pe. António Carvalho da - *Corografia Portuguesa, e descriçam topografica do famoso reyno de Portugal, com as noticias das fundações das Cidades, Villas, & Lugares, que contém; Varões illutres, Genealogias das Famílias nobres, fundações de Conventos, Catalogos dos Bispos, antiguidades, maravilhas da natureza, edifícios, & outras curiosas observaçoens*. Lisboa: Of. Valentim da Costa Deslandes, 1708, (s/p).

*Diário do Minho.* (s/l): segunda feira, 30 de maio de 1960, (s/p).

DIAS, Pedro & GONÇALVES, A. Nogueira – «Lamas» in *História e Arte: Concelho de Vila da Feira*. Vila da Feira (Santa Maria da Feira): Câmara Municipal de Vila da Feira (Santa Maria da Feira), 1979, pp. 19 – 26.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – *A Arte da Talha no Porto na Época Barroca (Artistas e Clientela. Materiais e Técnica). Documentos e Memórias para a História do Porto*, Vol. I. Porto: Arquivo Histórico / Câmara Municipal do Porto, 1989, p. 39.

FERREIRA-ALVES, Natália Marinho – «Pintura, Talha e Escultura (séculos XVII e XVIII) no Norte de Portugal» in *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património*. I Série, vol. 2. Porto: 2003, p. 735.

GONÇALVES, A. Nogueira - «Colecção do Comendador Henrique Amorim» in *Inventário artístico de Portugal*. Vol. 10. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes, 1959–1981, pp. 85 e 86.

*História da Indústria em Portugal*. Fascículo XI. (s/l): janeiro de 1961, (s/p).

JUNTA DE FREGUESIA DE DELÃES - *Guia turístico / Boletim da Junta de Freguesia de Delães*. Delães: Junta de Freguesia de Delães, (s/d), pp. 10, 11, 14 e 15.

LAMEIRA, Francisco – «O retábulo em Portugal: o Tardobarroco e o Rococó (c. 1746 – c. 1787)» in *Promontoria*. Ano 4, n.º 4, (s/l): 2006, pp. 353 e 355.

LEAL, Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho [et al.] - *Portugal antigo e moderno: dicionário geográfico, estatístico, chorográfico, heraldico, archeológico, historico, biographico e etymológico de todas as cidades, villas e freguesias de Portugal e grande número de aldeias*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira, 1873, (s/p).

MIRANDA, Jorge – *Sobre a Lei de Separação do Estado da Igreja de 1911*. (s/l): Instituto de Ciências Jurídico-políticas / Centro de Investigação de Direito Público, (s/d), pp. 1-17.

MONCADA, Miguel de Cabral - «A evolução da escultura sacra portuguesa na colecção de Henrique Amorim» in FREITAS, Ana [et al.] – *Imaginária Feminina na Arte sacra portuguesa. Processos de conservação e restauro. Colecção do Museu de Santa Maria de Lamas*. (s/l): Multitema, 2005, pp. 33 - 35.

MOREIRA, António – «Alberto Fernandes há 35 anos a zelar pelo Museu H. Amorim» in *União. Mensário de Santa Maria de Lamas*. Ano X, n.º 95. Santa Maria de Lamas: agosto de 1984, p. 8.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão: sábado, 7 de setembro de 1946, (s/p).

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Ano V (XXIV). Vila Nova de Famalicão: Sexta-feira, 22 de janeiro de 1960, (s/p).

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Ano V (XXIV). Vila Nova de Famalicão: Sexta-feira, 19 de fevereiro de 1960, (s/p).

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Ano VI (XXV). Vila Nova de Famalicão: Sexta-feira, 22 de abril de 1960, p. 3.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão: 06 de maio de 1960, p. 1.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão: sexta-feira, 20 de maio de 1960, pp. 1 e 3.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*. Vila Nova de Famalicão: 08 de julho de 1960, p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão: 23 de setembro de 1960, p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão. (30 de setembro de 1960), p. 7.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão: 07 de outubro de 1960, p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão: 14 de outubro de 1960, p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão: 21 de outubro de 1960, p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão: 28 de outubro de 1960, p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão: 11 de novembro de 1960, p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão: 18 de novembro de 1960, p. 2.

*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista.* Vila Nova de Famalicão: 25 de novembro de 1960, p. 2.

*O Comércio do Porto.* Porto: quarta feira, 8 de junho de 1960, (s/p).

OLIVEIRA, Eduardo Pires de - «Os alvares do rococó em Guimarães» in *Barroco: Actas do II Congresso Internacional.* Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras. Departamento de Ciências e Técnicas do Património, 2003, p. 181.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de - «André Soares em Guimarães» in *Monumentos. Cidades, Património, Reabilitação.* N.º 33. Guimarães: abril de 2013, pp. 66 e 67.

PEREIRA, José Fernandes & PEREIRA, Paulo – *Dicionário da Arte Barroca em Portugal.* (s/l): Editorial Presença, 1989, p. 416.

OLIVEIRA, Eduardo Pires de - «André Soares e a Arte do retábulo» in GLÓRIA, Ana Celeste (coord.) - *O Retábulo no espaço Ibero-americano: Forma, função e iconografia.* Volume I. Lisboa: Instituto de História da Arte, 2016, p. 123.

ROCHA, Manel Joaquim Moreira da – «Arquitectura Religiosa Barroca em Braga» in *Revista da Faculdade de Letras. Ciências e Técnicas do Património.* Vol. IX-XI, Porto: 2010-2012, p. 340.

SANTOS, Carlos Oliveira - *Amorim. História de uma Família (1870-1997). 1.º Volume: 1870-1953.* Mozelos: Grupo Amorim, 1997, pp. 33 - 93.

SMITH, Robert - «A Arte Barroca de Portugal e do Brasil» in *Panorama. Revista Portuguesa de Arte e Turismo.* N.º 38, Vol. 7. (s/l): 1949, (s/p).

SMITH, Robert – *A Talha em Portugal.* Lisboa: Livros Horizonte, 1963.

SMITH, Robert C. – «Frà Giuseppe di Sant'Antonio, mobiliere beneditino del settecento in Portogallo» in *Antichità Viva.* N.º 4 (5-6). Florença: 1965.

SMITH, Robert - *The art of Portugal 1500-1800.* London: Weidenfeld and Nicolson, 1968.

SMITH, Robert - *Frei Cipriano da Cruz escultor de Tibães.* Porto: Civilização, 1968.

SMITH, Robert - «Caixilhos de talha barroca» in *Colóquio.* N.º 52. Lisboa: 1969, pp. 3-8.

SMITH, Robert - «As sacras de Singeverga. Elementos para o estudo da ourivesaria bracarense de estilo rococó» in *Colóquio*. N.º 55. Lisboa: 1969, pp. 21-28.

SMITH, Robert – *Marceliano de Araújo escultor bracarense*. Porto: Nelita ed., 1970.

SMITH, Robert - «Baroque and rococo Braga: documenting eighteenth century architecture in northern Portugal» in *Proceedings of American Philosophical Society*. N.º 115 (3). Philadelphia: 1971, pp. 214-220.

SMITH, Robert - «Matias de Lis de Miranda em Braga e na Póvoa de Varzim» in *Póvoa de Varzim*. N.º 10 (1). Póvoa de Varzim: 1971, pp. 5-28.

SMITH, Robert - *Três estudos bracarenses*. Braga: Livraria Cruz, 1972.

SMITH, Robert - *Frei José de Santo António Ferreira Vilaça*. Vols. 1 e 2. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

SMITH, Robert - «A sacristia do Tesouro da Sé Primacial» in *Bracara Augusta*. N.º 24. Braga: 1972, pp. 3-27.

SMITH, Robert – *André Soares: arquitecto do Minho*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973.

SMITH, Robert - «André Soares, the rebirth of an architect» in *The Journal of the American Portuguese Cultural Society*. N.º 3. New York: 1973, pp. 6-22.

SMITH, Robert - «Três artistas de Braga (1735-1775)» in *Bracara Augusta*. N.º 17 (76). Braga: 1974, pp. 495-513.

TWARDOWSKY, Karin – «O Museu de Santa Maria de Lamas» in *Jornal Actual*. (s/l): maio de 1994, (s/p).

*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*. Ano I, n.º 5. Santa Maria de Lamas: dezembro de 1974.

*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*. Ano III, n.º 31. Santa Maria de Lamas: fevereiro de 1977.

*União. Mensário de Santa Maria de Lamas*. Ano IV, n.º 39. Santa Maria de Lamas: fevereiro de 1978.

UZEDA, Helena Cunha de - «Os espaços nas exposições museológicas: atualizando percepções e significações» in *Museologia e Patrimônio*. Vol. 11, n.º 1. Rio de Janeiro: 2018, p. 67.

VIEIRA, José Augusto – *O Minho Pittoresco*. Lisboa: Livraria de Antonio Maria Pereira, 1886, (s/p).

**Fontes e bibliografia derivada de recortes jornalísticos desprovidos de dados específicos para correta referência bibliográfica:**

“*Jornal de Riba d’ Ave* de 31 de agosto de 1963” – Artigo de periódico ausente de referência de série, volume ou número – cf. *Jornal de Riba d’ Ave*. Riba D’ Ave: 31 de agosto de 1963.

“*Jornal de Famalicão, 1963*” – Recorte de periódico ausente de referência de série, volume, número ou datação exata – cf. *Jornal de Famalicão*. Vila Nova de Famalicão: 1963.

“*O Primeiro de Janeiro*”, artigo anterior a 8 de setembro de 1963 - Página de jornal periódico ausente de qualquer tipo de referência de série, volume, número ou datação exata – cf. *O Primeiro de Janeiro*. Porto: 1963.

Aquando do desenvolvimento de diversos procedimentos de Conservação e Restauro aplicados, entre junho de 2019 e os primeiros meses de 2020, numa escultura de Imaginária religiosa de século XVIII alheada de referências de proveniência e representativa da iconografia de “*Nossa Senhora da Lapa*”, foi extraído um fragmento de jornal inadvertidamente colocado no seu interior – após incorporação no Museu ou antes desse processo - para suprir, através de preenchimento, uma área de mutilação da base desta obra. Curiosamente, desprovido de referência de título, número ou série, mas com alguns pormenores textuais passíveis de o enquadrar cronologicamente no dia 24 de dezembro de 1960, este extrato de jornal / periódico decerto famalicense (próximo do território delaense) – e cujo grafismo, publicidade e ícone de assinatura do artigo, sem irrefutabilidade, indicia similitude ao periódico “*Notícias de Famalicão. Semanário católico regionalista*” - contempla um artigo, com diversas fendas que impedem a percepção total do seu texto e em formato de “Relatório de contas”, sublinha alguns dos apuros de uma das diferentes iniciativas, talvez cortejos ou leilões, nos quais a população da Vila e Paróquia de *Delães* se aplicou afinadamente para angariar fundos em virtude do levantamento da “Igreja Nova” do *Divino Salvador de Delães*.

**Recursos eletrónicos:**

**Arquivo digital da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian - <https://gulbenkian.pt/biblioteca-arte/> & <https://www.flickr.com/photos/biblarte/9618940833>**

<https://www.flickr.com/photos/biblarte/9618940833/in/photostream/> - 14/05/2020, 23 h 03 m.

Arquivo Digital “Famalicão ID” - <http://www.famalicao.org/>  
<http://famalicao.org/inweb/ficha.aspx?ns=215000&id=400> – 18/05/2020, 09 h 47 m.

<http://famalicao.org/inweb/ficha.aspx?ns=215000&id=400> – 19/05/2020, 10 h 52 m.

<http://famalicao.org/inweb/ficha.aspx?ns=215000&id=400> - 04/06/2020, 16 h 09 m.

**Biblioteca Municipal de Famalicão – Biblioteca Camilo Castelo Branco - <http://www.bibliotecacamilocastelobranco.org/>.**

<http://www.bibliotecacamilocastelobranco.org/?co=120&tp=4&cop=122&LG=0&mop=160&it=page> – 28/05/2020, 16 h 26 m.